This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

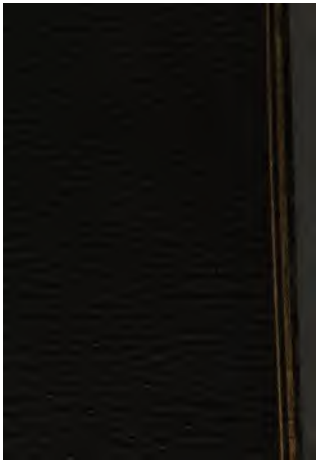
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`



20/1/95 Price
a/-

~~276 b 1~~
Finch H. 8 ✓

Fine paper copy
bound by Lewis.
JR.

P.r Gérard del.t B.t Roger sculp.t

OS
LUSIADAS,

POEMA EPICO

DE LUIS DE CAMÕES.

NOVA EDIÇÃO CORRECTA, E DADA Á LUZ,

CONFORME Á DE 1817, IN-4°,

Por Dom Joze Maria de SOUZA-BOTELHO,

Morgado de Matteus, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

PARIS,

NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FIRMINO DIDOT,

IMPRESSOR DO REI, E DO INSTITUTO.

M DCCC XIX.

AVISO AO LEITOR.

A edição in-4° dos Lusiadas dada á luz pelo Senhor D. José Maria de Souza, ornada com estampas, e por mim impressa o anno passado, não tendo o destino de venda publica, e podendo unicamente obter-se do primor e generosidade do seu illustre editor; julguei fazer hum serviço agradavel á Nação Portugueza, e á sua litteratura, se, alcançando licença do dito Senhor, reimprimisse in-8°, e copiasse fielmente o texto do Poema, com a advertencia, a vida do Poeta, as notas, e os mais trabalhos litterarios que o Senhor Souza tem feito á esta epopéa. O nobre e sabio editor não somente me concedeo a faculdade por mim pedida; mas quiz tambem que ao seu precedente trabalho juntasse eu, n'esta edição, o que novamente fez este anno, depois de conferidas por elle as duas primeiras, e originaes edições de 1572, cujas variantes ficam sendo mais distinctamente conhecidas; bem como a certeza de primazia, entre huma e outra, pode ser agora mais exactamente

determinada; reluzindo outro-sim, com a maior evidencia, a superioridade de ambas sobre todas as que depois d'ellas se tem, em diversas epocas, publicado até os nossos dias. Para dar maior realce á minha empreza, permittio-me finalmente o mesmo Senhor de brindar o publico com a copia do retrato de Camões: assim os que amam Camões, e que se deleitam de litteratura portugueza, encontrarão n'esta minha edição o mais correcto texto, e a mais ampla prova do disvelo e curiosidade com que o incançavel editor se esmerou em dar ao Poema dos Lusiadas todo o esplendor que lhe he devido; honrando por este modo, e quanto lhe foi possivel, o glorioso nome de seu autor: pois até quiz ajudar-me a rever e corrigir as provas typographicas d'este livro, em que puzemos ambos o maior cuidado com o fim de obtermos que a sua publicação in-8°, visto o resguardo que requer a sumptuosidade da edição in-4°, possa, a par d'esta e na sua falta, supprir pela correcção e nitidez do seu texto as outras duas, hoje tão raras, de 1572; e assim satisfazer os desejos dos apaixonados estudiosos da litteratura portugueza.

Paris, trinta de dezembro, de 1818.

FIRMINO DIDOT.

ADVERTENCIA.

Todas as naçoẽs tem-se esmerado em dar á luz soberbas ediçoẽs dos seus primeiros Classicos, apurando com curioso desvelo os textos originaes, e ornando-os com todo o luxo da Typographia, do Desenho, e do Buril. He huma especie de monumento erigido aos autores assinalados que as illustraram, e he hum meio de conservar com mais resguardo os seus textos puros nas Bibliothecas publicas, e nas dos amadores de livros, que podem adquirir estas custosas ediçoẽs.

Os Lusiadas foram impressos pela primeira vez em Lisboa, no anno de 1572, na officina de Antonio Gonçalvez, tendo para esse fim obtido Luis de Camoẽs hum privilegio de dez annos, concedido por Alvará do Senhor Dom Sebastiaõ, em data de 1571. Os exemplares desta ediçaõ (cujo numero ignoramos) venderam-se tao promptamente, que no mesmo anno de 1572 foi este

Poema reimpresso pelo mesmo impressor. Não consta se o manuscripto tinha sido vendido, ou se as duas impressões foram feitas á custa de Luis de Camões; mas o que me parece claro he que elle assistio á impressão, ao menos da edição que tenho, e que a publicação foi feita com seu pleno consentimento; assim como he indubitavel que houve huma reimpressão no mesmo anno. A negligencia dos biographos de Camões, e dos editores primeiros que seguiram-se a dar novas edições foi tal, que nem Manoel de Lyra, nem Manoel Correa, nem João Franco Barreto, nem Manoel de Faria e Sousa na sua edição de Madrid, assim como Pedro de Mariz, e Manoel Severim de Faria, nenhum emfim faz menção de se terem feito duas edições dos LUSIADAS em 1572.

O primeiro que fallou dellas foi Manoel de Faria e Sousa na *segunda* vida que escreveo do Poeta, e que foi impressa *posthuma*, na frente da primeira parte das Rimas de Camões, aonde no §º 27 diz; « El gasto desta impression fue de « manera (tratando da edição de 1572) que el « mismo año se hizo otra... Y porque esto hade « parecer nuevo, y no facil de creer, yo asseguro

« que lo he examinado bien en las mismas dos « ediciones que yo tengo; por differencias de « caracteres; de ortografia; de erratas que hay en « la primera, y se ven emendadas en la segunda; « y de algunas palabras con que mejorò lo dicho.»

O Senhor Antonio Ribeiro dos Santos, e o Senhor Joaquim da Costa de Macedo, apoiam a exacção do que diz Faria; asseverando o segundo que cotejara as duas ediçoẽs, e apontara as differenças que nellas havia, consistindo a maior parte na orthographia.

Mas não obstante que Manoel de Faria dá a entender qual seja, na sua opinião, a primeira, e segunda ediçaõ, nenhum dos dous mencionados senhores as caracterisam, nem decidiram atéqui esta questão.

Eu tenho diante dos olhos dous exemplares de huma destas ediçoẽs, mas não pude ver, nem obter algum da outra para as confrontar: tão raras são hoje ambas! Sei porém que o exemplar de 1572, existente na Bibliotheca Real de Lisboa, he da ediçaõ differente dos meus exemplares, e assim espero alcançar dalli, e ajuntar a esta minha ediçaõ as liçoẽs varias das duas, e de

cidir talvez qual dellas he a primeira ou a segunda [1].

Durante a vida de Luis de Camoẽs não se fez outra reimpressão do seu Poema; mas depois da sua morte, em 1579, foram muitas e diversas as ediçoẽs que delle se fizeram.

Caracterisarei primeiramente as duas preciosas originaes de 1572, e depois ajuntarei a lista das que possuo, e tenho diante dos olhos, e das outras de que tenho noticia.

OS LVSIADAS de Luis de Camoẽs.

COM PRIVILEGIO REAL.

Impressos em Lisboa, com licença da sancta Inquisição, et do Ordinario: em casa de Antonio Gõçaluez Impressor.

1572.

Para melhor se distinguir esta preciosa ediçaõ, notarei aqui os signaes caracteristicos della. A sua forma foi denominada pelos Bibliographos, *quarto*, mas segundo a marca das folhas, he hum largo *outavo*. O frontispicio he ornado com huma tarja, que representa duas columnas dos lados, e parece

ter sido aberta em páo. Na segunda folha está impresso o privilegio d'ELRei passado em M.D.LXXI, a 24 de Setembro, o qual comprehende 34 regras de impressão. No *verso* da mesma folha acha-se a censura de Frey Bertholameu Ferreira, por mandado da Inquisição. Segue-se na terceira folha o principio do Poema que apparece assim:

OS LVSIADAS
DE LVIS DE
CAMÕES.

Canto Primeiro.

E *debaixo*, as duas primeiras estancias, cujo principio he da maneira seguinte:

AS armas, & os ba-

enchem a primeira regra, e são em lettra redonda, dita romana; e o resto deste primeiro verso, posto debaixo della, assim como os outros versos, em lettra grifa, dita italica. Não ha numeração nas estancias, e a paginação he somente notada nas primeiras paginas, ditas *folio*, de cada folha, e não no *verso* dellas: o ultimo numero he 186

(total 188), e no *verso* desta pagina estão impressas as duas ultimas estancias, e *FIM.*

Este exemplar, muito bem conservado, me foi confiado por Lord Holland, com huma generosidade digna do seu amor da litteratura, e huma benevolencia para mim, de que lhe peço queira receber aqui os meus vivos agradecimentos.

Possuo outro exemplar de 1572, que devo á amizade de meu sobrinho Visconde da Lapa.

Confrontando estes dous exemplares, achámos, M. F. Didot e eu, que eram da mesma edição, com a unica differença que no de Lord Holland, as folhas 41 e 42, 47 e 48, tinham sido impressas com hum caracter mais novo, e nellas se viam emendados erros typographicos, que existem no outro (taes como C. III, est. 19, v. 3, *Austrias* por *Asturias*, e no v. 6, *castelhauo* por *castelhano;* est. 20, v. 3, *acaha* por *acaba;* est. 22, v. 6, *decreto, do ceo,* por *decreto do ceo;* est. 24, v. 6, *mostrarãa* por *mostrarão;* est. 62, v. 2, *affamdas* por *affamadas;* est. 63, v. 3, *argenta* por *argento*, v. 6, *Mos* por *Nos*), deforma que nos foi evidente terem sido estas folhas substituidas por correcção. Mas como succede ás vezes nestes casos, desco-

brimos que o impressor, corrigindo estes erros e outros, commettera dous novos na est. 58, v. 2, pondo *conduzidas* por *conduzidos*, e na est. 65, v. 3, *ajudados* por *ajudado*.

Na edição da Bibliotheca Real, tambem de 1572, a forma da tarja he mais larga e curta, e a lettra do rosto menor do que a desta precedente. O privilegio d'ElRei D. Sebastião, dado em 24 de Setembro de 1571, he impresso com caracteres menos grossos; e differe tambem do da outra na partição das palavras, no principio das regras, desde a 22ª até o fim. A lettra da licença da Inquisição he mais grossa do que na edição que tenho, e a lettra da assignatura de Frey Bertholameu Ferreira he mais miuda.

Assim as duas edições poderão distinguir-se por estes signaes caracteristicos, que o Senhor Joaquim de Macedo, assim como o Senhor Anastasio Joaquim Rodriguez, a rogo meu, me communicaram de Lisboa.

O Padre Thomás de Aquino diz que a primeira edição, impressa depois destas, foi dada por Manoel de Lyra em 1584. Diogo Barbosa Machado não faz della menção, nem eu a vi.

Existe em Lisboa outra de que tenho agora noticia, por hum amigo fidedigno: he em *outavo* tão pequeno que parece 16°.

OS LVSIADAS

De Luis de Camoes.

Agora de novo impresso com algũas anotações de diuersos Autores.

Por Manoel de Lyra. Em Lisboa. Anno 1591. Esta edição tem as outavas numeradas. Não tive occasião de a ver.

OS LVSIADAS

DE LVIS de Camões.

Polo original antigo agora nouamente impressos. EM LISBOA, Por Manoel de Lyra, 1597. A custa de Esteuão Lopez mercador de liuros.

Este tinha obtido privilegio em 1595 que vai transcripto no *verso* da segunda folha, ou na 4ª pagina. He em *outavo*. Com que autoridade, ou licença, tinha imprimido Manoel de Lyra o Poema em 1584?

Diogo Barbosa nota huma edição feita em 1607 por Crasbeeck. O Padre Thomás de Aquino refere

outra dada á luz em Lisboa, 1609, pelo mesmo impressor, e dedicada por Domingos Fernandez a D. Rodrigo da Cunha. Não vi estas duas, e assim não posso julgar da sua fidelidade, e merecimento.

Tenho porém a que imprimio o sobredito Pedro Crasbeeck em Lisboa, no anno de 1613, que tambem he dedicada a D. Rodrigo da Cunha por Domingos Fernandez seu livreiro, com os commentos de Manoel Correa, em 8° largo. He bem provavel que esta faça pouca, talvez nenhuma differença da de 1609, de que falla o Padre Thomás. Se assim he, a affirmação do mesmo Padre, que a dita edição concorda com a de Manoel de Faria e Sousa, he inexacta.

Igualmente tenho presente a edição, em pequeno 18°, dada por Pedro Crasbeeck, no anno 1631, corrigida por Joam Franco Barreto, em razão dos vicios, diz elle, com que tão corrupto andava (o Poema) nas outras edições.

Lvsiadas de Luis de Camoens, comentadas por Manuel de Faria i Sousa. Quatro tomos folio,

año 1639. En Madrid, por Juan Sanchez. (Inclusas 5 folhas inteiras, e debaixo de cada marca A, B, etc.).

Lusiada Poema Epico de Camoẽs, etc. illustrado com varias, e breves notas, e com hum precedente apparato do que lhe pertence, por Ignacio Garcez Ferreira; 2 tomos em peq. 4°.

Em Napoles o I° 1731, em Roma o II° 1732.

Obras de Luis de Camões. Segunda edição, da que, na Officina Luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779, e 1780; 5 vol. 12°. Lisboa. Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. Anno 1782. Desta foi editor o Padre Thomás Joseph de Aquino.

Lusiadas de Luis de Camoens: em pequeno 16°. Coimbra, na Imprensa da Universidade. 1800.

Nenhuma destas ediçoẽs pode comparar-se com qualquer das muitas e boas, aindaque reputadas ordinarias, que todas as naçoẽs possuem copiosamente dos seus Classicos (2).

As que acabo de numerar são todas mal impressas, sobre hum papel muito inferior, com

typos mal abertos e muito mediocres, e com pouca correcção typographica.

Deste defeito grave nenhuma dellas he isenta, nem mesmo as de Manoel de Faria, e do Padre Thomás de Aquino, que aliás se jactam da sua correcção; de forma que ainda neste sentido, não tem razão de tanto declamarem contra as primeiras, nas quaes verdade he que se encontram erros typographicos, mas em menor numero do que elles pretendem.

Não são porém estes defeitos os de que eu arguirei os editores sobreditos; mas sim os accusarei todos perante o publico, do attentado escandaloso de terem alterado e corrompido o texto original das primeiras edições, impressas debaixo dos olhos de Camões, e publicadas com a sua autorisação, e isto sem allegarem hum só fundamento solido, nem plausivel, para lhe ser perdoada huma tal liberdade [3].

Não ignoro que corre huma tradição vaga, de que a primeira edição original fora viciada na impressão, e que por essa causa Luis de Camões fizera imprimir a segunda corrigida por elle. Esta tradição originou-se, ou tomou mais consistencia

do lugar acima citado de Manoel de Faria. Mas nenhum editor allegou esta razão, mostrando as lições varias das duas edições originaes, e caracterisando a *primeira* e a *segunda*. Pelo contrario será evidente a todos os que consultarem a edição de Manoel de Faria, que elle, quando deo esta em Madrid, não tinha noticia alguma de duas edições de 1572, mas só de huma que chama em muitos lugares *el original;* o que não lhe obstou para deixar de separar-se delle.

De tudo quanto se tem publicado nesta materia não pode colligir-se certeza de qual das duas edições de 1572 seja a mais correcta; e de quanto eu pude averiguar não resulta outra noticia, senão que differem na sua orthographia, a qual não estando fixada ainda em Portugal, he cousa de pouco momento; e que fóra disso não são grandes, nem muito essenciaes as differenças. He positivo que Manoel de Faria não sabia, quando publicou o Poema, que existiam estas duas edições. De mais, o que elle diz no §º 27 da segunda vida não he sufficiente para distinguir qual he a primeira ou segunda edição nesses exemplares de 1572.

O que será evidente a todo o homem versado em Litteratura, e na lição da boa poesia, examinando os exemplares deste original de 1572 que tenho presente, e o que poderá dizer, he, que não ha huma estancia, huma pagina, em que não se reconheça ter sido feita a impressão sobre o manuscripto de Camões. Até a sua pontuação singular de certo modo o denota, mostrando onde o Poeta queria se fizesse huma maior ou menor pausa, sem lhe importar ás vezes a construcção da phrase, sendo (se he licito servir-me desta expressão) como notas da musica com que elle queria fossem recitados os seus versos. Faz-se difficil de crer que esta apparente irregularidade procedesse de negligencia do Poeta, ou de culpa do impressor, ainda que deste notei varios erros evidentes nesta parte; assim como a falta dos caracteres do ponto e virgula, e do ponto de admiração, que não se acham nesta edição.

He inaudito pois, e não ha hum só exemplo na historia da litteratura, que editores subsequentes, sem allegarem hum só fundamento, senão o pretexto das duas edições, e o de ter alguns erros de impressão o primeiro original (no que con-

venho), sem nos citarem hum manuscripto autographo, ou authentico de Camões, nem ainda notarem hum exemplar dessa segunda ediçaõ, que pretendem corrigida por elle, ousassem mudar e alterar o seu texto original. Todos saõ culpados, e sobre todos o famoso Manoel de Faria e Sousa.

Manoel de Lyra cumprio a promessa da sua ediçaõ ser feita sobre o original antigo, pois o segue assaz fielmente, com poucas excepçoẽs, e até na pontuaçaõ; o que he huma prova que em 1597 aquella primeira ediçaõ, que acima notei e caracterisei, era considerada o melhor original. Mas aos ouvidos timoratos de Lyra, ou de Estevam Lopez, e ao seu debil juizo pareceram offensivas as est. 36 do Canto II, e dous versos da est. 99 do Canto VIII, e as est. 71, 82 e 83 do Canto IX, pelo que ousaram substituir-lhe outras, que saõ superlativamente más de poesia, e por extremo ridiculas.

Domingos Fernandez, ou Pedro de Mariz, porque naõ devo accusar Manoel Correa, que era morto quando imprimiram os seus Commentos, tambem se atreveram a alterar o texto de Camões em par-

tes, sem mesmo se dignarem dar as razões dessa alteração.

João Franco Barreto pretendeo corrigir tambem o texto; e na verdade me he penoso que hum dos nossos melhores poetas cahisse nesta culpa, devendo reconhecer a superioridade de Camões.

Mas Manoel de Faria mais culpado que todos, pois alterou em infinitos lugares o original, merece que eu me demore mais com elle, e que o faça julgar pelas mesmas palavras, com que censurou os outros, e com que pretendeo illudir o publico.

No Prologo pag. 14 principia por dizer: *El mayor servicio que hago a los deseosos de la perfecion del texto de un Autor tan grande, es darse le impresso por el mismo original, conferido con dos manuscritos antiguos.* Mais abaixo mostrarei o que elle chama, *el mismo original*, e quaes são, e que autoridade podem ter *estes dous manuscriptos*, advertindo que não faz mençaõ de outros.

No seu commento á est. 61 do C. IV, pag. 349, repete: *Yo le doy agora a la estampa en su mismo original, aviendole purgado de lo que*

visiblemente eran yerros della : i los principales apuntarè sobre el verso 6 *de la est.* 21 *del c.* 9.

Ahi pois nos declara a ediçaõ que elle Faria chama *original. La primera impression deste Poema, a la qual yo llamo original*, etc. Depois enumera os erros suppostos, ou verdadeiros, desta primeira impressaõ. Estes se acham todos na ediçaõ que eu tenho presente, e que julgo como elle a *original.*

No commento á est. 77 do C. VII, pag. 344, torna a dizer : *Pero estando el* venerando, *en el original (que assi llamamos a la primera impressiõ, por aver assistidola el Poeta) es fuerça*, etc.

He portanto evidente, que Faria entende pelo *original* a mesma ediçaõ, que eu assim chamo; e concordo de mais com este editor, quando diz no seu Comm. á est. 40 do C. IV, pag. 312 : *I, aunque bien o mal está mejor, es grande culpa de atrevimiento, la de enmendar el texto:* nas quaes palavras pronunciou contra si mesmo o juizo e a condemnaçaõ, pois foi elle quem mais alterou o *texto.*

Diraõ alguns com o Padre Thomás de Aquino, que Manoel de Faria poude faze-lo, por possuir dous antigos MS. preciosos, que conferio com o original, e pelos quaes emendou este.

Examinarei o credito que merecem estes MS. pelo que delles diz o mesmo Faria pag. 37, 38, e 39 da Vida do Poeta: *El primero, i de mas estima, apareciò entre unos libros viejos de un librero de Madrid.* (Descobrio-o Faria quando já tinha começado a sua impressão). *Primeramente està escrita de letra buena, i conocida, porque es la misma de que Iuan de Barros tenia escrita su quarta Decada, que yo vi*, etc. *Fenece esta copia con esta declaracion:* « Estes seys cantos se fur-
« taraõ a Luis de Camoẽs da obra que tem come-
« çado sobre o descubrimento, e conquista da India
« por os Portugueses. Vam todos acabados, excepto
« o sexto, que posto que vay aqui o fim delle, fal-
« talhe hũa historia de amores que Leonardo con-
« tou estando vigiando, que ha de prosiguir sobre
« a Rima 46. onde logo se sente bem a falta della;
« porque fica fria, e curta a conversaçam dos vigian-
« tes; e o propio canto mais breve que os outros. »
Esto confirma bien el verse que esta copia es antes de su partida (de Camoẽs) *para la India... Apenas ay estancia en estos seis cantos, que no tenga alguna alteracion en lo que imprimiò... estancias mudò enteras, o quitò, o añadiò*, etc.

Esta copia pois teria acaso sido ordenada por Luis de Camões, e ter-lhe-hia sido furtada depois? Ou seria por ventura feita fraudulentamente sobre o seu manuscripto, e borrador que elle tinha communicado, ou seria tirada ás furtadelas por alguma infidelidade? A primeira supposição não he admissivel, sendo pouco provavel que o Poeta désse a copiar hum manuscripto seu informe, de huma obra que não tinha acabado; e em que trabalhava, e trabalhou muito tempo depois. Quando assim fosse, este MS. seria copia de copia, e por consequencia sujeito aos infinitos erros dos amanuenses. A segunda supposição ainda faz mais crer os muitos erros que se commetteriam em huma copia feita a medo, á pressa, e ás furtadelas.

De qualquer maneira que fosse feita esta copia, sendo ella do tempo em que Camões principiava o seu Poema, na idade de 25 annos, e 22 annos antes delle o dar ao prelo, este MS. só poderia, e deveria considerar-se, caso fosse da propria mão do Poeta, como huma curiosidade, para mostrar quanto elle estudava e corrigia a sua obra. Mas, para dar-lhe alguma autoridade, para considerar estas primeiras linhas do Poeta deitadas

no papel como lições varias, para mudar em consequencia dellas o original correcto, que Camões mandou á impressão, he necessario estar inteiramente allucinado. As estancias, que Manoel de Faria se recrea em nos dar nos seus commentos, são muito e muito inferiores ao engenho de Camões, e só poderiam desculpar-se, admittindo que sejam delle, em razão de serem ensaios de mocidade. He pois huma injuria feita a este grande Poeta, o publica-las junto ao texto.

Que se diria em Italia, se hum editor intentasse hoje dar a *Gerusalemme* do Tasso, corrigida pelo manuscripto, que se lhe furtou, e foi impresso em Veneza antes delle dar á luz este Poema? Peior ainda fez Manoel de Faria, enganando os editores que o seguiram, a respeito de Camões.

Do Segundo MS. (o qual não era antigo) direi, que me causa ainda maior espanto poder existir alguem, tão falto de siso, que fizesse delle o menor apreço. He escripto por hum escuro Manoel Correa Montenegro (segundo o refere Faria, pag. 39), que tinha tenção de publicar, ou para melhor dizer, de mascarar os Lusiadas : e diz

com notavel intrepidez e desenvoltura, na Dedicatoria (que já tinha composto para o Duque de Bragança), « Encontrey os dias passados esta obra, « e determiney restituila, e emendala de muitos « erros, etc. » E depois no prologo continua: « Determiney fazer imprimir esta obra... Avemos « buscado hũ original dos mais antigos, ao qual « naõ falta nada de quanto o Poeta escreveo. » E mais a baixo: « Entrando na materia mudamos « todos os versos Esdruxulos, i agudos, por ser « muy mal parecidos em estilo heroico, ao menos « no tempo de agora: trocamos alguãs palabras « por outras ao parecer melhor soantes, etc. » *I confiessa*, diz Faria, *que dà añadidas en aquella copia algunas octavas, que parece reprovò el Poeta al imprimir el Poema*. E no segundo vol. pag. 659: *I porque es más facil dezir, lo que dexò de dañar que lo dañado, digo, que de todo este Poema solamente* 132. *estancias dexò* (Montenegro) *en el ser que el Poeta les diò.*

Isto basta para convencer os mais rebeldes que este MS. não merece credito algum: mas quando não satisfaça, abra-se o tomo II de Faria, pag. 658, e leia-se a estancia que elle dá como hum exem-

plo do modo por que o versejador Montenegro emendou os versos agudos da est. 119 do Canto X: examinem-se mais as liçoẽs varias que Faria escolheo deste MS., e ver-se-ha claramente que nem huma só deixa de mostrar ser obra do Montenegro. As estancias, que Faria dá como omittidas, pertencem certamente, pela mesma razaõ de sua falta de poesia, e de siso, ao dito Montenegro. As dez, depois da estancia 73 do Canto X, cantadas por Tethys, saõ por extremo despropositadas, até pela sua propria incoherencia. As outras dez, que dá depois da est. 72, em que se falla dos feitos bellicos dos Portuguezes na Europa, onde entaõ estavam em paz; e dos successos do Vice-Rei D. Luis de Ataide na India, em 1571, cuja noticia naõ podia chegar a Lisboa senaõ em 1572, mostram evidentemente naõ serem de Camoẽs. Faria fez esta observaçaõ; mas era tal a sua allucinaçaõ, que se obstinou a da-las como de Camoẽs, sem reparar na improbabilidade de que o Poeta as fizesse e omittisse, no mesmo momento, ao tempo da impressaõ, e que as confiasse a Montenegro.

E com taes fundamentos para desprezar estes

manuscriptos, e para não dar-nos as suas pretendidas lições varias, e estancias omittidas, que conceito se pode formar do discernimento de Manoel de Faria, quando se jacta deste famoso achado, e quando annuncia dar hum texto correcto, e perfeito, por haver conferido o original com semelhantes manuscriptos?

Julgo ter demonstrado que Manoel de Faria não teve motivo justo, nem autoridade em que podesse fundar-se, para mudar como fez, e mais que todos os outros editores, o texto original de Camões.

Ignacio Garcez Ferreira alterou e viciou igualmente na sua edição o original de 1572; mas quando se lem os seus commentos, escriptos na mais baixa linguagem, e as censuras atrevidas que a sua incapacidade profere contra Camões, não pode causar admiração de que usasse da mesma licença que os outros editores.

O Padre Thomás Joseph de Aquino seguio Manoel de Faria, e assim adoptou todas as alterações com que elle viciou o original: mas por não fazer menos que qualquer dos outros editores, fez duas ou trez mudanças de mais que Faria no texto. A edição da Universidade pouco

differe das de Manoel de Faria e do Padre Thomás.

Emfim pode conjecturar-se que se novos editores continuassem á maneira destes, em pouco tempo teriamos huma ediçaõ, qual projectava darnos Montenegro, em que pouco ou nada se acharia do nosso Poeta.

Naõ se julgue que exagero a calamidade de que estavamos ameaçados, e o mal que nos fizeram estes editores. Considere-se que a ediçaõ de 1572 he hoje taõ rara, que eu naõ tenho noticia de existirem em Portugal mais de cinco exemplares; e nos paizes estrangeiros todas as minhas diligencias naõ puderam descobrir senaõ este de Lord Holland. Assim se este raro numero de exemplares se perdesse, ou se os donos delles os naõ quizessem communicar, naõ haveria possibilidade de restaurar o texto. O mal já he taõ grande que a maior parte das pessoas hoje em dia só conhecem os Lusiadas, pelas ediçoẽs corrompidas, e muito corrompidas dos ultimos editores.

Continuando as minhas observaçoẽs sobre elles direi, que naõ somente se apartaram da orthographia do original de Camoẽs, mas foram differentes

entre si, e até não seguiram hum systema uniforme e sem discrepancia. O Padre Thomás de Aquino requintou nesta parte sobre todos os outros: porque acham-se na sua edição todos os modos de *orthographiar* esta ou aquella palavra, desde o tempo anterior a Camões até os nossos dias. Ha tal palavra que apparece com trez e quatro orthographias. Emfim foi procurar nas chronicas de Gomez Annes de Zurara e de Ruy de Pina a orthographia dos amanuenses daquelle tempo; de *bõos*, de *hũus*, de *tẽes*, (e não sei porque não copiou *razooens* e outras), para mascarar de hum modo ridiculo o Poema de Camões, em cujo original tal orthographia não se acha. Alem disso continuou com as abbreviaturas de palavras que todas as nações tem reprovado, e rejeitado. Não reparou mesmo que naquelle tempo, quando a arte da impressão estava menos apurada, muitas destas abbreviaturas tinham sido exigidas por causa do que os impressores chamam *linha* de *justificação*, que os versos mais longos excediam, o que ás vezes os obrigava a dobralos, como se pode ver em algumas edições. Dos graves inconvenientes destas abbreviaturas (par-

ticularmente pelo abuso do *til*) se vem muitos exemplos nas ediçoẽs deste Poema, aonde deram motivo a viciarem-no, julgando errados alguns dos seus versos.

Depois destas observaçoẽs, seja-me concedido expor os motivos que me dirigiram, e as diligencias, e cuidado que empreguei para obter que esta ediçaõ possa ser bem acceita da minha Naçaõ e do publico esclarecido: principal objecto este dos meus esforços, e votos.

O meu primeiro cuidado foi o de dar puro o texto original do Poema, expurgado das mudanças, com que o tinham viciado os subsequentes editores, e restituido conforme á ediçaõ *Princeps* de 1572, dada por Camoẽs, impressa debaixo dos seus olhos (4). Para este fim procurei hum exemplar daquella ediçaõ, e tendo obtido felizmente hum muito bem conservado, conferi com elle escrupulosamente as provas desta minha ediçaõ, para que naõ houvesse a menor differença no texto. Emendei unicamente os erros de impressaõ que no original existiam, e eram como taes evidentes ainda a pessoas pouco instruidas. Ousando corrigir o texto original em alguns lugares que me

pareciam errados por negligencia dos impressores, ou do revisor das provas, mas cuja evidencia poderia não ser tão manifesta a todos, aqui os noto para que em todo o caso os que não me approvarem possam conserva-los. Tal he o meu respeito por Camões, e pelo seu original, que com medo fiz estas pequenas mudanças, e com docilidade me submetto ao juizo e reprehensão do publico douto, se não merecer nisto a sua approvação.

Noto aqui estas mudanças:

Canto II, est. 13, a Ed *Princeps* tem:

Na moça de Titão a roxa fronte,

Puz em seu lugar,

Da moça de Titão a roxa fronte.

Julguei que era hum erro de impressão, porque, *no mundo* appareceo a roxa fronte, e *n'hum* momento, *no* rubido horizonte, *na* moça de Titão, desfeava a scena que o Poeta queria descrever, e que he línda e mais bem entendida desta maneira. A edição de Pariz dá assim o verso. Ella segue quasi sempre no poema a de João Franco Barreto, e não obstante a censura tão injusta como indecorosa do Padre Thomás, posso dizer que he mais correcta em typographia que muitas outras.

Canto II, est. 20, a Ed. Pr. tem, no 3° verso,

Cloto. Pareceo-me erro de impressão, por que não ha Nereida que se chame Cloto. Virgilio diz: *qualis Nereia Doto.*

Canto II, est. 41, a Ed. Pr. tem:

Lhe impedira a falla piedosa:

Puz em seu lugar,

Se lhe impedira a falla piedosa.

O primeiro verso poderá parecer certo, não fazendo a elisão do *e* com o *i;* mas julguei que o pensamento ficava assim mais claro, e o verso mais harmonioso: alem de que o *se* podia faltar alli por culpa do impressor, e todas as ediçoẽs, excepto a de Lyra, deram o verso desta maneira.

Canto III, est. 34, a Ed. Pr. tem, verso 5:

Em trabalho cruel o peito humano,

Puz, seguindo a outra edição de 1572:

Em batalha cruel o peito humano.

Porque no verso antecedente já havia a palavra *trabalho,* e este, de que queria fallar o Poeta, era a batalha de Valdevez. A repetição podia ser erro de impressão.

No Canto III, est. 133, a Ed. Pr. tem:

O nome do seu Pedro que ouvistes,

Puz em seu lugar,

O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,

pelas mesmas razões da mudança na est. 41, do Canto II.

Canto III, est. 93, a Ed. Pr. tem, verso 8:

..... Mais que tudo excellente,

Puz, *mais que todos*, pelas mesmas razões da mudança antecedente, e por causa da medida do verso.

No Canto IV, est. 52, a Ed. Pr. tem:

A vida de Senhor a feita escrava.

Deixei aindaque com muita repugnancia a alteração feita por todos os editores,

A vida de Senhora feita escrava.

Canto VI, est. 18, o original tem, *Camarões* repetido, o que podia ser pela differença com que os caracterisa, ou por negligencia. Na edição de 1613, comm. por Manoel Correa, mudou-se a repetição em *birbigões*, ou *breguigões*, o que todos depois seguiram. Fiz o mesmo porque a mudança he insignificante.

No Canto VI, est. 41, o 4º verso he dado assim, pela Ed. Pr.

Não fosse amores, nem delicadeza.

Na outra Ediçaõ de 1572 acha-se mudado,

Não soffre amores, nem delicadeza.

Deixei-o assim com os mais editores, mas não obstante as razões de grammatica, a outra lição parece-me mais poetica, porém na duvida não ousei conserva-la.

Na est. 32 do Canto VIII, a edição Pr. tem esta lição,

> Portugues Capitam chamar se deve,
> Mas mais de dom Nuno Alvarez se arrea.

A outra edição de 1572 tem a mudança

> Portugues Scipião chamar se deve,

e assim segui esta lição, não somente pela comparação que o Poeta faz do condestavel com o moço Scipião, na est. 20 do Canto IV, mas porque os dous versos não apresentariam da outra maneira hum sentido racional; e sem duvida o Poeta com o seu patriotismo quiz aqui antepor Dom Nuno Alvares á Scipião.

Julgo não ser necessario explicar as razões porque substitui em diversos lugares *com elle* a *co elle*, em razão do verso para melhor deixar de fazer-se elisão.

Devo explicar agora as razões que me obrigaram a deixar nesta edição alguns termos, que

outros editores consideraram como erros, ou arbitrariamente mudaram.

Deixei *idololatra* na est. 54 do Canto II, pela razão que o verso tem assim a medida certa, e fica mais bem sustentado : a palavra he latina, da qual derivamos, *idólatra*, e talvez o Poeta quiz alli conservar a sua origem. As duas ediçoẽs de 1572 tem esta lição.

Conservei, *No mais*, de preferencia a *Não mais*, na est. 67 do Canto III, e na est. 145 do Canto X, por ser evidente que Camoẽs o queria assim, visto que na mesma estancia, e em muitos outros lugares escreveo *não* e *nam*: demais, ha huma certa singeleza neste antiquado termo que me parece conveniente, sobretudo no ultimo lugar citado.

Se tambem conservei o termo *estregando*, na est. 39 do Canto VI, não foi por julgar, como alguns, que o nosso Poeta o fosse pedir á lingoa Castelhana; mas pela razão de que elle o derivasse do latino *extergo*, tendo o vocabulo *esfregar* perdido talvez a nobreza no seu tempo. *Ronca* he muito portuguez; *perlas* em lugar de *perolas* he huma licença poetica; e assim erraram

os que suppuzeram elle os tirasse da visinha lingoa.

A difficuldade maior era de determinar a orthographia que devia empregar na ediçaõ do Poema, e este ponto foi hum objecto que occupou a minha meditaçaõ. He notorio entre nós que em nenhum tempo houve, nem ha de presente hum systema de orthographia fixo, e geralmente adoptado, tendo chegado a confusaõ ao maior auge nos nossos dias. Naõ era possivel, (por me parecer pouco ajuizado) seguir em tudo, e copiar nesta parte a ediçaõ original, em razaõ de que a sua orthographia he naõ só demasiado antiquada, e desusada ao ponto de naõ se acharem algumas palavras nos Diccionarios, mas até a de outras seria julgada hoje plebea. Alem disto, existindo duas impressoẽs de 1572, as quaes variam na orthographia, seria impraticavel o concilia-las. Pelo que ja disse das outras ediçoẽs, sem exclusaõ da mais moderna de Lisboa (naõ obstante as suas reimpressoẽs, e a apologia pouco exacta, e pouco arrazoada que hum anonymo fez della) teria sido desassisado seguir esta ou aquella com os seus defeitos. (Veja-se a nota 1ª).

Sem a pretenção de dar hum novo systema orthographico na reimpressão deste Poema antigo, e classico, explicarei aqui os principios pelos quaes me dirigi para fixar o que neste ponto devia seguir: 1° de escolher a orthographia que melhor poderia convir ao estylo nobre, elevado, e sustentado de hum poema Epico; 2° de conservar os signaes mais caracteristicos das etymologias, não só pela sua utilidade real para a boa intelligencia dos termos, mas tambem para me conformar com o que o Poeta faz dizer a Venus da lingoa Portugueza, filha da Latina, e enriquecida por Camões de muitos vocabulos della; 3° de usar de toda a prudencia e attenção a fim de não destruir por alguma diversidade orthographica, nascida da mudança na pronunciação, a harmonia dos versos, e a concordancia das rimas, nas quaes se conserva transmittida a antiga pronuncia. Procurei tambem não me affastar muito do que o Diccionario de Moraes, o de Joaquim da Costa, e o primeiro tomo do da Academia puzeram em uso.

Os accentos, e outros signaes orthographicos, e o modo de accentuar não estão mais fixados do que as outras partes da orthographia. Na mesma

palavra, aonde huns poem o accento grave sobre huma vogal, outros poem o circunflexo, e outros o agudo, de forma que toda a pessoa que não conhecer bem a lingoa, e a sua pronunciação, não saberá qual he a inflexão e tom que deve dar á voz naquella syllaba. Os exemplos destas e outras variedades no uso dos accentos, não faltarão a todos os que quizerem abrir e confrontar as differentes edições dos Lusiadas. Por esta razão julguei melhor ser parco no uso destes signaes, e empregar dos dous accentos, *grave* e *agudo*, somente o ultimo, do que entrar n'huma longa discussão sobre qual delles se deve empregar neste ou aquelle caso, quando não está fixada a regra. Segui nisto as ultimas edições.

O nosso *til* he outra causa de maior confusão. Eis-aqui como elle se acha definido no Diccion. de Moraes: « Signal orthographico que equival ao « *m*, põe-se sobre as vogaes nasaes, porque es- « crevendo-se hum *m* depois dellas, ficaria em « duvida se este feriria a vogal seguinte; talvez « tem o som de *n*, v. g. Sãto. »

Sem sahir desta definição (copiada fielmente) nella acho escripto *põe;* assim estando o *til* sobre

a vogal *o*, he depois della que se tira o *m* para não ficar em duvida se feriria a vogal seguinte *e*, mas a palavra não he *pome*, he *poem*, do verbo pôr. Se o *m* de *poem* se não ha de escrever, parece que o *til* devia estar sobre o *e*. Continuando sobre a mesma definição; se o *til* tem talvez o som de *n*, v. g. *sãto*, que se deve pronunciar *santo*, não obstante o *til*, então este signal não he outra cousa, em ambos os casos, senão hum signal de abbreviatura; como a virgula posta emcima do *q'*, que supposto as duas lettras *ue* estejam supprimidas, he pronunciado *que;* ou assim como huma barra que posta na perna do primeiro *p* de *pprios* (vide Ed. de 1572, pag. 42) não altera nem impede que se diga *proprios*. Mas na palavra que o uso abbrevia de *sancto*, ou *santo*, a *são*, que significa o *til* nesta ultima que se pronuncia sem alteração? Passando aos differentes usos no modo de empregar este signal; se n'hum livro em prosa se encontrar *hũa* escripto assim, ninguem deixará de pronunciar *huma*, e não, *ua*, e de considerar o *til* como hum signal de abbreviatura, assim como em cãpo (campo), em mãto (manto), em sẽ (sem), etc. Se nos versos o poeta quer por

causa da medida que *huma* faça só huma syllaba, *hua*, e poem o *til* sobre o *u*, então este signal he orthographico, mas confunde-se com o *til* que o não he, e só de abbreviatura : se n'outro caso o poeta quer tirar o *m* em *alguma*, pondo o *til* sobre o *u* para que esta palavra fique só tendo duas syllabas, e para que a ultima dellas possa elidir-se com a vogal que principia a palavra seguinte, então o *til* he hum apostropho; do mesmo modo que posto sobre *hũ*, em caso identico; mas então temos dous signaes apostrophos: abundancia inutil!

Os que escrevem *hũs* bem mostram faze-lo por abbreviação; mas os que hoje poem *hũus*, pretendem por ventura que se pronuncie *humus*, ou *hunus*, ou *u-us* (como o *Bourgeois Gentilhomme*)? Que extravagancia!

Mas por que regra, ou razão, poem o *til* nas palavras que terminam no diphthongo *ão* todos aquelles que não seguem a orthographia de as terminar por *am*, v. g. tenção (tençam), capitão (capitam)? etc. Os preteritos dos verbos da primeira e terceira conjugação, e os futuros das mesmas escrevem alguns assim: *amáraõ e amaráõ*,

cobrírão e cobriráõ, em quanto outros não lhe poem accentos agudos, mas só o *til* na ultima lettra. Com tudo o tom de voz no preterito e futuro he differente. Daqui nasceo que alguns puzeram nos futuros a ultima syllaba *am*, e nos preteritos escreveram a ultima *ão;* e outros o fizeram *vice versa.* Qual he a razão porém de alli pôr o *til* ou n'outras terminações? Dirão talvez que se servem delle, aonde os nossos antigos escreviam *aom*, como em *fizeraom* e *faraom*, *razaom*, *razooens*, e outros casos semelhantes; e que assim como neste plural tiravam o *n*, pondo aquelle signal no *e*, assim em *razaom*, tiravam o *m*, e punham o *til* no *o*, etc.; mas isto não pode, nem deve satisfazer. Outra incoherencia, ou disparidade encontro nos livros e Diccionarios, e he que nesta mesma ultima syllaba, *ao*, huns poem sempre o *til* sobre o *a*, outros sobre o *o*, e outros ora sobre o *a*, ora sobre o *o*, sem darem razão desta variedade, o que indica ser hum proprio arbitrio.

O Padre Thomás de Aquino pareceo-me ter ajuizadamente distinguido os preteritos e futuros nos verbos das conjugações acima ditas: mas

ignoro o motivo que teve para julgar necessario pôr hum accento agudo na penultima syllaba dos preteritos, e dous accentos na ultima dos futuros: dous accentos sobre hum diphthongo! Alem disso tambem he singular a disparidade de escrever *capitam* assim, porque não comprehendo o que podia motiva-la, como muitas outras.

Parece-me ter sufficientemente provado que este signal, o *til*, não tem sido definido, nem fixado o seu uso atéqui entre nós. Seja-me pois concedido dizer que julgo este signal ter sido derivado no principio (de que se abusou depois) do que os grammaticos Latinos chamaram *crasis;* e o definem assim: *accipitur pro contractione duarum syllabarum in unam coalescentium.* Como os Latinos o derivaram dos Gregos, julguei que o *til* devia cobrir as duas vogaes, e assim o fiz nesta ediçaõ. Ver-se-ha nella a regra que segui na sua posiçaõ e uso, de maneira que julgo (senaõ me engano) remover todas as duvidas e hesitaçaõ: v. g. capitaõ, capitaẽs; razaõ, razoẽs; vaõ, vaã; raã, raãs, etc. Nos futuros dos verbos deixando-lhe o *til*, tirei o accento agudo, por-

que não pode haver confusão com os preteritos, mesmo sem o accento na penultima syllaba. A pronunciação de *pai* sendo differente da de *mãi*, conservei nesta palavra o *til*, que denota bem a *crasis*, como pai a *syneresis*.

Nos casos em que o verso requer que a palavra, *huma*, seja só de huma syllaba fazendo elisão do *m*, poderia usar-se do *til*, como até-qui se tem feito, mas por evitar que em razão do abuso se confunda ainda este signal, como se fosse de abbreviatura, e se pronuncie *huma*, pareceo-me melhor fazer a innovação de pôr o signal apostropho; o que era ainda mais forçado de adoptar, quando se deve elidir o *m* de *hum*, como no verso 1° da est. 18 do Canto VIII:

Não ves hu' ajuntamento de estrangeiro.

Servi-me deste signal em outro caso (o que pode parecer estranho por não ser usado) pela razão de espertar a attenção do leitor, e indicar-lhe que deve fazer só huma syllaba das duas vogaes, entre as quaes se acha o apostropho. Camões, quando nos seus versos quiz que em Mahometa e seus derivados se contasse, *Maho*,

por duas syllabas, escreveo estes termos assim (Canto III, est. 89; Canto VII, est. 24; Canto IX, est. 12, etc.); e pelo contrario tirou-lhe o *h*, e escreveo *Mau*, quando quiz fazer das duas vogaes só huma syllaba (Canto VIII, est. 84, e Canto IX, est. 8, e 12, etc.) Por falta desta attenção varios editores julgaram errados, versos, que elles mesmo aleijaram.

Na est. 48 do Canto IX, acham-se as rimas de *lua* com *nenhuma*, e *alguma*. Conservei-as assim, porque a pronunciação naquelle tempo era *lum-a*, e *nenhum-a*, e *algum-a*, a qual se conserva ainda em diversas partes das provincias do Norte, onde eu as ouvi. (Assim *Magno*, que o Poeta faz rimar com *estranho*, mostra que no seu tempo se pronunciava *manho*). Este exemplo, em que *lua* deve ter duas syllabas, e *nenhuma* trez, he huma prova mais, de que o *til* era mal entendido, e mesmo mal empregado.

O *trema*, ou *apices*, he hum signal orthographico de que os nossos antigos fizeram uso para notar a *dieresis*. Julguei tanto mais util servir-me delle, que por sua falta varios editores alteraram o texto original em dous lugares notaveis; e por

tanto sou obrigado a dizer aqui algumas palavras sobre este assumpto.

Na edição de 1572 (que tenho presente) acha-se no Canto IX, est. 21, o verso 6, da maneira seguinte,

Da primeira co terreno seio.

Lyra, João Franco Barreto, Manoel de Faria, e o Padre Thomás julgaram o verso errado, e mudaram-no sem piedade. Comtudo Manoel Correa, amigo de Camões, que a seu rogo commentou o Poema, tinha asseverado (pag. 243 *verso*, da edição de 1613) que ouvira a Luis de Camões dever-se assim ler este verso, porque os poetas costumavam dividir os diphthongos, etc.

Attendendo á singeleza de Manoel Correa, que he evidente em todo o seu commento; á opinião em que era tido de homem lettrado, e ainda mais virtuoso (como confessa Manoel de Faria pag. 57 do 1° tomo); e ao nenhum interesse que podia ter de sustentar huma falsidade, he muito estranhavel o desprezo indecente com que Manoel de Faria e o Padre Thomás trataram este commentador, e o atrevimento com que continuaram a mudança do texto, e sobre tudo a ridicula in-

telligencia que deram ao verso substituido por elles assim,

Da mãi primeira co' o terreno seio.

Estes criticos não se lembraram que nos classicos Gregos e Latinos, e mesmo nos Italianos, se encontram muitos exemplos da *dieresis*. Não hesitei pois hum só instante em preferir a autoridade do texto, e a de Manoel Correa á de Manoel de Faria. Pelos mesmos fundamentos adoptei a liçaõ do v. 8, da est. 130, do Canto III, segundo a ediçaõ original a dá, e como a de 1613, com o commento de Manoel Correa, a conserva. (Veja-se a nota 3).

A pontuaçaõ do original alem de ter erros de impressaõ naõ podia adoptar-se; e ainda menos a das outras ediçoẽs, naõ necessitando dizer quanto variam extremamente entre si. As regras da pontuaçaõ pertencem mais á natureza geral da arte do fallar do que á grammatica particular de cada lingoa. Serve a fazer ler, como diz Aristoteles, o discurso escripto, e pronuncia-lo com mais facilidade. Naõ obstante isto os grammaticos regularam esta com alguma variedade nas diversas

lingoas. Nas modernas hoje segue-se em geral huma pontuaçaõ mais simples do que aquella que Aldo Manucio tinha fixado. Procurei nesta parte seguir hum meio termo, encostando-me algumas vezes ao que indica o nosso Poeta sobre a maior ou menor pausa, que elle desejava se fizesse aqui ou alli nos seus versos, e aonde isto naõ contradizia as regras mais geralmente adoptadas pelas naçóes cultas; porque emfim cada autor he quem melhor conhece a duraçaõ das pausas que deseja.

Procurei alem disso corrigir os nomes da Geographia antiga, e da Mythologia, que os precedentes editores tinham mal impressos, confundindo *Massilia*, Marselha, com *Massylia*, provincia de Africa; e *Tethys*, esposa de Neptuno, com *Thetis*, esposa de Peleo, e filha de Nereo, que se toma pelo *Mar*, e muitos outros, etc.

Exclui os argumentos em oitavas de Joaõ Franco Barreto, porque naõ posso approvar esta introducçaõ de huma composiçaõ estranha, e imperfeita, por causa da concisaõ forçada della, em huma obra de tanto valor, e de hum autor preeminente.

Não julguei dever imprimir o Index do mesmo Barreto, porque não somente me parece mal feito, mas até errado em algumas das suas explicações. Demais, esta ediçaõ he somente feita para aquelles que não ignoram a Mythologia, a Historia, e a Geographia, e que escusam este socorro, que aliás podem achar melhor nos differentes Diccionarios respectivos a estes conhecimentos.

Fora mais util para a boa intelligencia dos Lusiadas, e para melhor gostar a sua liçaõ, dar em hum discurso preliminar, hum epitome da historia de Portugal, que apontasse as suas instituições, que indicasse as causas daquelle espirito cavalleiro, o qual animou a Naçaõ nas guerras que sustentou no continente, e nas emprezas atrevidas que commetteo, passando mares nunca de antes navegados, e fundando hum vasto imperio em longinquas regiões. Neste quadro figurariam os nossos grandes Reis, e os heroes de que Camões faz mençaõ. Huma secçaõ explicaria summariamente quaes foram as nossas possessões na Asia, o systema da sua administraçaõ e com-

mercio, e as tristes causas da nossa rapida decadencia. Este trabalho, para ser bem feito, requer muito tempo, e mais repouso.

Pouco satisfeito do modo leve e improprio, com que os editores precedentes deram noticia da vida de Luis de Camões, e movido de hum sentimento de justiça para com este homem superior, julguei necessario, e de obrigação dar huma nova vida delle, procurando mostrar na sua verdadeira luz, as eminentes qualidades daquelle nobre caracter, igual e correspondente em tudo ao seu grande engenho.

O mais ardente patriotismo, e a minha admiração por Camões me fizeram unicamente entrar nesta empreza. Retirado dos negocios publicos, e do serviço do meu Soberano, e chegado ao outono da vida, com huma saude arruinada, pensei que, na minha situação, não poderia fazer cousa mais agradavel á minha Patria, do que dar-lhe huma boa edição daquelle Poema, que he o maior monumento da gloria nacional. Espero pois que Ella receba benignamente esta derradeira prova do amor que sempre lhe pro-

fessei, e professarei, podendo com a mão na consciencia dizer-lhe, neste fim da vida:

Præclara conscientia sustentor, cùm cogito me de Patria *aut benè meruisse, cum potuerim, aut certè nunquam nisi divinè cogitasse.* (CICERO ad Attic.)

Pariz, Setembro de 1816.

VIDA

DE LUIS DE CAMÕES.

Os homens mostraram sempre hum grande desejo de conhecer as circunstancias particulares da vida de todos aquelles varões, que illustraram o seu nome, e patria. He mui natural a curiosidade de averiguar, quaes foram os estudos que desenvolveram o seu engenho, quaes os seus habitos moraes e caracter, quaes as suas acções, e de saber se estas corresponderam á elevação dos sentimentos, que elles manifestaram nos seus escriptos.

Quando vemos reunidos aos maiores talentos do espirito, as qualidades mais estimaveis do coração, assim como os principios das mais solidas virtudes, sentimos a maior satisfação em poder amar e respeitar o homem grande, que fomos obrigados a admirar. Mas se observamos alem disso, que a adversidade não provocada, nem merecida, o perseguio durante a sua vida, e que elle soube lutar com fortaleza e constancia contra os rigores da sorte, ou contra a perversidade humana, então concebemos para com elle huma veneração quasi proxima a hum culto: *Ecce spectaculum Deo dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus.*

O espectaculo de huma tal conducta, agradavel a Deos, he a escola da verdadeira Philosophia, ou antes he ella mesma dando a lição mais importante para os homens, aos quaes estes grandes, e admiraveis exemplos devem servir de modelo.

Luis de Camões nos presenta, mais do que nenhum outro, hum destes grandes exemplares. Depois de manifestar nas suas diversas obras o maior engenho, e de nos legar no seu immortal Poema o amor da patria, e das mais heroicas virtudes, deixou-nos em todas as acções da sua vida hum monumento da grandeza e elevação da sua alma, que pode e deve servir, não só de instrucção, mas de emulação. Superior á ingratidão da sua patria que servira, e illustrara, conservou constantemente o mesmo amor por ella, e a inteireza do seu nobre coração, a pezar da mais cruel infelicidade.

Propondo-me hoje escrever a sua vida, bem quizera poder dar aos meus leitores noticias mais circunstanciadas della; mas he forçoso que elles se contentem com o pouco que nos transmittiram os seus contemporaneos Diogo do Couto, e Manoel Correa, e com o mais que Pedro de Mariz, Manoel Severim de Faria, e Manoel de Faria e Sousa, trinta ou quarenta annos depois, nos deram por averiguado.

Deviam certo ou considerar esta materia de menos importancia; ou pôr nella bem pouca diligencia e applicação, pois estão longe de satisfazer a nossa sequiosa curiosidade, e de se eximir da culpa de deixarem confusos e escuros alguns dos factos que referem.

Portanto o meu trabalho foi de extrahir estas noticias dos autores acima mencionados, tendo tido o maior cuidado em confronta-los, e escolher somente o que era verosimil, para o que muito me serviram huma lição a mais attenta, e hum miudo exame das obras de Camões, aonde elle toca alguns successos da sua vida, desvelando-me assim a fazer melhor conhecer o caracter e comportamento deste varão, que tanto honra a humanidade (1).

A familia dos Camões he originaria de Galiza. O seu solar era o castello de Camões, junto do cabo Finisterre, donde deriva o seu appellido.

Vasco Pires de Camões foi o primeiro della que passou a Portugal em 1370, quando seguio as partes do Senhor D. Fernando contra ElRei D. Henrique de Castella. A julgar pela grandeza da doação que o Soberano Portuguez lhe fez, e os cargos que lhe confiou, devia ser a acquisição deste Fidalgo considerada de grande importancia, e a sua pessoa tida em grande valia (2). Casou em Portugal com a filha de Gonçalo Tenreiro, Capitão-mór das Armadas, de quem teve, Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões (3), Constança Pires de Camões.

Do primogenito descendem varias familias das mais illustres do Reino. Da alliança que fez o segundo com Ignez Gomez da Silva procedeo Antonio Vaz de Camões; o qual casou com Guiomar Vaz da Gama, de quem teve Simão Vaz de Camões. Este, e Anna de Macedo, (dos Macedos de Santarem) foram os progenitores do grande Luis de Camões.

Refiro esta ascendencia genealogica para mostrar que a fortuna até o tinha favorecido, fazendo-o nascer em huma classe, que lhe proporcionava grandes vantagens, e não para illustrar o nosso Poeta; pois he elle quem pelo seu engenho e virtudes illustrou mais a sua familia, e fez o seu appellido conhecido na Europa, quando aliás não teria passado alem das fronteiras de Portugal.

Seus Pais não deviam ser ricos, porque provinham de hum ramo segundo; e he notorio que os cadetes em Portugal são geralmente pouco avantajados: mas tanto maiores elogios, e agradecimentos merecem de nós, pelo cuidado que tiveram em cultivar o grande engenho e indole do seu filho.

Nasceo este no anno de 1525, em Lisboa, segundo a melhor opinião, fundada nos registros da Casa da India, que Manoel de Faria descobrio, em que se acham notados a sua idade, e assentamento de praça (4).

Sabemos que passada a sua primeira educação, elle foi (dizem) da idade de doze annos continuar os seus estudos na Universidade, que ElRei D. João III tinha transferido, havia pouco tempo, de Lisboa para Coimbra, convidando para professar nella alguns dos nacionaes, e estrangeiros mais famosos então no orbe litterario. Dos progressos que elle fez naquella escola, podemos julgar pelos conhecimentos e erudição que vemos nas suas obras, e pela superioridade com que brilhou desde logo, e que conservou sempre entre todos os seus contemporaneos. Já nessa juvenil idade, Luis de Camões se dava á poesia, e nos seus primeiros ensaios mostrava o talento poetico de que era dotado, e a sua applicação aos bons autores e modelos. Acabados os seus estudos, na idade de 18 ou 20 annos, voltou á Corte, aonde residiam seus pais, e onde os fidalgos moços, segundo os costumes daquelle tempo, vinham mostrar-se para aperfeiçoar a sua educação, e passar dalli ás duas escolas militares de Africa e Asia.

Dotado de huma presença agradavel, de hum raro engenho, de huma imaginação *romantica*, de hum coração sensivel e ardente, com hum espirito ornado de quantas vantagens a natureza e a educação podem dar, vio-se procurado, e estimado por todos aquelles que cultivavam as Lettras. Mas, como elle diz,

.... Quem pode livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente?

Alli vio D. Catharina de Atayde (5), composto de graças e de belleza, se devemos crer a descripção encantadora do Poeta (6), e concebeo por ella o mais ardente amor, como o seu coração era capaz de senti-lo, e como os seus versos mostram, conservando o fogo da paixão que os dictou. Era esta senhora Dama do Paço; e a julgar pelo seu appellido, parenta de D. Antonio de Atayde, primeiro Conde da Castanheira, poderoso valido do Senhor D. João III. Estes amores inspiraram a Camões a maior parte

das suas primeiras poesias, e foram a primeira causa dos seus infortunios. Posto que elle fosse igual em nascimento a D. Catharina de Atayde, como lhe faltavam os bens da fortuna, pode-se mui bem conjecturar, que a familia desta senhora procurou prevenir huma uniaõ que julgava desavantajosa, e aggravando huma falta desculpavel, reclamou sobre esta o rigor das leis, que eram naquelle tempo mui severas contra os que entretinham amores no Paço. Por este motivo, o unico de que tenhamos noticia certa, foi desterrado da Corte para o Ribatejo, o que elle confirma, e de que se queixa na elegia terceira em que se compara a Ovidio, lamentando as penas da ausencia, e taõ austero castigo (7).

Neste retiro procurou Camões hum allivio ás suas magoas no estudo, e na poesia. Alli compoz grande parte das suas rimas, provavelmente as suas comedias, e concebeo o plano do seu Poema, em o qual, julga Manoel de Faria, que elle começou a occupar-se muito cedo.

Ignora-se o tempo que durou este degredo; quando voltou delle a Lisboa, e se embarcou para militar em Africa, e até o motivo desta segunda sahida da Corte. Talvez por naõ comprometter mais a sua Dama, ou por experimentar novos contratempos, tomou huma resoluçaõ propria do seu brioso coraçaõ; e entrando na carreira e serviço militar, quiz, como verdadeiro cavalleiro, participar da gloria que os Portuguezes entaõ adquiriam em todas as partes do mundo. A minha opiniaõ he, que elle intentou primeiro passar á India, e que para esse fim se alistou em 1550, mas que foi obrigado a mudar de tençaõ, e a servir em Africa, ou pelo terem condemnado a novo degredo, ou por alguma outra razaõ que ignoramos.

Passou a Ceuta que governava nesse tempo D. Pedro de Menezes, nomeado Governador em 1549 (8). Alli militou Luis de Camões com o seu valor nativo, achando-se em diversos re-

contros, e particularmente em hum combate naval no estreito de Gibraltar, aonde junto de seu pai, que commandava huma das náos, recebeo dos Mouros hum tiro que o privou do olho direito. Voltou a Lisboa com esta honrosa cicatriz, mas nem por ella, nem pelos seus serviços teve a menor recompensa. Entaõ poz em execuçaõ a sua primeira determinaçaõ de passar á India, impellido pelos mesmos motivos, ou por se ver orpham de pais, e de bens da fortuna, e sobre tudo desgostoso das injurias da Corte, e das *más tenções dos homens.*

Dizendo adeos á sua patria, e a tudo que mais amava para transportar-se

> Aquella desejada, e longa terra,
> De todo o pobre honrado sepultura:

exclamou, como Scipiaõ: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea!* taes tinham sido os desgostos que nella o perseguiram! Assim mesmo enfadado della, soube somente ir servi-la em paizes mais remotos, e lá

> ..... Buscar co' o seu forçoso braço
> As honras que elle chame proprias suas.

Ve-se que a sua determinaçaõ, arrancando-se da sua terra natal, era de naõ voltar mais a ella, ainda que deixava alli a maior parte da sua alma, e taõ doces memorias:

> Os campos, as passadas, os signais,
> A vista, a neve, a rosa, a formosura,
> A graça, a mansidaõ, a cortezia,
> A singela amizade que desvia
> Toda a baixa tençaõ, terrena, impura.

Quaõ malogrados ficam aqui os nossos desejos de saber mais miudamente, como e porque causa o nosso Poeta rompeo taõ doces laços de amor, e se expoz ás crueis penas de huma longa, ou eterna separaçaõ! Quaes eram os obstaculos que se oppunham a unir-se com a sua amada? Quaes as esperanças que depois

na India, elle diz, fundava nella, e em que confiava quando a perdeo? A nada disto satisfazem os insensiveis e frios Biographos, os quaes parecem ter medo, ou escrupulo de fazer mençaõ, e de dar alguma noticia dos amores de Camoẽs: e este por hum delicado sentimento naõ se explicou, senaõ em termos geraes, ou mysteriosos sobre o objecto da sua paixaõ.

Alistou-se pois de novo, e embarcou-se em 1553 (9) na náo de Francisco Alvares Cabral, huma das quatro que compunham a esquadra expedida nesse anno para a India, debaixo do commando deste fidalgo, e que foi a unica que poude lá chegar depois de ter soffrido huma grande tormenta. Governava aquelle Estado o Vice-Rei D. Affonso de Noronha, com o qual logo em novembro seguinte, Luis de Camoẽs, ambicioso de gloria, se embarcou na armada que hia contra o Rei de Chembé (ou da Pimenta), e que delle alçançou victoria assignalada, obrigando-o a pedir pazes. Deste successo faz o nosso Poeta mençaõ (na elegia I) com a modestia propria do verdadeiro valor:

> Huma ilha, que o Rei de Porcá tem,
> E que o Rei da Pimenta lhe tomara,
> Fomos tomar-lha, e succedeo-nos bem.

Naquelle anno perdeo o seu melhor amigo, D. Antonio de Noronha, que mataram os Mouros de Tetuaõ, assim como a seu tio o Governador D. Pedro de Menezes, no combate de 18 de abril, junto a Ceuta, cuja morte soube no anno seguinte, e lamentou em diversas poesias (10). No anno de 1555 succedeo o Vice-Rei D. Pedro Mascarenhas a D. Affonso de Noronha, e deo logo commissaõ a Manoel de Vasconcellos de ir com huma armada cruzar na boca do Mar Roxo, para esperar, e combater as náos dos Mouros. Offereceo-se Luis de Camoẽs para ir nesta expediçaõ; mas a esquadra, depois de pairar em vaõ defronte do cabo Guardafu até se lhe passar a monçaõ,

foi invernar em Ormuz no Golfo Persico. Desta expedição falla o Poeta na sua canção X (11):

Junto de hum secco, duro, e esteril monte.

Voltando a Goa em outubro do anno seguinte achou fallecido o Vice-Rei D. Pedro Mascarenhas, a quem tinha succedido o Governador Francisco Barreto. Luis de Camões indignado dos principios de corrupção de costumes, da perversidade, e baixeza da maior parte da gente (consequencia fatal de conquistas distantes, e que mais apparece quando a sede do ouro, e o abuso do poder dominam), exhalou a sua virtuosa indignação naquella satyra, que intitulou, *Disparates da India*, e que bem injustamente quizeram chamar libello; quando não ha naquelles versos hum só nome escripto, nem a censura dos vicios he individual, mas geral. Aquelle que tiver lido, ou quizer ler o *Soldado pratico* de Diogo do Couto, e o que este autor contemporaneo diz na sua Decada V, l. 2, c. 3, e conhecer assim a que extremo de corrupção tinham chegado nesse tempo os Portuguezes na India, assentará que o nosso Poeta he hum brando censor. E qual coração honrado, nobre, desinteressado como o seu, deixaria de sentir profundamente, e de reprehender com justa severidade, esta degeneração dos nossos antigos, e briosos costumes? No mesmo tempo appareceo hum papel em prosa e verso, que motejava de alguns cidadãos de Goa, que por adulação ao novo Governador tinham ordenado humas festas ridiculas, para celebrarem o dia da sua posse, nas quaes os festeiros se expuzeram á vista do publico, em hum estado offensivo de ebriedade. Esta satyra foi attribuida a Luis de Camões, mas pode-se crer que falsamente, pois nem na prosa, nem nos versos apparece huma faisca do seu engenho, nem vemos que elle antes ou depois mostrasse esta propensão de caracter, de que o quizeram accusar.

Irritado Francisco Barreto contra elle, e talvez sentido de ver expostos, e censurados vicios de que participava, ou que não sabia reprimir, como era homem de grande vaidade, e soberba, abusou do poder que tinha, e desterrou Luis de Camões para as ilhas Molucas. Sentio este por extremo huma tal prepotencia, de que se queixou nas suas rimas, dizendo:

A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro.

Mas a generosidade e grandeza do seu coração eram taes que nunca nomeou o tyrannico Governador, que tão injustamente o maltratara. Porém he hum dever da Historia denunciar este despota aos seculos futuros, e notar o seu nome com a infamia de ter sido hum dos perseguidores daquelle grande homem, cujo distincto merecimento não soube nem sentir, nem avaliar. Não he menos digna de censura a baixeza com que Manoel Severim de Faria, e outros procuraram attenuar este despotismo abominavel do homem poderoso, culpando a victima, o infeliz Luis de Camões.

Trez, ou mais annos discorreo por Malaca, pelas Molucas (12), e por Macáo, cumprindo a pena deste degredo; cuja mençaõ faz na cançaõ VI, em que descreve Ternate, e na X, em que refere parte da sua trabalhosa vida: vida amargurada de mais a mais pela ausencia em que se via daquella que constantemente amava, com a vehemencia de que os seus doces e tristes cantos fazem fé, e aos quaes ainda hoje os nossos corações respondem (13). A chegada do Vice-Rei D. Constantino de Bragança, o qual succedeo no governo a F. Barreto, em 1558, offereceo ao nosso Poeta occasiaõ de reclamar a sua justiça, e antiga amizade, para fazer cessar aquelle iniquo degredo. Conjecturo que o Vice-Rei lhe levantou a pena, e o nomeou Provedor dos defunctos em Macáo, com o fim de o empregar, e de

melhorar a sua condiçaõ. Alli residio os ultimos annos que passou naquellas regiões austraes, e alli se occupou muito no seu Poema. He tradiçaõ constante que passava muitas horas a trabalhar nesta composiçaõ, em huma gruta, que se mostra ainda agora em Macáo, e he nomeada a *Gruta de Camões*. Que vigor de engenho e de caracter devia ter Luis de Camões para naõ se deixar abater, nem pela adversidade, nem pelos calores de hum clima ardente, mas achar energia em si mesmo para entregar-se a huma taõ grande e longa composiçaõ!

Durante o governo de D. Constantino poude o nosso Poeta obter delle o voltar a Goa. Mas a sorte adversa, que parecia assanhada em persegui-lo, fez que a náo, em que se tinha embarcado, fosse naufragar na costa de Camboja, junto á foz do rio Mecom:

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapados.

Neste naufragio perdeo elle tudo quanto possuia, podendo apenas salvar-se a nado sobre huma taboa, e só com o manuscripto do Poema, o seu mais precioso thesouro; e por certo taõ precioso para elle como para nós, pois immortalizou a sua e nossa fama.

Com esta unica riqueza chegou a Goa, em 1561; e sendo grato, ao mesmo tempo que justo, para com o Vice-Rei, dirigio-lhe as outavas (em que imita a Horacio na epistola a Augusto) que começam:

Como nos vossos hombros taõ constantes, etc.

nas quaes tocando levemente os abusos do governo precedente, sem nomear Francisco Barreto, e sua má influencia sobre aquelle

..... Povo indomito
Costumado á largueza, e á soltura
Do pezado Governo que acabava.

Louva a D. Constantino por ter atalhado estes vicios: e os Historiadores confirmam o juizo do Poeta (14).

No pouco tempo que durou o governo deste Vice-Rei, passou Luis de Camoẽs descançado á sombra da sua protecçaõ, e foi entaõ que elle convidou varios fidalgos seus amigos a hum gracioso banquete, em que lhe servio em lugar das primeiras iguarias pequenos versos, dirigidos a cada hum, o que foi muito celebrado.

Mas este tempo de tranquillidade naõ foi de longa duraçaõ, porque no mesmo anno partio D. Constantino para a Corte, deixando o governo a seu successor o Conde de Redondo.

Este naõ era menos favorecedor e amigo do Poeta, mas naõ poude impedir que homens malevolos o accusassem de malversaçaõ na administraçaõ da Provedoria de Macáo, e que fosse posto em juizo, e encarcerado. Sahio Luis de Camoẽs, como era de esperar, innocente, e puro desta calumniosa accusaçaõ; mas quando hia abrir-se-lhe a porta da prisaõ, o embargou nella hum fidalgo, cidadaõ de Goa, chamado Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha, Fios-seccos, por duzentos cruzados, de que se dizia crédor. Esta foi a unica occasiaõ em que elle se valeo do Vice-Rei, dirigindo-se a elle, mas sem baixeza, para o desembargar, e ridiculisando aquelle interesseiro avarento nas redondilhas conhecidas:

Que diabo ha taõ danado,
Que naõ tema a cutilada
Dos fios seccos da espada
Do fero Miguel armado? etc.

Livre da prisaõ continuou a estar na India alguns annos passando os invernos em Goa entregue ao estudo, e ás suas composiçoẽs, e embarcando-se nos veroẽs para servir nas armadas, e nas differentes emprezas militares para que eram destinadas. Em todas estas occasioẽs mostrou sempre o estre-

mado valor de que falla ao Rei, com a altivez propria e justa, que dá a consciencia do verdadeiro merecimento, dizendo:

Para servir-vos braço ás armas feito.

Abonaçaõ esta, que merece o maior credito, porque tinha sido na India muito conhecido pelas armas, o que os seus camaradas de volta ao Reino publicavam, elogiando o seu espirito e valor heroicos em todas as occasiões de guerra: e os Portuguezes, diz Manoel Severim, saõ taõ rigorosos censores da verdade, que naõ consentem a seus visinhos gabar-se do que naõ tem, mas ainda ás vezes lhe confessam difficultosamente o que possuem.

Morto o Conde de Redondo, succedeo-lhe D. Antaõ de Noronha no governo da India, e por este tempo, segundo pode conjecturar-se, experimentou o nosso Poeta a maior perda, e recebeo o seu coraçaõ o mais sensivel golpe, pela morte de D. Catharina de Atayde, em cuja affeiçaõ parece que elle punha as suas ultimas esperanças (15).

Tendo entaõ acabado já o seu Poema, unico recurso em que podesse pôr confiança, resolveo passar ao Reino, devendo esperar que assim como trazia nesta grande composiçaõ huma taõ distincta honra á sua patria, ella e o Soberano lhe dariam a recompensa devida aos talentos de que dava tantas provas, e merecida pelos seus relevantes serviços.

Ao tempo que meditava o modo de achar os meios, de que o summo desinteresse e isençaõ o tinham deixado falto, para voltar a Portugal, Pedro Barreto, nomeado Governador de Sofala, propoz-lhe com grandes promessas de o acompanhar. Aqui principia a sua maior disgraça. Cedeo por desventura sua a estas instancias, porque o seu coraçaõ era incapaz de suspeitar a falsidade, e baixeza deste homem, que entendeo ter nelle hum servente, e abusou cruelmente da dependencia em que o pu-

zera, a tal ponto, que Diogo do Couto, e varios fidalgos, matalotes, e antigos amigos de Luis de Camões, abordando a Moçambique na náo Santa-Fé, o acharam vivendo a cargo de amigos, e reduzido á maior miseria (16).

Por esta occasiáo, quiz Luis de Camões livrar-se de tal captiveiro, embarcando-se na náo; mas o sordido e cruel Governador o embargou por duzentos cruzados, importancia das despezas, que pretendia ter feito com elle, de Goa até Moçambique. Diversos fidalgos, de quem a Historia conservou para honra delles os nomes, se cotisaram a fim de satisfazer a este desalmado Governador, e de tirar aquelle infeliz das suas garras. *Por este vil preço,* diz energicamente Manoel de Faria, *foi vendida a pessoa de Camões, e a honra de Pedro Barreto.*

Durante este tempo, que bem pode chamar-se de duro captiveiro, he que Luis de Camões compoz algumas das suas poesias, nas quaes se vê quáo profundamente a sua alma estava ferida da perversidade dos homens, e quanto lhe pezava a sua triste e infeliz existencia (17).

Na dura e inhospita terra de Moçambique, exhalou a sua dor naquelles versos, que parecem dictados pela maior melancolia, e que ferem os nossos coraçóes como se ouvissemos os seus gemidos.

Embarcou-se emfim na sobredita náo com os seus amigos, e chegou a Lisboa, depois de dezaseis annos de ausencia, de serviço, e de trabalhos, em o anno de 1569, quando esta cidade ardia na maior força da peste, a que deram o nome de grande.

ElRei D. Sebastiáo reinava, ou para melhor dizer, reinavam os seus Validos, que o tinham maliciosamente persuadido a tomar as redeas do Governo das máos de seu tio Regente, o Senhor cardeal D. Henrique, como as arrancara pouco tempo antes das da Rainha sua avó, para as entregar a este principe:

assim procuravam por todos os meios affasta-lo daquelles, que podiam moderar as suas juvenis paixões.

Estes Validos desejando conservar ElRey apartado de seus augustos parentes, e assim a sua privança, serviram-se do pretexto da peste para o fazer discorrer pelas provincias. Em hum tal estado de cousas, devia ser difficil a Luis de Camões apresentar-se ao Rei, e talvez ainda mais a taes Ministros, a quem a sua nobre e altiva liberdade, os puros e honrados conselhos que dava no seu Poema ao Soberano, deviam pouco agradar. Não se pode duvidar desta verdade, considerando a recompensa que deram a este grande homem, quando emfim poude offerecer o Poema ao Senhor D. Sebastião.

Dispendeo Luis de Camões os primeiros dous annos em pôr as suas cousas em ordem, e procurar modo de imprimir os Lusiadas, que sahiram á luz pela primeira vez em 1572.

O mundo litterario recebeo esta obra com o maior applauso, pelo seu merecimento intrinseco, e por ser na realidade o primeiro poema Epico, que depois da restauração das lettras os modernos produziam. Quando elle cobria de gloria a sua nação por este motivo de primazia, e por ser este Poema destinado a celebrar os heroicos feitos dos Portuguezes; estes, e os mesmos descendentes daquelle Vasco da Gama, cuja navegação e descobrimento da India o Poeta cantava, ficaram insensiveis a esta fama que lhes accrescia, e ao pundonor, não ajudando, nem favorecendo o author. Mas o que he mais vergonhoso, o Governo, em recompensa dos muitos serviços, que durante dezaseis annos Camões tinha feito como soldado, e em attenção ao lustre que dava á Nação, e ao reinado do Senhor D. Sebastião, com esta immortal obra, só lhe deo a mais que mesquinha pensão de quinze mil reis, e com a obrigação de residir na Corte, e de tirar novo Alvará todos os seis mezes para a cobrança della.

Naõ he o Senhor D. Sebastiaõ, contando entaõ apenas de idade dezaseis annos, quem podemos culpar desta vergonhosa acçaõ, mas os Ministros, e Validos, que entaõ governavam, e de que os principaes eram os dous irmaõs, o Padre Luis Gonçalves da Camara, seu confessor, e Martim Gonçalves da Camara (18), escrivaõ da Puridade. Saõ estes os que merecem a maior censura, e que devem ser nomeados, para que a posteridade lhe ponha o ferrete desta culpa, como já os assignalou por serem aquelles, que apoderando-se do animo tenro e ardente deste joven Principe, começaram por indispo-lo contra sua excellente avó, que acabaram com desgostos, e contra o seu digno e respeitavel ayo D. Aleixo de Menezes, para o privarem dos seus bons conselhos, sendo assim a primeira causa da infausta expediçaõ de Africa, aonde elle foi consummar a sua e nossa ruina.

As intrigas e meneios em que andava envolvida a Corte por estes máos conselheiros do Rei, os preparos para esta expediçaõ, que custavam grandes sommas e sacrificios aos povos (estes ministros naõ sabendo propor senaõ meios os mais ruinosos), emfim todo este reboliço, que trazia o povo na maior agitaçaõ e descontentamento por taõ louco projecto, saõ as razões que podem explicar este inexcusavel abandono do pobre Camões.

Lendo o que elle escreveo, e as memorias que nos restam dos ultimos sete annos da sua vida, nenhum bom Portuguez poderá deixar de sentir o seu coraçaõ estalar de dor, e as suas faces cobrirem-se de vergonha.

A miseria a que o deixaram chegar os seus compatriotas foi tal, que hum Jáo, por nome Antonio, que elle tinha trazido da India, mais humano, e mais grato do que elles, e melhor avaliador das qualidades deste grande homem, corria de noite as ruas de Lisboa pedindo esmolas para sustentar o seu nobre, e honrado amo.

He neste tempo que hum fidalgo chamado Rui Dias da Camara, com hum egoismo, e insensivel importunidade, que revolta o animo, veio ao pobre quarto de Camões, para fazer-lhe queixas de que tendo-lhe promettido huma traducção dos Psalmos penitenciaes, não acabava de a fazer, sendo tão grande poeta: ao que este respondeo com huma brandura e paciencia extraordinarias: *Quando eu fiz aquelles cantos, era mancebo, farto, namorado, e querido de muitos amigos, e damas, o que me dava calor poetico: agora não tenho espirito, nem contentamento para nada: ahi está o meu Jáo que me pede duas moedas* (de cobre) *para carvão, e eu não as tenho para lhas dar.* Pode fazer-se a comparação entre o Jáo Antonio, e o fidalgo Rui Dias da Camara.

Nestes ultimos annos que viveo, a sua habitação foi hum pequeno quarto de humas casas proximas á Igreja de S. Anna, na pequena rua que conduzia ao convento dos Jesuitas. Dalli hia passar, por unica diversão, as tardes no convento de S. Domingos, em conversação com alguns doutos religiosos da sua familiaridade.

Conservaram os seus biographos dous fragmentos de cartas escriptas junto do termo da sua vida. Do primeiro, ve-se o extremo de miseria a que elle estava reduzido; e do segundo, colhe-se que elle assim mesmo amava a sua patria com aquella paixão que o animava sempre, e que levava á sepultura.

Quem jamais ouvio (escrevia na primeira carta) *dizer que em tão pequeno theatro, como o de hum pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desaventuras? E eu como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males pareceria desavergonhamento.*

Na segunda carta, ultima, escripta perto da morte, dizia: *Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha Patria, que não somente me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella.*

Este mesmo sentimento, o primeiro e ultimo do seu coração, tinha elle já exprimido antes, de huma maneira tal, que não creio haja na antiguidade dito algum mais heroico, ou que consideradas as circunstancias em que se achava Camões, mostre o amor da Patria mais puro, e isento de toda a vaidade e amor pessoal. Jazendo naquelle pobre leito de miserias e desaventuras, ferido da ingratidão da sua patria, e do desleixo dos homens, veio hum sujeito seu conhecido dar-lhe a triste noticia da jornada de Alcacerquivir, da morte do Senhor D. Sebastião, e do fim funesto que ameaçava a Patria: *Ao menos*, Camões levantando-se exclama, *ao menos morro com ella!* Arrasam-se os olhos de lagrimas a hum dito tão bello, tão grande, tão generoso.

Aquelle incomparavel homem, que tinha achado em si fortaleza e constancia para supportar tantos males, não poude resistir a esta noticia, e cahio aterrado com a dor desta catastrophe infelicissima, succedida em 4 de agosto de 1578.

Sobreveio-lhe pois huma grave enfermidade, na qual houve de experimentar o extremo da miseria e do desamparo, aggravado pela pena de ver perdida a independencia da sua patria, e até pela falta do seu fiel e exemplar Jáo. Emfim levaram-no ao hospital em que se curam os pobres; e alli falleceo, no anno de 1579, em tal esquecimento, que até se ignora o dia e mez em que acabou a vida (provavelmente no principio do anno). Não pode mais duvidar-se que foi este o seu tragico fim, como refere Diogo Barbosa, porque no original de Lord Holland, que tenho presente, e que pertenceo a hum Fray Josepe Indio, que o deixou no convento dos Carmelitas descalços de Guadalaxara, acho confirmada esta opinião no que este Religioso escreveo de sua letra na primeira folha, aonde diz como testemunha ocular:

« Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande ingenio mal

« logrado! yo lo bi morir en un hospital en Lisboa, sin tener « una sauana con que cubrirse, despues de auer triunfado en « la India oriental y de auer nauegado 5500 leguas por mar: « que auiso tan grande para los que de noche y de dia se cançan « estudiando sin provecho como la araña en urdir tellas para « cazar moscas. »

Transcrevo aqui a nota inteira porque me parece importante conserva-la, e porque quero persuadir-me que este Religioso talvez o assistisse na sua ultima hora, e recebesse delle este exemplar precioso, que toco com respeito, pensando que Luis de Camões o teve nas suas mãos.

Dizem alguns, e entre outros Manoel Severim de Faria, que da casa de D. Francisco de Portugal foi mandado o lençol em que o amortalharam, e comque o sepultaram na Igreja de S. Anna, logo á entrada da porta á mão esquerda, sem lhe pôrem campa ou lettreiro.

Pouco tempo depois, D. Gonçalo Coutinho lhe mandou cobrir o lugar de sua sepultura, que com muito trabalho poude achar-se, com huma pedra rasa, na qual tinha mandado esculpir o seguinte Epitaphio: tardio e pequeno tributo pago á memoria de tão grande homem.

AQUI JAZ LUIS DE CAMOES: PRINCIPE DOS POETAS DO SEU TEMPO:
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE, E ASSIM MORREU O ANNO DE MDLXXIX.
ESTA CAMPA LHE MANDOU PÔR DOM GONÇALLO COUTINHO,
NA QUAL SE NAO ENTERRARA PESSOA ALGUMA.

Honra e louvor sejam dados a Dom Gonçalo Coutinho!

Mas ó vergonha! ó dor! A Igreja de S. Anna tendo sido derribada pelo terremoto de 1755, quando ao depois foi reedificada, a ninguem lembrou a sepultura de Camões, nem o conservar sagrado o lugar desta, e a campa posta por D. Gonçalo Coutinho. Finalmente não existe hum só monumento em

Portugal, dedicado á memoria daquelle raro Engenho, a quem este paiz mais deve!

Os seus contemporaneos ao menos conservaram-nos o seu retrato: Manoel Correa o tinha em seu poder; e Gaspar Severim de Faria o mandou gravar em cobre, e tirar as estampas, que seu tio ajuntou á vida que deo de Camões.

Foi Luis de Camões, diz Manoel Severim de Faria, de meaã estatura, cheio de rosto, algum tanto carregado da fronte; nariz comprido, levantado no meio, e grosso na ponta; cabello louro quasi açafroado; gentil e engraçado na apparencia, quando era moço, e antes de perder o olho direito.

Era no trato muito facil, alegre, e jocoso, até o tempo em que a adversidade, pezando sobre elle, o fez na ultima idade melancolico. A ternura, e sensibilidade do seu coraçaõ vem-se nos seus versos, e na paixaõ delicada e taõ viva que conservou por D. Catharina de Atayde. O amor da sua patria predominava sobre todos os outros sentimentos; e para achar-lhe comparaçaõ, he necessario procura-la na antiga Grecia, ou Roma (19). O seu valor, desinteresse, nobreza, e heroicidade, eram iguaes a quanto os tempos da Cavallaria podem offerecer-nos. Mas a sua constancia e fortaleza na extrema adversidade, sem que se possa mostrar delle huma expressaõ de adulaçaõ ou de baixeza, nem que se repita huma voz fraca arrancada do padecimento, o faraõ sempre distinguir entre os homens maiores de todos os tempos, por esta virtude taõ rara, e que só pertence a hum caracter eminentemente superior. Naõ menos o era no engenho, de que o seu poema Epico he hum immortal testemunho. Mas ainda quando elle naõ tivesse composto mais do que as suas Rimas, mereceria por ellas grande nome junto ao de Petrarca, e de outros que por este genero de poesia se collocaram na primeira ordem.

Tal foi Luis de Camões. Os Portuguezes, para o distinguirem

de todos, lhe deram depois da sua morte o nome de *Grande*; e por certo elle o mereceo mais do que muitos daquelles homens, a quem huma baixa adulaçaõ prodigalizou durante a sua vida hum titulo taõ honroso, e a taõ poucos devido.

Todo aquelle Portuguez que quizer sentir em si, e excitar nos outros hum ardente amor pela Patria: todo aquelle homem, que desejar animar-se com heroicos espiritos para heroicas acçoẽs,

A fazer feitos grandes de alta prova;

que quizer apprender os mais puros principios de moral, e cobrar forças e constancia para resistir á maldade, e ingratidaõ dos outros homens, e procurar huma consolaçaõ na adversidade, leia, compulse, e medite os Lusiadas.

Quantas vezes fui eu obrigado a interromper a leitura desta obra sublime, por se me arrasarem os olhos de agoa, commovido pelo amor da Patria, elevado na grandeza dos pensamentos, encantado das bellezas de todo o genero que alli se encontram! Quantas vezes, opprimido eu mesmo de trabalhos e desgostos, procurei allivio nesta liçaõ, e nas memorias da sua vida! Ah! quem pode dizer-se mal pago dos homens, ou chamar-se infeliz, recordando-se de Luis de Camoẽs?

Naquelle memoravel cerco de Columbo em Ceilaõ, aonde brilhou como ultima luz o antigo valor dos Portuguezes na Asia, he fama que os soldados opprimidos de fome e de trabalhos se alliviavam, e animavam repetindo em coro as estancias do Poema. E que Portuguez naõ se despertaria, como ao som bellico da trombeta, e se naõ disporia para a victoria, se lhe repetissem a animosa e patriotica falla do condestavel D. Nuno Alvares Pereira?

Tendo escripto esta vida de Luis de Camoẽs, se pude transmittir aos que a lerem os sentimentos da profunda veneraçaõ de que estou penetrado pelo caracter moral deste grande

homem, se pude mostrar que na maior adversidade elle conservou aquellas virtudes, que ornam e elevam mais a especie humana, e que foi hum dos modelos mais proximos á perfeiçaõ, os meus votos estaõ preenchidos; e se nisto ha falta, rogo-lhes a disculpem attribuindo-a á minha insufficiencia.

Seja-me porém concedido reunir a estes votos os de convidar a minha Naçaõ a erigir hum Mausoléo, ou qualquer outro Monumento, digno delle e della, á memoria do Grande Poeta que a immortalizou.

Estou convencido de que os Portuguezes o faraõ por geral acclamaçaõ, nesta epoca sobretudo, em que acabam de mostrar que conservam no peito o nativo espirito de heroicidade, e os sentimentos,

Da Lusitana antigua liberdade,

que elle cantou e celebrou:

His saltem accumulem donis, et fungar inani
Munere!

SERIA incompleta esta noticia sobre a vida de Luis de Camões, se eu não dissesse aqui alguma cousa acerca de todas as differentes obras que elle compoz, porque estas constituem a parte mais essencial da vida de hum autor, sendo as que manifestam a excellencia do seu engenho e doutrina, e affiançam a sua reputação.

Diversos escriptores nacionaes, e estrangeiros publicaram juizos criticos sobre o Poema de Camões, (sendo os melhores o de Manoel Severim de Faria, e o de M. Mickle); mas confesso que nenhum me contentou cabalmente.

Huns, mesmo dos seus parciaes, arrastados pelas opiniões do seculo em que viveram, julgaram-no em conformidade dos seus prejuizos, e das regras da arte que tinham adoptado; outros, sem o ter lido no original, enganados por traducções infieis [20], e levados de differentes preoccupações, o criticaram com huma severidade imperdoavel: assim, he para desejar que algum dos nossos homens de lettras, reunindo ao amor dellas o da Patria, e o do nosso Poeta, emprenda sobre os Lusiadas hum trabalho semelhante ao que Addison fez com tanta sagacidade sobre o *Paraiso perdido* de Milton.

Sem pretender supprir esta falta na nossa Litteratura, nem satisfazer os desejos do publico esclarecido, seja-me permittido, para cumprir com a obrigação de Biographo, fazer algumas reflexões, que indiquem o modo por que eu julgo dever considerar-se este optimo Poema, e façam ver que elle merece com razão ser estimado pelos estrangeiros, igual na execução aos melhores poemas Epicos conhecidos, e pelos Portuguezes, preferido a todos elles.

Em huma materia tratada antes de mim por tantos criticos,

não he natural que eu possa dizer cousas novas; mas o meu fim he tamsomente fixar a attenção sobre os pontos mais essenciaes, e particularmente aquelles que tem sido controvertidos, e incitar outras pessoas mais capazes do que eu a completar este trabalho, que só dou como hum ensaio.

Luis de Camões concebeo mui cedo o plano do seu Poema, e segundo referi acima, tinha já composto huma parte delle antes de partir para a India em 1553, donde o trouxe acabado em 1570. Não devemos esquecer estas epocas, porque estabelecem hum titulo de gloria para o nosso Poeta, de ser o primeiro entre os modernos, que compoz huma Epopea regular, e justamente estimada.

He verdade que já antes delle tinha composto o Dante a sua *Divina Comedia*, e o Pulci e o Bojardo com as suas composições tinham aberto o caminho a hum novo genero de poema, que Ariosto illustrou com o seu famoso romance de cavallaria, o *Orlando furioso:* mas nenhuma destas composições, bellas no seu novo genero, pode ser comparada ás antigas Epopeas. O Trissino, que teve a pretenção de imita-las, mostrou-se tão inferior a huma tal empreza, que apenas se deve fazer menção da *Italia liberata*, a qual ninguem hoje lê, ou pode ler mais de huma vez. Tasso e Milton são posteriores a Camões.

A Epopea, na accepção de Aristoteles e dos mais celebres criticos, he huma narração em verso das acções heroicas de grandes Varões ou Personagens.

A sua *acção* deve ser *huma, grande, e completa.*

O *estylo* deve ser majestoso, serio, animado, e cheio de enthusiasmo.

Na composição deve a razão dirigir o Poeta, a imaginação deve orna-la.

Estas são as regras principaes admittidas pelos criticos de todas as nações, porque são dictadas pela sãa razão. Outras

regras dependentes dos diversos costumes e gostos, tanto relativamente á machina do Maravilhoso, ou á intervenção das potencias sobrenaturaes, como pelo que diz respeito á natureza dos episodios, ou á escolha dos sujeitos, e acções, tem sido diversamente disputadas, e não podem considerar-se como regras geraes. (*Voltaire, sur la poésie épique*).

O nosso Poeta se conformou sem duvida aos preceitos os mais essenciaes; e só aquelles, que o não leram com attenção, e no original, podem culpa-lo de ter faltado ás leis da arte. Por certo não se negará que elle satisfizera á primeira de todas, o reunir o *utile dulci.*

A Epopea, na opinião universal, he a mais nobre producção das Bellas-Artes; he aquella que exige no seu autor a reunião de todas as qualidades e faculdades, das quaes huma só bastaria para executar bem outras composições. Ella tem por fim dar as lições mais importantes, e ensinar a verdade pelos mais agradaveis preceitos. O cidadão, o homem de Estado, os Soberanos emfim devem alli achar, e apprender a sciencia necessaria para cada hum, e para todos,

Luis de Camões animado pelo mais ardente amor da Patria, e cheio de enthusiasmo pelo valor e constancia com que a nação Portugueza, não obstante a pequenhez dos seus principios, tinha conquistado sobre os Mouros o seu paiz; com que havia fundado a Monarchia, e sustentado a sua independencia contra o poder superior de Castella; com que depois de a haver consolidado, tinha passado á Africa para pôr barreiras ao poder Mauritano; com que tinha emfim atravessado novos mares, e estabelecido hum vasto Imperio no Oriente; emprendeo erigir hum monumento, o qual transmittindo á posteridade tão heroicos feitos, perpetuasse a gloria do nome Portuguez, e attestasse que nação alguma a tinha adquirido igual.

Elle imaginou pois hum Poema epico nacional, e quiz cele-

brar a primeira virtude dos Portuguezes, a sua heroicidade, sobre a terra e sobre o mar: portanto na sua exposição diz

Eu canto o Peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram.

Para este fim escolheo o facto mais memoravel da Historia Portugueza como sujeito, e acção do seu Poema (o Descobrimento da India por Vasco da Gama e seus heroicos companheiros); reunio na narração como episodios adequados ao sujeito, e a esta acção, todos aquelles successos da historia de Portugal que prepararam a Nação para tão grande empreza, e para a fundação daquelle vasto Imperio, que os seus heroes deviam estabelecer no Oriente; completou o seu plano, não só com o que diz respeito á acção principal, mas com tudo o que podia realçar a sua nação, e excitar a curiosidade dos vindouros.

Assim principia, e com razão,

As armas e os Baroẽs assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda alem da Taprobana:
....
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.

O Descobrimento da India, conseguido pela navegação de Vasco da Gama, he a acção unica, e completa do Poema.

Este successo, quando se considera o estado dos conhecimentos nauticos na Europa, o receio que havia, antes das nossas expedições, de accommetter os mares a grandes distancias, a pequenhez da Nação, e da expedição que emprendeo esta descoberta, he huma das acções mais heroicas dos homens. A sua importancia, quando se reflecte nas suas consequencias, he a meu parecer maior que a das Cruzadas. Todos os que sabem a

historia não duvidarão que as conquistas dos Portuguezes no Oriente enfraqueceram o poder dos Musulmanos, que ameaçava com ferros a Europa, e que da abertura directa da navegação, e commercio da Asia, resultou a extensão e augmento das riquezas, a liberdade, e civilisação da Europa.

Mas quem será tão pouco curioso de conhecer as causas de acontecimentos extraordinarios, ou tão ingrato a huma nação que assim beneficiou as outras, para não desejar saber as instituições e principios desta Monarchia, que puderam fazer de cada Portuguez hum Heroe? He pois natural que a maior parte dos homens tivesse a curiosidade de informar-se dos successos, que precederam este na historia de Portugal, como tambem dos que foram o resultado desta famosa expedição, e de conhecer os seus principaes heroes.

Assim devia pensar Camões, e conformar a estas vistas o plano do seu Poema, em que se propunha celebrar o valor heroico dos Portuguezes, e portanto o intitulou, *Os Lusiadas*, e accrescentou no principio que cantará:

> Tambem as memorias gloriosas
> Daquelles Reis que foram dilatando
> A fé, o imperio; e as terras viciosas
> De Africa, e de Asia, andaram devastando;
> E aquelles que por obras valerosas
> Se vaõ da lei da morte libertando.

O que não destroe, nem offende a unidade epica do Poema, antes completa o todo. Assim, as duas primeiras condições da acção foram observadas; e logo veremos que igualmente o foi a terceira.

Na epoca litteraria em que escreveo Camões, era julgado essencial na poesia, e sobre tudo na poesia epica, o emprego da Mythologia; e era mesmo huma opinião geral que os deoses da fabula eram personagens allegoricas: por tanto Luis de Camões

para se conformar com a opinião do seu seculo, empregou este genero de Maravilhoso nos Lusiadas: porém elle mesmo previo a objecção, e explicou com fina graça no Canto X, est. 82, até 85, que são causas segundas personificadas para fazer versos deleitosos.

Mas por que não empregou elle antes a intervenção dos bons Anjos, e dos Demonios no seu Poema, como fez Torquato Tasso poucos annos depois, em lugar do escandalo æsthetico que nos offende de ver a intervenção dos deoses do Paganismo n'hum poema, em que os heroes professam os dogmas da Religião Christã? Posso responder; porque não julgou tão poetico este Maravilhoso, como me persuado, seguindo nesta parte a opinião de Boileau, a qual adoptarão talvez os que examinarem imparcialmente este ponto. Ousarei dar outra razão fundada naquelle tempo da nossa historia, e que não será recusada por todos os que a recordarem. Tinha elle por ventura a liberdade de escolher este ou aquelle genero de Maravilhoso a que désse a preferencia? Direi mesmo o da Gerusalemme?

Os homens de lettras, presentemente na Europa, crem tão pouco nos deoses da Gentilidade, como na magica negra, e nas feitiçarias operadas pelos espiritos infernaes; e devem confessar que quando lem os poemas da antiguidade, e o de Tasso, elles são obrigados a transportar-se com o pensamento aos tempos em que qualquer destas opiniões era universal, para poder gostar as bellezas que produzem, e receber a illusão causada por hum e outro genero de Maravilhoso. Sem esta illusão, não sentiriam commoção alguma lendo os combates e opposição dos deoses em Homero, ou no Tasso a contrariedade dos espiritos infernaes, pretendendo disputar e lutar contra o Poder celeste. E se isto tem lugar relativamente a Homero, e ao Tasso, porque não ha de succeder o mesmo a respeito de Camões?

Sem duvida a intervenção dos deoses da Gentilidade nos

Lusiadas produz bellezas iguaes ás que se encontram nos poemas dos antigos; e quando se lem os Lusiadas, admittindo com o Poeta a opinião corrente do seu tempo, cessa todo esse escandalo, de que huma critica severa tem culpado somente a Camões, quando o Tasso, e Milton cahiram tambem nesse pretendido defeito de introduzir nos seus poemas termos e figuras da Mythologia. Mas quando huma critica nimiamente austera se obstine a julgar defeito este Maravilhoso, qual he o poeta isento delles? Horacio achou que Homero dormia algumas vezes: outros criticos o accusaram, e reprovaram a sua ficção ou transmutação dos deoses em moxos. Em Virgilio as deidades do Paganismo não são representadas com tanta dignidade, nem a sua intervenção he tão poderosa como em Homero: a invenção das Harpias he reprovada, e a metamorphose das náos em Nymphas; e nos seus ultimos livros esfria o interesse. Se estes dous mestres da arte, hum pela sua sublimidade, o outro pela pureza de seu estylo, não são isentos de defeitos, he porque a natureza humana não comporta a summa perfeição.

Em lugar de arguir pois o nosso Poeta, poderiam antes notar o engenho, com que elle soube introduzir no seu Poema, como agentes e como causas segundas, os deoses Gentilicos, vencendo huma grande difficuldade; e louvar igualmente a arte com que ligou ao genero antigo da Epopea, o da Cavallaria, e o dos nossos costumes modernos, conservando sempre em ambos a elevação propria do poema epico.

Vejamos agora como toda a sua concepção he sublime na sua grande simplicidade, e como elle he de todos os modernos, atrevo-me a dize-lo, o que mais se chegou aos grandes modelos da antiguidade, sem ser hum servil imitador delles.

O Plano do Poema he conduzido com aquella regularidade classica que os antigos estabeleceram. A fabula he implexa.

O Poeta nas primeiras estancias faz a exposição, invoca as

Nymphas de Tejo, dirige-se ao Senhor D. Sebastião para conciliar a sua benevolencia, e entra depois na narração, e no meio da acção.

Vasco da Gama, e os seus companheiros navegam ao longo da costa oriental de Africa, com o projecto de descobrir a India. Jupiter chama os deoses a conselho para decidirem sobre a sorte desta grande empreza. Baccho, que se julgava ser o primeiro conquistador da India, oppoem-se ao successo della por temer que a sua gloria fosse escurecida. Venus e Marte favorecem os Portuguezes, porque esta nação se distinguia pelas qualidades que elles mais apreciam. Jupiter cede a estas divindades. A esquadra chega entretanto a Moçambique. O regente Mouro, instigado por Baccho, pretende destrui-la por força, mas não o podendo conseguir, procura maliciosamente faze-la entrar no porto de Mombaça, aonde Baccho lhe prepara novas traições. Venus apercebida do perigo dos seus Portuguezes recorre a Jupiter, o qual manda Mercurio avisar Gama de largar este porto; ao que elle obedece, e vai lançar ferro em Melinde. O Rei Melindano o hospeda amigavelmente, e lhe pede a narração tanto da sua viagem, como a da historia da nação Portugueza, pela qual a fama lhe tinha feito conceber a maior admiração. Vasco da Gama satisfaz aos desejos do Rei, e (como Eneas a Dido) lhe refere os factos mais notaveis e curiosos da historia de Portugal; e terminando com a narração da sua viagem até Melinde, pede a este Soberano lhe dê hum piloto que o conduza á India. Apenas obteve este, e deo á vela, quando Baccho magoado desce ao fundo do mar, a supplicar Neptuno, e as deidades daquelle elemento, que destruam a esquadra Portugueza. Neptuno excita huma tormenta que os teria submergido, se Venus acudindo em seu soccorro, não tivesse aplacado os ventos. Chegam felizmente emfim a Calecut na costa do Malabar, aonde o Gama he bem recebido pelo Samorim, Soberano daquelle

paiz. Aqui, pela boca de Monçaide, dá o Poeta huma idea da historia, religião, e costumes de Asia. Não perdendo de vista o engrandecer a sua nação, Camões imagina hum meio na occasião da visita do primeiro ministro, o Catual, á náo de Paulo da Gama, que dê motivo a este capitão de satisfazer a curiosidade do Indio, narrando-lhe alguns dos feitos mais heroicos dos Lusitanos. Baccho porém procura novos meios de animar e excitar os Mouros de Calecut contra os Portuguezes, que representa como piratas, e de mover-lhes outras contrariedades. O Catual retem como prisioneiro o Gama, que nesta crise mostra a sua prudencia e fortaleza, e por fim obtem do Samorim a liberdade de embarcar-se, e voltar para a Patria. Nesta volta, Venus, para recompensar os seus Heroes validos, os faz abordar a huma ilha, aonde lhe havia preparado festas proprias para os alliviar das fadigas e trabalhos experimentados em tão ardua e grande empreza. Alli Tethys que os recebe, faz ver a Vasco da Gama a extensão do Imperio que os Portuguezes fundarão na Asia, assim como os Governadores, e grandes homens, que immortalizarão o seu nome naquella parte do Mundo.

Estou persuadido que, lendo o Poema attentamente, todos sentirão comigo que esta composição excita o maior interesse; que o seu todo, considerado o assumpto da acção, he extremadamente bem organisado; que as suas partes são muito correspondentes e appropriadas; e que he ao mesmo tempo de huma grande simplicidade, e de huma variedade agradavel.

Todas as regras da arte relativamente á acção do Poema se acham nelle preenchidas. Esta he unica, grande, e completa; os episodios lhe são naturalmente adaptados; as vicissitudes que a suspendem excitam devidamente a curiosidade, e o interesse.

Se neste Poema não ha, como na Iliada, junto ao principal Heroe hum grupo de caracteres diversos, bem desenhados e sustentados, tambem na Eneida estes se não acham. E com tudo

os caracteres de hum Affonso I, de hum João I, de Egas Moniz, de Duarte Pacheco, de Affonso d'Albuquerque, etc. valem bem os do forte Gyas, e Cloantho, e de Evandro, que tambem não formam grupo, e são introduzidos naquelle poema admiravel.

Quanto aos episodios, que são hum ornato essencial da Epopea, devemos julgar a narração da historia de Portugal, a aventura dos doze Cavalleiros que foram ás justas de Inglaterra, e os amores de D. Ignez, como verdadeiros episodios. A sua belleza he realçada pela maneira com que são entresachados no Poema.

Os sentimentos, e a lingoagem poetica dos Lusiadas, são os mais proprios, e convenientes a este genero de composição. Nem as personagens que alli figuram, nem o Poeta apresentam ou exprimem hum só sentimento, hum unico pensamento, que não seja moral, generoso, heroico, e até sublime. Nesta parte distingue-se o nosso Poeta sobre todos depois de Homero verificando a maxima de hum celebre moralista, que *os grandes pensamentos nascem do coração*. E quem teve hum coração mais elevado do que Luis de Camões? No seu Poema não ha nada vulgar, nem baixo; nenhuma vil lisonja, nenhum louvor dado, senão ao merecimento verdadeiro. O amor da virtude, do heroismo, e da Patria resplandece constantemente, e deita hum grande clarão.

Quanto á lingoagem, e estylo poetico dos Lusiadas, o seu caracter he hum tom sempre natural sem affectação, nobre, e levado muitas vezes ao sublime. Luis de Camões pedio ás Nimphas do Tejo que lhe dessem

> ..... Hum som alto e sublimado,
> Hum estylo grandiloquo, e corrente,
> ... Huma furia grande, e sonorosa,

e ninguem deixará de sentir que as Musas ouviram e satisfizeram os seus votos.

Sir William Jones, tão instruido em diversas lingoas, como amante da Litteratura, explica-se assim: *Camoensium Lusitanum, cujus poesis adeò venusta est, adeò polita, ut nihil esse possit jucundius; interdum verò adeò elata, grandiloqua, ac sonora, ut nihil fingi possit magnificentius.*

Logo ao principio da leitura dos Lusiadas, experimenta-se huma commoção causada pelo fogo do Patriotismo que abraza o Poeta, anima todo o Poema, e se communica ao leitor, ao mesmo tempo que huma dicção correcta, facil e elegante, o attrahe e prende pela sua harmonia. O ornato de figuras he admiravel. As comparações quando são feitas á imitação das de Homero, ou de Virgilio, igualam-nas, e não parecem copias; e quando são da propria invenção do Poeta, são cheias da maior belleza e verdade. As descripções de sitios, de combates, e de scenas navaes são vivissimas, e tanto mais conformes ao natural, que elle as representa como quem as vira e presenceara. Nas pinturas, ou he grande, e vale-se dos fortes é sublimes pinceis de Miguel Anjo, e de Rafael; ou suave emprega as maneiras graciosas de Albano, e de Corregio: como aquelle cujo coração reunia huma grande energia, e huma extrema sensibilidade. Podem citar-se muitos versos de poesia imitativa que ferem pela sua propriedade. Elle possuia tambem a arte de ennobrecer pela lingoagem poetica cousas usuaes e vulgares, de modo que não apparecessem com desavantagem na Epopea. São passados dous seculos e meio, e apezar de ter sido Camões hum dos primeiros que formou a nossa lingoa, não ha huma locução, quasi mesmo hum vocabulo que tenha envelhecido, ou seja escuro. Finalmente, de todas as maneiras que se considere este Poema; quer pelo que respeita as regras da arte na composição e execução; quer pela sublimidade da invenção, e riqueza de erudição e sciencia; quer pelo que toca á moralidade dos sentimentos, e da lição que dá aos homens; quer emfim pelo entre-

tenimento que a sua leitura fornece; todo o leitor imparcial e justo convirá que não he inferior a nenhum dos melhores poemas epicos. Digo isto, dirigindo-me aos estrangeiros; porque estou persuadido que os Portuguezes, assim como eu o sinto e penso, o devem julgar superior a todos, sem receio de que esta opinião se attribua a huma insensata vaidade nacional, mas antes a hum amor natural, e louvavel pelas nossas cousas, inspirado por huma razão bem justa de gratidão.

Os Lusiadas são hum monumento da gloria nacional. Este Poema deve ser para nós tão precioso, como a Iliada o foi para os Gregos. Se nesta foram cantados pelo primeiro Epico os tempos heroicos da Grecia, tambem nos Lusiadas são celebrados e cantados os insignes feitos, as victorias, e os trabalhos dos nossos antepassados. Assim cada Portuguez participa de huma tanto maior parte da gloria nacional em proporção da pequenhez da Nação, e ama tanto mais vivamente a sua patria, e o Poeta que conservou estas illustres memorias á posteridade. Cada familia nobre acha alli o seu nome, bem como as acções esclarecidas de seus avós, e não pode deixar de estimar em muito a honra de ver-se inscripta nestes archivos do Heroismo. Cada cidade e villa he alli memorada. Os Portuguezes, como os Gregos e Romanos, tem portanto em Camões, o seu Homero, o seu Virgilio, ao qual devem a conservação e perpetuidade da sua illustre fama. Quem haverá pois entre nós de tão baixo coração que não sinta hum grato enthusiasmo pelo nosso Poeta? Os Inglezes o sentem por Shakespear, a ponto de não soffrer que se lhe descubra o menor defeito, cuja nota possa diminuir a admiração que por elle tem. Johnson, Aristarcho mais que severo, fallando do *Paraiso perdido* diz: « Qual será o Inglez que possa « deleitar-se em notar os lugares que merecem censura, os quaes « se diminuem a reputação de Milton, diminuem de certo modo « a honra da nossa patria? » Se alguns pois entre nós ousaram

faze-lo a respeito de Camões, elles se tornaram reos de huma culpa que pode chamar-se anti-nacional.

Se não fosse obrigado a limitar-me nesta noticia do Poema de Camões, eu fundamentaria com exemplos, assim como o fez Addison, as proposições que adiantei; mas seja-me concedido apontar alguns dos lugares e bellezas mais notaveis em cada hum dos Cantos; o que se para os nacionaes he superfluo, pode ser util para os estrangeiros. A difficuldade he de escolher entre tantas bellezas.

Voltaire, perguntando-lhe hum homem de lettras porque não fazia hum commento a Racine, respondeo: Está já feito, basta escrever no fim de cada pagina, *admiravel*, *pathetico*, *sublime*, em lugar de qualquer outro commento superfluo. Julgo que o mesmo dito se pode applicar a Camões; e assim espero me desculpem se repito muitas vezes estes e semelhantes applausos, nos lugares que vou apontar dos Lusiadas.

No Canto I, a introducção ou exposição he no verdadeiro estylo epico; nobre, e animada daquelle patriotismo que vivifica todo o Poema. A invocação ás Musas do Tejo, e a oração dirigida ao Senhor D. Sebastião são huma expansão do mesmo sentimento, exprimido em bellos versos. Nesta se deve notar o tom elevado, e digno de hum vassallo que sente o seu valor, sem faltar ao respeito, mas que com nobreza diz ao Soberano,

> Vereis amor da patria não movido
> De premio vil; mas alto e quasi eterno;

e fallando-lhe dos grandes Reis seus predecessores, e dos grandes homens da Nação com justo enthusiasmo, convida o moço Rei a ser digno herdeiro das virtudes dos seus antepassados, e digno Soberano de huma nação de heroes cujo valor elle vai cantar nos seus versos.

He impossivel que todo o homem instruido nos bons autores

antigos e modernos não reconheça a superioridade de sentimentos, e de tom do nosso Poeta, quando o comparar aos outros, e advertir no modo com que Virgilio, e Lucano se dirigem aos Cesares, o Ariosto e o Tasso aos Principes da casa d'Este.

O modo por que Luis de Camões entra na narração he conforme ao dos antigos Epicos. Começa esta com a assemblea dos deoses; e pela intervenção delles, attentos a occupar-se dos Heroes do Poema e a os proteger, lhe dá huma maior importancia, e prepara o leitor a esperar acções nobres e grandes.

Neste conselho, a magestade e superioridade de Jupiter Tonante são conservadas no tom e formas do seu discurso. O ciume de Baccho que anima o que elle pronuncia, he sustentado de hum modo digno, e de maneira a fazer recear os effeitos da sua opposição á empreza dos Lusitanos. Pelo contrario Venus conserva, nas poucas palavras que diz, intercedendo por elles, hum tom appropriado ao caracter conhecido desta Deosa, que préza nos Portuguezes as qualidades, e a lingoa semelhantes ás dos seus Romanos. Marte, que sustenta esta protecção, e que estima o valor Portuguez, se exprime com a vehemencia do Deos da guerra, e mostra-se *iracundus, inexorabilis, acer*, e grande até no modo com que se apresenta a Jupiter, d'entre os deoses, fazendo tremer o ceo. A lingoagem poetica he aqui verdadeiramente a lingoa dos deoses.

Este Poema tem o raro merecimento de conservar fielmente, nos seus quadros, os costumes dos povos de Asia e de Africa, tambem como os dos cavalleiros aventureiros daquelle tempo na Europa. A primeira entrevista de Vasco da Gama com os Mouros de Moçambique he huma prova disto mesmo, não sendo possivel que a poesia possa melhor, nem com mais verdade, representar a natureza nestes paineis.

A descripção de huma bella noite de luar, a da manhãa se-

guinte são de huma elegancia engraçada; e o Poeta imitando a Virgilio, como este a Homero, faz as descripções suas proprias. A comparação que precede o combate he nova, e de muita propriedade, e representada com as cores mais naturaes.

O combate que se segue entre os Portuguezes e os Mouros he muito bem descripto, e de hum modo rapido. Nelle não quero deixar de notar os dous bellos versos de poesia imitativa:

> A plumbea pella mata, o brado espanta,
> Ferido o ar retumba e assovia.

Logo no principio do Canto II, pondere-se como Camões não perde huma só occasião de tocar tudo o que honra a Nação: assim faz menção dos dous condemnados que Vasco da Gama manda à terra. Os nossos grandes Soberanos foram os primeiros que commutaram a pena de morte deste modo, e com a transportação.

Para prevenir a cilada que os Mouros ordiam em Mombaça aos navegantes, Venus desce ao mar, e convoca as Nereidas, e toda a mais cerulea companhia, para que juntos vão pôr o peito ás náos, e impedir-lhe a entrada no porto: invenção nova, e summamente bella, do nosso Poeta, que prova neste lugar, assim como em outros, hum engenho inventor. As duas comparações das formigas, e das rãas são bem do estylo Homerico.

Ainda não satisfeita Venus, sobe ao sexto ceo para implorar Jupiter em favor da sua amada nação. Esta he huma das mais lindas passagens deste Canto. A descripção da Deosa, assim como a sua falla, são de hum mimo poetico, e de hum gosto puro em belleza de imagens, harmonia de versificação, e calor de estylo, que julgo o mesmo Tasso (se ouso dize-lo) não igualou, imitando-a na sua muito bella, mas algum tanto estudada, descripção de Armida.

Ha no retrato que faz da Deosa, nos gestos, na lingoagem,

huma graça e suavidade, que mostram a excellencia do Poeta nas descripções, e nos sentimentos deste genero.

A resposta do Padre Jupiter conserva a dignidade que lhe he propria, quando lhe declara na mais alta poesia os decretos dos fados em favor dos Portuguezes, de modo a excitar a curiosidade e o desejo de conhecer os grandes feitos que lhe são vaticinados. Note-se a Est. 53, em que elle imita a Virgilio, e o bom gosto, e concisão com que emula a este grande poeta; e em todo o discurso a energia, e a autoridade da lingoagem.

A' chegada da frota a Melinde, pode citar-se como modelo da arte oratoria o discurso do mensageiro de Gama. O do Rei Melindano he qual convem a hum principe, de quem Osorio diz: *In omni autem sermone princeps ille non hominis barbari specimen dabat, sed ingenium et prudentiam eo loco dignam præ se ferebat.* (De reb. Emmanuelis.)

Citei este Historiador para melhor responder á critica injusta que Voltaire fez de Camões accusando-o de que Vasco da Gama fallasse de Ulysses e Eneas a hum barbaro Africano, que não podia conhecer taes nomes. Deve causar sorpreza que a hum homem tão erudito não lembrasse que este Rei era hum Arabe, em cuja lingoa existiam então muitas traducções dos antigos, e muitos livros de sciencia, e historia; e olvidasse que o poderiam com mais justiça culpar de pôr na boca de Mahomet fallando a Zopiro:

> En Égypte Osiris, Zoroastre en Asie,
> Chez les Crétois Minos, Numa dans l'Italie,
> A des peuples sans mœurs, et sans culte, et sans rois,
> Donnèrent aisément d'insuffisantes lois.

Na descripção da entrevista do Rei com Vasco da Gama, reconhece-se o talento do Poeta em relevar pelo estylo cousas usuaes e vulgares e ao mesmo tempo todo este painel he tão animado e natural, que parece ver-se.

Se a exemplo da preferencia que geralmente se dá aos IV e VI Livros da Eneida, eu ousasse estabelecer huma primazia nos cantos dos Lusiadas, citaria os Cantos III e IV, que contem a historia da monarchia Portugueza. He nesta narração que o Poeta mostrando-se animado de hum patriotismo o mais ardente, que dá vida a tudo, hombrea com os primeiros poetas epicos. Vejo-me embaraçado para citar com preferencia esta ou aquella passagem, porque tudo he admiravel. Alguns lugares são eminentes pela sua perfeição classica; outros são de hum gosto *romantico* o mais selecto, e original.

A descripção da Europa, pela qual elle começa, e que alguns criticos estrangeiros reprovam como hum lugar secco, pode servir de exemplo para dar huma idea do talento poetico de Camões. As feições dos diversos climas, as allusões historicas fazem esta descripção pitoresca e agradavel. Se estas descripções se estimam em Homero, porque não as devemos avaliar no nosso Poeta? Os quatro versos com que elle conclue a Est. 21, não sei como se possam ler com seccos olhos:

Esta he a ditosa Patria minha amada,
A' qual se o ceo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo!

Por certo Camões nestes divinos versos exhalava pela boca de Gama o sentimento, que elle experimentava na India, quando continuava o Poema, destinado á gloria dos seus compatriotas.

Proseguirei indicando os lugares preeminentes: entre estes o modo, por que prepara a narração da batalha de Ourique (memoravel por si, e por datar deste glorioso dia a fundação e independencia da monarchia Portugueza), he grande como o assumpto. A apparição do filho de Maria ao Senhor D. Affonso, a inflammação que causa nelle e nos seus soldados, a confiança

e valor que inspira a este punhado de gente para levantarem Affonso sobre o pavez, como já certos do successo, caracterisam hum engenho epico.

Segue-se a narração da batalha, ou antes a viva pintura della; e alli, como nas outras que elle descreve, he que pode mostrar-se a differença entre o poeta soldado que representa o que vio, e aquelle que no seu gabinete imita ou copia os Historiadores e Romancistas. Os rasgos são vivos, rapidos, naturaes, e proprios destas scenas horrorosas, como elle as tinha visto, militando.

Obrigado de passar rapidamente por muitas bellezas, estou certo que as estancias 83 e 84, sobre a morte do nosso primeiro e grande Rei, captarão a attenção de todos, pelo seu gosto apurado, e pelo pathetico da ultima.

A oração da Rainha D. Maria he de huma grande perfeição oratoria; e supposto a situação seja muito semelhante á de Venus no Canto II, deve reparar-se na differença dos pensamentos e affectos proprios para mover:

No verso,

Que a vivos medo, e a mortos faz espanto,

esta ultima figura he de hum bello atrevimento.

Depois de descrever com o mesmo calor e naturalidade a batalha de Tarifa, he muito engenhoso o modo por que introduz a historia tragica de Ignez de Castro. Neste lugar excellente basta citar o que diz hum homem tão eminente pelos seus talentos e puro gosto, como Voltaire, o qual assegura que não ha em Virgilio (no autor o mais judicioso e sensivel de toda a antiguidade) huma passagem mais pathetica, mais propria a mover o coração, e mais perfeitamente escripta.

Em nenhum poema se encontram tantos elogios do sexo feminino, e dos seus attractivos poderosos. O coração sensivel

de Camões deleita-se em pintar a variedade da sua belleza, e dos seus encantos, as vicissitudes dos prazeres e penas do amor, com a effusaõ de quem o sabia sentir taõ vivamente.

Mas naõ obstante esta ternura, que o poderia fazer desculpar a terrivel vingança exercitada por D. Pedro nos matadores da sua amada, Camões sempre philosopho reprehende severamente o pacto duro e injusto, que fizeram os dous Pedros, inimigos das humanas vidas.

Do episodio taõ sensivel como pathetico de D. Ignez passa o Poeta no principio do Canto IV a fazer o quadro horridissimo da guerra civil, originada entre a Rainha D. Leonor, ajudada de poucos Portuguezes, e assistida dos Castelhanos, e o Senhor D. Joaõ o I, em que o Poeta se mostra verdadeiro Portuguez, e dicta aquelles sentimentos e principios, que devem animar todo o homem amante da sua patria, para sustentar a sua independencia, e resistir a toda e qualquer força estrangeira que attenta viola-la. Taõ bellas e dignas de geral applauso saõ estas liçoẽs politicas (que a minha naçaõ acaba taõ gloriosamente de seguir nesta epoca, assellando a antiga virtude Portugueza), quanto merece severa censura o commentador Faria nas suas notas sobre esta passagem; notas indignas de hum bom Portuguez, e que verificam em demasia o dito de Voltaire: *Que os commentadores saõ sempre hum pouco inimigos da sua patria.*

Naõ he pois de admirar, que o discurso do Condestavel lhe naõ fizesse aquella impressaõ que deve fazer em todo o coraçaõ Portuguez. Na verdade he hum modelo superior de eloquencia militar, cavalleira, e de patriotismo.

Os preparos para a guerra, assim como tudo o que precede a memoravel jornada de Aljubarrota, que como a de Ourique tornou a consolidar a nossa independencia, saõ descriptos com rasgos admiraveis: mas tudo cede á descripçaõ da batalha. Propriedade natural de imagens, harmonia, e poesia imitativa dos

versos, representação grande e verdadeira desta scena sanguinolenta, fogo que anima o todo do quadro; nada falta para fazer este painel completo e perfeito.

São trez as batalhas que elle descreve; cada huma tem seu merito particular; e em todas he inimitavel pela verdade da pintura.

Seja-me licito fazer aqui pausa, para apontar como Camões seguio huma das principaes regras da Epopea, qual a de pintar e conservar fielmente os costumes da epoca em que poz a acção do seu Poema. Em todo elle se vê aquelle valor cavalleiro, aquelle espirito militar e romanesco, aquelle enthusiasmo, e amor da gloria que animava a Nação, e que fazia de cada Portuguez hum heroe. Só assim he que pode comprehender-se como depois da sua gloriosa historia das guerras com os Mouros e com os seus visinhos, passaram audazmente a attentar e executar tão grandes acções, e tão vastas conquistas.

Neste lugar principia o que pertence mais particularmente ao objecto e acção dos Lusiadas, que vem a ser as primeiras expedições nauticas, que prepararam o descobrimento da India.

Deixando por brevidade muitos lugares de merecimento, indicarei como bella, e verdadeiramente epica a invenção do Sonho d'ElRei D. Manoel, a resolução da expedição, e sua sahida do porto.

Transcreverei aqui, porque julgo impossivel dizer melhor, a nota de M. Mickle, em que mostra a engenhosa arte com que o Poeta conduz a viagem atrevida de Vasco da Gama. « Todas « as circunstancias são representadas com dignidade e magni- « ficencia. O Senhor D. João II concebe aquelle grande pro- « jecto politico, que nenhum Principe imaginara até o seu « tempo, e envia mensageiros por terra a fim de explorarem o « estado e commercio da India : a viagem destes he descripta á « maneira de Homero. A Providencia reserva ao seu succesor a

« fortuna e honra deste descobrimento, fingindo o poeta com « igual espirito ao primeiro dos Epicos, que os rios Ganges e « Indo lhe apparecem durante hum sonho, avisando-o de em- « prender a conquista da India. A escolha de Gama, e o enthu- « siasmo do Rei á vista do nobre aspecto deste heroe saõ rasgos « de hum grande Poeta. A solemnidade dos preparos espirituaes « dos Cavalleiros aventureiros, a sua nobre e firme resoluçaõ « quando vaõ a embarcar-se, o quadro em que representa as « maïs, as esposas, e amigos correndo magoados a ver o em- « barque destes que julgavam victimas do heroismo, e do amor « da Patria, e a ve-los pela ultima vez, as exclamaçoẽs philo- « sophicas do velho venerando contra a expediçaõ, emfim toda « esta representaçaõ da partida, tem huma dignidade, e pathos « que nenhum dos classicos excedeo, e cuja invençaõ he propria « de Camoẽs. Nem na Eneida, nem na Odyssea, ha lugar algum « semelhante a este. »

Prosegue o Poeta nos dous Cantos seguintes a narrativa da viagem; e nestes as bellezas que se encontram saõ de diverso genero e de grande variedade. Offerece logo o Canto V hum lugar preeminente e universalmente celebrado: mas principiarei por naõ deixar em esquecimento a Est. segunda, porque mostra huma difficuldade vencida engenhosamente. A terceira hè muito pathetica e de grande belleza. A descripçaõ da costa Africana, ao longo da qual navegava a esquadra, a dos phenomenos maritimos que lhe appareceram, a do primeiro encontro com os negros, tudo he tratado taõ poeticamente, e com tanta propriedade, que parece ao leitor achar-se a bordo de huma das náos da expediçaõ. He digno de observar-se, como todas as descripçoẽs de scenas nauticas, e as da physionomia das terras Africanas, e Asianas, que os Portuguezes descobriram, saõ feitas, naõ só com aquelle grande engenho de que o nosso Poeta era dotado, mas com huma naturalidade e ver-

dade, como quem tinha feito longas viagens de mar, e visitado aquelles remotos paizes. Se ainda hoje, que a navegação se tem adiantado tanto, e que estas regiões são tão conhecidas pelas relações dos viajantes, esta relação poetica he do maior interesse, pode julgar-se da impressão que faria, quando não eram passados oitenta annos que a primeira expedição de Gama tinha sido emprendida.

A aventura de Velloso he contada com muita graça; o dito jocoso com que he motejado pelos seus companheiros, e a sua resposta, são proprios do caracter militar, e muito admissiveis em hum poema epico; e se esta jocosidade desagradar a alguns criticos, rogo-lhes de lembrar-se que os grandes mestres se serviram de iguaes meios para com esta variedade descançar o leitor.

Devo não passar em silencio outra difficuldade vencida, qual he a de descrever poeticamente (sem com tudo offender a delicadeza, mas antes mover a sensibilidade) a molestia nojosa propria das grandes navegações.

As estancias 92 até a 100 deste Canto são bellissimas, e de grande moralidade; e o Poeta falla alli como o Coro nas antigas Tragedias. Devemos sentir muito que Luis de Camões tivesse tão justos motivos de queixa contra os descendentes de Gama, e contra os seus contemporaneos, que merecessem estes a sua severa reprehensão.

Mas neste Canto he que se acha a invenção e ficção do Genio do Cabo Tormentorio, a qual he sua propria, universalmente admirada, e que me atrevo a dizer tem huma sublimidade de grandeza, que não admitte superioridade em nenhuma das invenções, que possam allegar-se de qualquer outra composição humana. Voltaire confessa que deve fazer a admiração de todas as nações, e em todos os tempos. O estylo da poesia he igual á grandeza do sujeito. Tudo quanto eu podesse dizer seria sempre

inferior ao que cada hum, que tiver gosto, deve sentir lendo-o, e relendo-o.

No sexto Canto a descripçaõ do palacio de Neptuno he nova, muito agradavel, e de hum grande merecimento. Os ornatos e esculpturas do palacio saõ desenhados com bellissima poesia; e a falla de Baccho para persuadir as divindades do Mar a excitarem huma tormenta que destrua a pequena esquadra Portugueza, naõ he menos eloquente que as outras de que já fizemos mençaõ; antes no artificio oratorio, com que move aquelles deoses, pode citar-se como hum modelo classico. Camões nesta pintura imitou o lugar de Virgilio, em que este descreve Juno implorando os ventos.

Quanto he natural e bem pintada aquella scena de mar nas Est. 38 e 39, que serve de occasiaõ e preludio á historia do combate dos doze de Inglaterra, que o Poeta faz narrar a Velloso! Este episodio, no gosto *romantico* o mais bello, he introduzido no Poema com grande propriedade, porque sendo hum feito d'armas notavel dos Portuguezes, serve ao objecto que o Poeta naõ perde de vista, qual he o de cantar a heroicidade da sua naçaõ.

Apenas acabada esta narraçaõ de Velloso, logo o Poeta passa a descrever a tormenta que Neptuno excita. A descripçaõ desta (torno a repetir), he feita naõ somente com aquelle talento, e gosto de Camões, mas pintada com aquellas cores verdadeiras da natureza, que só pode empregar quem presenciou estas scenas horrendas. O modo por que Venus acalma os ventos he na maneira dos antigos.

Sendo os navegantes já chegados á India, termo da sua empreza, Camões levanta a voz em cinco estancias, que julgo incomparaveis pela valentia, e nobreza de sentimentos, assim como pela sua sublime poesia. Estas estancias, dignas de ser conservadas na memoria, saõ alem disso caracteristicas da grande alma, e do nobre modo de pensar do nosso Poeta.

A apostrophe que principia o Canto VII dirigida contra as Potencias da Europa, que se destruiam, e laceravam o proprio seio, com guerras de religião, he hum artificio engenhoso do sen patriotismo para sobrelevar a sua nação, e para fazer melhor sobresahir a grande empreza que ella no mesmo tempo commettia. A poesia he inspirada por aquelle nobre sentimento. Esta especie de digressão não he nem impropria, nem ociosa, quando se considera o Mundo repartido em dous Imperios, occidental e oriental: aquelle Catholico, mas desunido; o segundo Musulmano, mas unido e attento a destruir o primeiro. Se recordando a Historia, vemos que a passagem do cabo de Boa-Esperança salvou a Europa, e as suas liberdades do jugo dos Musulmanos (como he facil de demonstrar) não pode haver duvida em approvar esta digressão no momento em que os Portuguezes descobrem a India. Assim, a escolha que o Ceo fez da pequena nação Lusitana, para enfraquecer o poder Musulmano, para salvar a Europa, e para abrir o commercio da Asia, que procurou as maiores e mais beneficas consequencias aos Europeos (o que o Poeta faz conhecer, demorando-se nesta ponderação, quando os nossos são chegados á India), he muito judiciosamente alli memorada, e dá hum grande relevo á acção do Poema.

Abordando Vasco da Gama a Calecut, encontra hum Mouro nascido na costa fronteira á Hespanha, o qual conhecia a nação e lingoa Portuguezas, e podia assim servir-lhe de interprete. Este lhe descreve a peninsula Indiana, os seus costumes, leis, e religião; descripção excellente no sentido poetico, pelas vivas cores com que a poesia anima, e orna a verdade.

A descripção do palacio do Samorim he huma bellissima imitação de Virgilio: a audiencia que lhe dá aquelle principe, he huma exacta representação dos costumes orientaes: a falla de Vasco da Gama appropriada a mostrar os grandes projectos

do Senhor D. Manoel, he ordida com hum artificio diplomatico que mostra ser Camões versado até nestes conhecimentos.

No Canto VIII, Paulo da Gama recebe no seu navio a visita do Catual. Este, vendo as tapeçarias que representavam os feitos mais notaveis dos grandes homens que Portugal tinha produzido, lhe pede a explicação destas representações; o que dá naturalmente ao Poeta a opportunidade de louvar os heroes da Nação, em versos nobres, proprios para inspirar desejos de imitar as suas accões. Toda esta galaria de pinturas he feita com aquella arte, e seja-me licito dizer, com aquella maneira larga dos grandes pintores. Entre estes quadros são mais notaveis os que retratam o feito generoso de Egas Moniz, e huma acção digna dos tempos da Cavallaria, que fez o grande Condestavel.

Por esta occasião, e por aquelle máo conselho dado ao Samorim pelos seus privados, Camões faz algumas breves reflexões moraes, dignas de serem esculpidas em lettras de ouro nos gabinetes dos Soberanos. A comparação do espelho não he inferior á de Virgilio que elle imita: e assim em tudo o mais que ha neste Canto semelhante ao do mesmo Poeta, elle o faz como grande mestre, e não como servil imitador.

O restante do Canto não he alheio do que exige o poema epico. Acham-se alli a luta de Vasco da Gama, e a dos nossos aventureiros com os Mouros, que senhores do commercio daquelles paizes, e gozando da maior influencia nos governos mesmo em que não dominavam, pretendiam oppor-se ás vistas e complemento da viagem de Gama, procurando destrui-lo. A consultação dos haruspices, os artificios de Baccho, são ficções com que o Poeta, servindo-se do Maravilhoso *per ambages deorum*, entretem com arte o interesse.

Ao mesmo tempo a pintura das intrigas das Cortes, a prudencia com que o principal heroe do Poema vence todas as difficuldades, o seu discurso ao Samorim, e as judiciosas

reflexões que contem, são lugares dignos da meditação de todo o homem de Estado. Alli se vê bem exposta, e com justa vehemencia, a intriga, e o manejo de hum máo primeiro Ministro no procedimento do Catual; assim como reprehendidas severamente a ambição, a sede de ouro e o vil interesse dos cortesãos. Conclue com esta moral o Canto.

Ajuntarei aqui huma muito judiciosa reflexão de M. Mickle sobre o Canto VII, de que infelizmente elle se não lembrou quando ousou mudar o Canto VIII na sua traducção. « Aquella « imitação de Virgilio que se pode achar no Canto VII, he feita « como o deve hum mestre da arte. Se Homero tivesse escripto « a Eneida, havia de faze-lo como o poeta Romano, e apresentar « huma narração socegada no VII Livro, sem o tumulto, e « ruido de continuos combates. Assim Camões conservou aquelle « socego proprio e digno da sua narração no VII Canto, e não « ficou sendo inferior áquelle grande poeta. » Atéqui Mickle: mas eu direi tambem que o Canto VIII, tal qual se acha nos Lusiadas, mostra quanto Camões foi sempre judicioso no modo de conduzir o seu Poema, como se pode ver, não só conforme estas observações precedentes, mas pela meditação que qualquer homem instruido fizer, lendo-o com attenção.

Estes dous Cantos, e sobre tudo o ultimo he hum excellente manual de instrucção politica. Desata-se o nó da intriga e da acção no Canto IX, dissipando-se o receio natural da chegada das náos de Meca que podiam frustrar a expedição de Gama. Este he posto em liberdade, e parte finalmente de Calecut. O modo porque Camões conduz o seu Poema neste Canto, he muito melhor do que a invenção de M. Mickle, que na sua traducção, attentou muda-lo, imaginando que durante a prisão de Gama a frota bombardeava Calecut, e atterrava os Mouros a ponto de o soltarem e deixarem partir. Camões evitou justamente este modo de desatar o nó do Poema, assim como o de

servir-se das cansadas descripções de combates, tão usitadas nos outros poemas. Sobre a sahida da esquadra do porto de Calecut, Camões tem outra estancia (a 17) com que toca e move os affectos, no gosto que sentiriam os navegantes voltando para a patria.

Segue-se a bellissima ficção da ilha que Venus conduz e dispoem a receber os seus protegidos descobridores da India, para alli descançarem, e dar-lhes o premio de terem finalisado a sua gloriosa empreza; o que prova (se tal questão pode ter importancia) ser esta ilha imaginada, não nos mares da India, mas proxima ao termo da viagem de Gama. Esta atrevida invenção he ornada e tratada com todas as graças da poesia. Em nenhum lugar o poeta deixou correr a sua phantasia com mais calor e mimo voluptuoso. A descripção do paiz e jardins, as circunstancias do encontro dos Portuguezes com as nymphas, e todos os preparos deste festim de deleites, offerecem as pinturas mais graciosas que a rica e amorosa imaginação de Camões podia inventar, e que o mesmo Tasso poude sim imitar, mas não vencer. He para admirar que na pintura destas delicias o Poeta não offende nenhum sentimento nobre, nem a delicadeza, antes excita e anima á generosos sentimentos, pela explicação que dá desta encantadora allegoria. Aquelles que o criticaram, não o compararam por certo com os outros poetas, pois veriam que nenhum soube ornar estas pinturas como elle, de cores as mais vivas e abrasadoras, sem offensa do gosto. O caracter de Camões, que unia a hum coração terno huma grande fortaleza d' alma, o que o distinguirá sempre dos outros poetas, faz-se aqui conspicuo pelo modo com que introduz esta ficção no Poema, e o bom e puro gosto com que a trata.

Tudo quanto se segue pois para completar esta grande composição tem com ella toda a connexão. Mas com satisfação torno a transcrever aqui a opinião de hum estrangeiro, tão bom

critico pela sua instrucção, e pelo seu juizo e talento poetico, como M. Mickle, para assim apoiar melhor o meu parecer: « O maior louvor de Camões, e que faz mais honra ao seu en-« genho inventivo, consiste na introducção de huma tão bella « ficção como parte essencial da conducta e do genero de Mara-« vilhoso que adoptara no seu Poema, porque não somente deo « assim mais dignidade á sua composição, mas a completou, e « concluio perfeitamente. A sua imitação de Homero e Virgilio, « neste proceder, he tal, que merece dizer-se que os igualou. « Por huma allegoria tão bella os heroes dos Lusiadas recebem « a justa recompensa que mereceram. Gama e os heroes seus « companheiros ouvem da boca de Tethys no seu divino palacio, « os triumphos dos seus compatriotas na conquista da India: « Tethys mesma conduz Gama, e lhe faz ver todo o mundo « Oriental; descreve com a mais bella poesia cada região e paiz, « e conclue com a Est. 142, Canto X, aonde lhe indica que « todas aquellas terras descobertas pelo valor Portuguez serão « dalli em diante dadas ao Occidente. He impossivel finalizar « hum poema com mais sublimidade. »

Julgo que dá com effeito hum grande lustre ao Poema esta prophecia, que Tethys faz ao Gama em recompensa da sua ardua navegação, e em que lhe faz ver como esta abrio o caminho á fundação do grande Imperio Portuguez na Asia. Portanto he natural e consequente que ella lhe faça a descripção geographica das terras descobertas e sobjugadas depois pelos Portuguezes naquella parte do mundo, assim como a pintura dos heroes que hão de illustrar a Nação no glorioso tempo do seu dominio no Oriente. Para notar porém com mais particularidade as bellezas deste Canto, apontarei no principio delle a passagem aonde o Poeta reflecte sobre si, e excita tanto a nossa sympathia, como a nossa admiração, vendo como entre os maiores infor-

tunios, que o levam á morte, elle só pede ás Musas que lhe dem alento para cumprir com o que quer á sua naçaõ:

Os trabalhos me vaõ levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas tu me dá que cumpra, ó graõ Rainha
Das Musas, co' o que quero á naçaõ minha!

Como he bem desenhado o grande caracter de Duarte Pacheco! quaõ justa he a censura com que argue o Rei, que ingrato deixou morrer este Heroe em hum hospital! Possam os Soberanos, para seu bem, recordar e ter presente a instructiva estancia 24. A morte de D. Lourenço de Almeida he sublime de poesia e de nobreza cavalleira, e sobre tudo os dous versos que terminam a outava 31. Com que grandeza igual ao assumpto canta os gloriosos feitos do grande Affonso d'Albuquerque, verdadeiro fundador do Imperio Portuguez na Asia; cujo nome e memoria ainda hoje, os Indios conservam! Como caracteriza os outros governadores, e excita o interesse nesta breve historia das nossas conquistas! O merecimento poetico de todos estes paineis he muito grande, e digno do maior louvor, naõ só pela sua variedade, mas pela justiça, e isençaõ de toda a lisonja.

Bem sei que he censurada a erudiçaõ do Poeta, assim como os seus conhecimentos physicos; mas elles naõ devem ser julgados pelas descobertas e progressos dos sabios mais modernos, e portanto fazem honra á instrucçaõ de Camões, e ao seu talento na poesia didactica. Isto mesmo naõ está alli com impropriedade.

Naõ dissimulo tambem que tem sido reprovadas por alguns as reflexões moraes com que conclue os seus cantos, ou que entresachou nelles; mas Marmontel as justifica, com a reflexaõ seguinte muito appropriada: (*Le chœur*, diz elle, *fait partie des*

mœurs de la tragédie ancienne; les réflexions et les sentiments du poëte font partie des mœurs de l'épopée). E quem lendo-as desejaria ser privado de moralidades dignas de tanta acceitaçaõ?

O epilogo dirigido ao Senhor D. Sebastiaõ, com que conclue o Poema, faz honra ao seu nobre coraçaõ, e ao seu patriotismo. He huma apostrophe didactica em versos harmoniosos, cheia do mais leal zelo, de amor da verdade e da justiça, e expressada com huma decente liberdade, propria do seu elevado caracter.

Hum Poema inspirado por hum patriotismo que abraza, escripto com tanta elegancia e simplicidade de dicçaõ, cheio de tantos lugares eminentes, ou pela invençaõ, ou pela fertil variedade de descripçoẽs, ou pela sublimidade dos pensamentos, elevaçaõ dos sentimentos, e graça das expressoẽs, dá sem duvida ao seu autor todos os direitos para ser posto entre os primeiros poetas epicos.

Mas creio sem jactancia que se lhe poderia dar a primazia entre os modernos, em attençaõ a que elle he o unico que inspira aos leitores hum sentimento elevado da natureza humana, hum amor da virtude, e da gloria, proprio para os fazer imitar acçoẽs grandes e heroicas. Os outros deleitam-nos, como o Tasso; inspiram-nos admiraçaõ, e veneraçaõ religiosa, como Milton; mas naõ nos electrisam. Os Lusiadas, se fossem mais lidos no original, deveriam produzir heroes. Bouchardon dizia, que depois de ler Homero julgava ter vinte pés de altura: mas com quanta mais razaõ hum Portuguez julgará ter essa estatura depois de haver lido o seu Camoẽs!

Concluirei com o dito do celebre moralista La Bruyère: « Quando a liçaõ de huma obra, diz elle, vos elevar o espirito, « e vos inspirar sentimentos nobres e valerosos, naõ recorrais a « outras regras para formar juizo della; assentai que he boa e » feita de extrema maõ. » Tasso honrou-se a si, e acreditou o seu discernimento, quando confessou que tinha receio de Ca-

mões como rival. O tributo de louvor que com generosidade pagou a Luis de Camões, honra este, e he a melhor refutação das injustiças com que alguns criticos, mesmo seus compatriotas, o maltrataram. Este grande poeta, melhor avaliador d' outro grande poeta, dedicou-lhe o seguinte Soneto.

Vasco, le cui felici, ardite antenne
Incontro al Sol che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Ove egli par che di cadere accenne;

Non più di te per aspro mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope oltraggio, e scorno;
Nè chi turbò l' Arpie nel suo soggiorno,
Nè dié più bel subjetto a colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi,
Tant' oltre stende il glorioso volo
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge:

Ond' a quelli a cui s' alza il nostro polo,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi,
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

Demorei-me, e dei com mais particularidade noticia da Epopea de Luis de Camões, por ser esta composição a que mais o distingue na Europa, as outras suas poesias sendo menos conhecidas fóra do nosso paiz, porque somente nestes ultimos tempos he que alguns criticos estrangeiros deram breve conta dellas na historia da Litteratura de Portugal. E com tudo se a nossa lingoa fosse tão conhecida como a Italiana, estou bem certo que o nome de Camões seria tão illustrado pelas suas rimas, como o de Petrarca.

O fertil e flexivel engenho de Camões empregou-se em todos os generos de poesia conhecidos e usados no seu tempo; e como em cada hum foi excellente, e em alguns fixou o estylo proprio

delles em Portugal, pode dizer-se que para ter idea da poesia Portugueza no XVI seculo, basta conhecer as obras de Luis de Camões. A sua preeminencia sobre todos os poetas daquella epoca me parece incontestavel, mesmo nas poesias lyricas; o que deve causar tanto maior admiração, considerando que estas suas composições ou foram os primeiros ensaios da sua mocidade, ou foram producções espontaneas da effusão dos seus sentimentos, e das circunstancias em que se achava, sem que depois as limasse.

Sabemos por Diogo do Couto que Luis de Camões tinha principiado a fazer huma collecção dellas (debaixo do titulo de Parnasso), a qual, tendo-lhe sido furtada em Moçambique, não foi possivel tornar a achar-se. Assim não foi elle quem escolheo ou corrigio as poesias que hoje se conhecem impressas debaixo do nome de Rimas, e que foram publicadas, pela primeira vez, dezaseis annos depois da sna morte, por Fernando Rodrigues Lobo Surrupita. Este editor confessa que as ajuntara, tirando-as de diversos livros de mão, aonde andavam espedaçadas, mal copiadas, e mesmo com erros; e por isso pede desculpa dos defeitos que nellas se acharem, allegando que elle Surrupita não ousara alterar cousa alguma dos manuscriptos que lhe tinham sido confiados.

Manoel de Faria segundo editor da mesma collecção a augmentou, ajuntando-lhe muitas poesias que poude descobrir, assim como tambem as Eclogas que, conforme a sua opinião, Diogo Bernardes tinha usurpado a Camões; demais elle diz as corrigira, servindo-se das melhores copias que lhe fora possivel achar. Mas quem pode saber as obras que do nosso poeta se perderam? Quem ousará affirmar que todas as que se acham nestas collecções são delle, ou que elle as julgasse dignas do prelo? Por ventura não he mui provavel que estes dous editores dessem como pertencentes a Camões algumas poesias de outros

autores? Talvez induzidos a isso, ou por huma tradição vaga, ou pelas acharem juntas com outras do mesmo Poeta; ou emfim enganados pela persuasão de que possuiam aquelle tino particular para conhecer e distinguir os estylos dos differentes escriptores. Este tino ainda que possivel e seguro até certo ponto quando se trata de hum autor preeminente, não deixa com tudo de ser sujeito a erro, e particularmente em obras aonde se empregam diversos tons. Persuado-me que algumas das composições publicadas debaixo do nome do grande Camões não são delle, vista a sua inferioridade a respeito das outras: ou se com effeito o são, entram sem duvida no numero daquellas que lhe foram arrancadas pela importunidade dos seus compatriotas, que abusavam da sua facilidade e complacencia, servindo-se do seu engenho e da sua penna.

A mais ampla collecção contem 301 sonetos; (mas de certo para mim, os 37 ajuntados na edição de 1720 não são delle, e ainda dos 264 duvido de muitos); 16 canções; 12 odes; 3 sextinas; 21 elegias; 15 eclogas (comprehendidas as do plagiato de Bernardes); e de algumas estancias, redondilhas, e outros versos pequenos. Ajuntam-se ás Rimas as trez comedias, de Seleuco, dos Amphytriões, e de Filodemo: não fallo de algumas outras obras, que lhe foram attribuidas inconsideradamente.

Nestas collecções não houve outro cuidado senão o de separar as poesias, e classifica-las somente pelos titulos, *sonetos*, *canções*, etc. sem que em cada huma destas divisões, ellas fossem ordenadas segundo o tempo em que podia julgar-se que Camões as compuzera. Esta falta de ordem, que he desagradavel, tem sido continuada por todos os que publicaram edições completas das suas obras. Causa estranheza que Manoel de Faria, o qual se vangloria de tão zeloso e apaixonado de Camões não remediasse este defeito, e que seguindo a mesma classificação, apenas nos désse em notas o que poude averiguar sobre o tempo e motivo

de algumas composições, e sobre as pessoas que ellas tinham por objecto, deixando por satisfazer muitos outros conhecimentos que desejaramos ter; pois he certo que em algumas poesias de Camões se notam allusões a cousas do seu tempo, que se perderam, e que por isso ignoramos.

Para poder bem avaliar o merecimento de Luis de Camões nestas obras, filhas do seu fecundo e natural engenho, he necessario ter na lembrança, que elle foi hum dos primeiros, depois de Sá e Miranda, que adoptou a introducção do estylo Italiano: mas pelo seu gosto formado sobre os exemplares Gregos e Latinos, pela sua veia poetica, e harmoniosa versificação, collocou-se logo em huma ordem superior a todos os poetas desta escola.

Petrarca tinha sido entre os Italianos o que mais havia contribuido pelos seus trabalhos litterarios, e composições lyricas, a dar á lingoa Italiana as graças da poesia antiga (cujos MS. elle foi hum dos mais zelosos a colligir) e a lhe ajuntar outras, proprias da sua lingoa e do tempo. Com as poesias lyricas deste autor, que constituem a sua fama, he que podemos comparar as de Camões; e fazendo-o assim estou persuadido que as pessoas imparciaes não acharão estas inferiores ás daquelle poeta. Parece-me incontestavel que as do nosso Portuguez manifestam hum estro igual ao do seu predecessor, e offerecem a mesma harmonia na versificação, e elegancia de lingoagem, a mesma viveza de imagens, e delicadeza de sentimentos, e de mais tem sobre as de Petrarca a grande vantagem de serem menos carregadas de conceitos, e subtilezas escuras, e de apresentarem muito maior valentia nos pensamentos. Ambos offereceram o exemplo da paixão mais nobre e mais pura, amando com extremo, constancia e fineza, damas a que não podiam unir-se; ambos emfim experimentaram a infelicidade de sobreviver-lhes. Elles se acharam por consequencia nas mesmas situações para

cantar, e chorar depois o objecto dos seus amores. Entretanto o genero, e circunstancias particulares da vida de cada hum foram virtualmente proprias de produzir huma influencia differente, a mais desavantajosa nas poesias de Camões, e a mais favoravel nas de Petrarca.

Este viveo feliz, rico, estimado e procurado dos Grandes; residindo nas Cortes, ou em huma boa casa de campo, no paiz o mais bello e civilisado; e cultivando as lettras socegadamente nos intervallos dos seus negocios. Camões pelo contrario foi pobre, perseguido, desterrado, e passou a melhor parte da vida, longe da Patria, por inhospitos climas, podendo apenas dar ao estudo momentos subtrahidos á tumultuosa occupação das armas, e amargurados pelo desgosto de se ver mal recompensado, e mesmo maltratado pelos seus ingratos compatriotas.

Advirta-se mais, que Petrarca teve o tempo de corrigir, de aperfeiçoar, e de publicar elle mesmo as suas poesias, o que não aconteceo a Camões. Quanto não devemos pois exaltar o engenho do nosso Poeta, quando apezar de tantas desavantagens observamos que elle não he inferior, antes superior em partes ao primeiro poeta da Italia neste genero!

As poesias de Camões conhecidas debaixo do titulo de Rimas, são, como dissemos, muitas e variadas. Nas melhores dellas reconhece-se a maneira deste grande Poeta, que apurou o gosto e estylo nacional, approximando-o da correcção mais elegante dos Italianos, e da dos antigos modelos.

Todos sabem que os sonetos foram inventados por Pedro de Vignes em Sicilia; assim como as canções pelos Proençaes, e que depois de adoptada esta forma e metro pelos Italianos, foi Petrarca quem os levou á maior perfeição, e ficou servindo de modelo aos seus successores.

Estes dous generos de poesia foram os que os modernos substituiram á ode dos antigos, e de que elles se serviram prin-

cipalmente para cantar os seus amores. Foi sobre tudo o sentimento da harmonia, que dirigio os Proençaes na construcção das strophas, e no encadeamento dos consoantes. Esta versificação difficil pela attenção forçada e constante que exige do poeta a harmonia dos sons, e bem assim o constrangimento que elle experimenta de encerrar as inspirações, e os pensamentos dentro de limites estreitos, foi provavelmente a origem das agudezas que se substituiram ao sentimento, e a das subtilezas, e conceitos em que se transformaram os pensamentos. As opiniões mysticas, e os costumes do seculo não contribuiram menos para augmentar estes defeitos: e assim devemos tanto mais estimar aquelles poetas, que souberam melhor preservar-se do contagio, e evita-los.

A imaginação do nosso Camões foi fertilissima em sonetos; e supposto que nesta ampla collecção, feita com pouco discernimento depois da sua morte, se encontram alguns inferiores, que ou lhe não pertencem, ou lhe foram arrancados extemporaneamente por amigos importunos, he notavel e digna de admiração a quantidade dos excellentes e perfeitos, que não consentem superioridade, alem dos muitos bons que alli se acham reunidos. A maior parte delles são amorosos, cheios de graça, delicadeza, ou de huma viva paixão; outros exprimem huma profunda melancolia. Em geral, nenhum poeta soube melhor conhecer e desempenhar o caracter deste pequeno poema: nenhum principalmente teve mais do que elle o dom de imprimir a sua sensibilidade nos versos que sahiram do seu coração, e que ainda hoje movem profundamente em nós huma terna sympathia.

As suas canções são conformes ás de Petrarca, e de Bembo; e verdadeiramente admiraveis pela elegancia da lingoagem, e harmonia dos versos. Ninguem conheceo e imitou melhor do que Luis de Camões a poesia de Petrarca; mas atrevo-me a dizer que lhe he superior na força dos pensamentos, e na

descripçaõ viva das scenas da natura que elle pinta, como quem as vira e soubera sentir; o que a imaginaçaõ e arte naõ podem alcançar. Entre as cançoẽs citarei trez, que me parecem muito superiores ás trez muito estimadas de Petrarca, (chamadas irmaãs) sobre os olhos de Laura. A decima,

Junto de hum secco, duro e esteril monte, etc.

composta quando o autor cruzava defronte do cabo Guardafú, he hum modelo da mais harmoniosa poesia, e de huma profunda paixaõ de amor. O coraçaõ sente-se por extremo enternecido, quando se considera este grande homem longe da sua patria, e da sua amada, militando em climas taõ distantes, e exhalando as suas penas e saudades nos mais bellos e ternos versos. A undecima,

Vinde cá meu taõ certo secretario, etc.

igualmente composta na Asia, e em que o Poeta recorda as tristes vicissitudes da sua vida e sorte, moverá por certo a sympathisar com elle os coraçoẽs mais duros. O homem sensivel, e capaz de avaliar Camoẽs naõ saberá resistir ao sentimento que lhe causaraõ os seus queixumes:

A gente amiga ja contraria via
No perigo primeiro; e no segundo
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava.

Estala o coraçaõ de dor vendo o extremo de infelicidade a que hum homem taõ eminente se achava reduzido por

Injustiças de aquelles que o confuso
Regimento, do mundo antiguo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos.

A cançaõ VI foi feita nas Molucas, e alli pode notar-se igualmente a viveza das descripçoẽs, e a dos sentimentos.

Depois das Cançoẽs seguem-se as odes, as quaes ou saõ eroticas, ou mythologicas, afora duas dirigidas a dous Grandes. Nellas naõ direi que mostra Camoẽs a impetuosidade de Pindaro, ou a valentia que se admira em algumas odes de Horacio; mas as graças felices, que fazem o merecimento de outras no poeta Latino, se encontram tambem nas do nosso Poeta. O espirito da poesia romantica dos Trovadores he nestas modificado com hum gosto mais classico, e puro. A sua primeira ode he hum modelo deste genero; o seu principio he verdadeiramente conforme ás regras poeticas da ode; e o fim he no gosto romantico lindissimo. A ode IX he huma imitaçaõ da de Horacio, *Diffugere nives*, e naõ se deve julgar indigna de hum dos primeiros poetas. Todas ellas apresentam lugares de huma grande belleza, quer pela melodia da poesia, quer pela viveza dos sentimentos: por brevidade deixo de cita-los.

As odes succedem na ordem, que poz o editor nas rimas de Camoẽs, quatro sextinas, invençaõ metrica dos Proençaes, e huma das mais difficeis pela disposiçaõ dos consoantes. Nestas se vê o talento flexivel do nosso Poeta, o qual quiz provar que naõ havia genero de poesia em que se naõ avantajasse. Ellas tem a harmonia musical, propria para captivar os nossos sentidos, e produzir em nós a mais agradavel impressaõ. Toda a pessoa capaz de sentir os encantos da poesia terá observado, que a estructura do verso, que he de certo modo a parte mecanica della, tem huma correlaçaõ mysteriosa com as sensaçoẽs, e commoçoẽs da nossa alma, e com tudo o que falla á nossa imaginaçaõ, e coraçaõ:

Les vers sont en effet la musique de l'ame.

As penas de amor, a vida aventureira em longinquas regioẽs, e os crueis trabalhos de Luis de Camoẽs, deviam inspirar-lhe a poesia elegiaca, e o desejo de imitar nella a Propercio, Tibullo,

e Ovidio. Porém se as suas elegias forem comparadas ás destes trez poetas, não se acharão conformes ás regras que elles nos deixaram; porque o nosso emprega algumas vezes hum estylo e tom que conviria antes á epistola. Mas em diversos lugares o tom, o estylo, e os sentimentos são perfeitamente elegiacos, e Camões excita em nós hum interesse o mais vivo, não só pela paixão, e melancolia que as suas elegias respiram, mas tambem pela contemplação de tudo o que soffria este homem sempre infeliz.

Encontram-se depois humas poesias versificadas como a outava rima. Estas são propriamente epistolas, e fazem conhecer os principios, e caracter moral deste excellente varão, e portanto são as mais notaveis. Julgo que a primeira de todas foi escripta em Africa, e dirigida ao seu amigo D. Antonio de Noronha em que fazendo-lhe ver os desconcertos do mundo, mostra quanto a sua nobre alma estava magoada pela immoralidade que nelle reinava. Em tão juvenil idade quão digno he de louvor o justo sentimento de virtude com que censura os vicios da Corte, e do seculo, e quão amavel he a sensibilidade com que expoem ao seu amigo os desejos de viver com elle retirado, cultivando as lettras, e na companhia daquella a quem entregara o seu coração!

As segundas estancias dirigidas a D. Constantino de Bragança, quando este governava a India, são huma imitação da epistola de Horacio a Augusto;

Cum tot sustineas et tanta negotia solus:

imitação em que rivalisa com aquelle autor tão perfeito, e lhe leva a vantagem na nobreza, e dignidade, com que louva este principe, a pezar da sua condição ser infeliz, o que não experimentava Horacio. Declara-lhe que o louva por amor da verdade,

E não de premio algum vil esperança.

Nesta epistola com justiça e elegancia faz o elogio do Condestavel, e toca levemente no governo daquelle Francisco Barreto que taõ injustamente o maltratara, e acaba com sabias e moraes reflexoẽs sobre o procedimento dos Principes, e a ingratidaõ dos povos para com aquelles que os beneficiaram, e lhe fizeram grandes serviços.

Depois das estancias seguem-se as eclogas, em numero de oito, na ediçaõ de Surrupita, ás quaes Manoel de Faria ajuntou sete, que andavam impressas nas obras de Diogo Bernardes. As primeiras merecem particular attençaõ pelo seu merecimento poetico. Nellas, como nas outras composiçoẽs se sente o calor da paixaõ, e dos sentimentos que as dictavam e animavam. He necessario saber, e considerar que Camoẽs se transforma em hum dos pastores interlocutores, e representa com este disfarce varios incidentes da sua vida, e de outras pessoas entaõ conhecidas. O seu gosto formado sobre os antigos o fez imitar varios lugares das Bucolicas de Virgilio; mas em outros seguio o do seculo, e tomou de Sannazaro e dos Italianos as eclogas piscatorias, o genero de versificaçaõ, e o estylo. Se naõ tem sempre a ingenuidade e simplicidade de Sá e Miranda, mostra comtudo mais elevaçaõ (21).

Na primeira feita á morte do seu amigo D. Antonio de Noronha, ve-se o seu profundo sentimento e dor por esta perda, e brilha o amor da sua patria que em toda a occasiaõ procura engrandecer, e o nobre sentimento do valor e independencia nacional; o que naõ se acha deslocado nesta peça, visto que D. Antonio tinha sido morto com as armas na maõ; e que nesta ecloga passa a lamentar a morte do Principe D. Joaõ, herdeiro do Reino, que morreo nesse anno, e que era huma perda sensivel, pois deixava só hum filho na infancia. O estylo, os pensamentos, e sentimentos saõ de huma grande belleza; e he

digno de notar-se o tom elegiaco dos cantos funebres de Frondelio e de Aonia, e a sua differença de versificaçaõ.

A ultima, á morte de D. Catharina de Atayde, he do maior interesse. A tristeza e melancolia dos sentimentos nos move a participar das penas que devia sentir o infelicissimo Camões por taõ cruel golpe. O mysterio que elle punha nos seus amores, faz que ignoremos quaes eram as esperanças, que fundava na sua amante; esperanças de que a morte della o privou. Emfim he impossivel deixar de chorar ainda hoje com elle taõ grande e pungente magoa:

E vós ó vida minha, pois curar-me
Já naõ podeis, deixai-me juntamente,
Por que lembranças taes possam deixar-me!

Luis de Camões naõ se esqueceo do estylo e generos da poesia nacional, pois nos deixou de hum e dos outros os melhores modelos.

As redondilhas que escreveo depois do seu naufragio, saõ huma linda paraphrase do Psalmo CXXXVI, *Super flumina Babylonis*, etc. He impossivel fazer melhor naquelle genero. Afora essas, compoz nos outros da nossa antiga poesia, cantigas, motes, glosas, voltas, e alguns pequenos versos; e destas peças ha diversas que pela singeleza dos pensamentos, doçura e graça do estylo, devem desarmar toda a critica. Taes saõ as voltas á cantiga: *Na fonte está Leonor:* os versos a huma Dama que jnrava pelos seus olhos, e outras que por brevidade naõ cito. Entre estes versos encontra-se a chamada satyra debaixo do titulo, *Disparates da India*, e alli se verá a verdade do que disse acima a este respeito.

Lamento que só podessem descobrir-se duas cartas deste grande homem, que saõ as unicas impressas na collecçaõ, e das

quaes dou extractos. A segunda, em prosa e verso, pouco se entende, por referir-se a cousas e successos então conhecidos, e que hoje ignoramos; mas ainda assim Camões lhe imprimio o seu caracter.

Os editores das suas obras conservaram-nos trez peças de theatro que provavelmente Camões escreveo na sua mocidade, ensaiando-se neste genero de composição, como se nenhum quizesse deixar sem nelle mostrar a flexibilidade, e variedade do seu engenho.

Não sendo porém esta a sua voçação, seguio a forma de versificação, disposição, e enredo, que Gil Vicente tinha adoptado para o theatro, então bem grosseiro, e bem distante do dos Gregos e Latinos, verdadeiros modelos desta especie de composição: comtudo Gil Vicente nesse tempo era muito estimado, e os seus autos e dramas eram representados no Paço, e faziam as delicias da Corte. Antonio Ferreira ainda não tinha composto a sua tragedia de Ignez de Castro, que depois da Sophonisbe he a segunda peça moderna feita á imitação das tragedias dos antigos. Camões cedeo ao tempo, e seguio a Gil Vicente, com mais gosto porém do que elle, e com o seu engenho aperfeiçoou nestes seus ensaios juvenis a maneira, a lingoagem, e as situações daquelle autor. A sua primeira peça intitulada, *Seleuco*, he propriamente huma farça: a composição he muito trivial, mas o dialogo tem naturalidade, e algum sal, e as redondilhas não deixam de ter sua elegancia. A comedia dos *Amphytriões* he melhor, pois he huma imitação de Plauto, mas segundo o gosto e estylo do tempo. Este ensaio poderia ter sido hum principio de melhoramento do nosso theatro, e deveria ter feito epoca, se Camões e outros, abandonando aquelle estylo, e formas, a que estava costumada a Nação, seguissem este caminho. A terceira peça, *Filodemo*, he huma novella em forma de drama, e hum aggregado de scenas comicas, e serias, em

prosa e em verso, accommodadas á aventura que constitue o enredo do drama. Em algumas scenas, o dialogo he natural e engraçado; e algumas das situações são comicas.

Estes ensaios não são comparaveis ás outras obras de Camões; mas era impossivel deixa-los no esquecimento, querendo dar huma idea do seu variado engenho.

Para melhor julgar da sua vastidão, e do vigor das suas faculdades intellectuaes, seria necessario fazer conhecer o estado da Litteratura em Portugal antes de apparecer Luis de Camões. Bernardim Ribeiro, Sá e Miranda, e João de Barros tinham principiado a enriquecer, e formar a lingoa Portugueza, e a dar-lhe hum caracter, e physionomia propria: Sá e Miranda tinha introduzido o estylo italiano na nossa poesia, tinha começado a dar-lhe harmonia e rhytmo, e imitado com felicidade em alguns lugares os lyricos Latinos: mas basta pegar naquelles autores, e passar delles a Camões, para ver quanto elle adiantou mais, e enriqueceo a Lingoa, e quanto na poesia foi superior, sem admittir comparação, a todos os seus predecessores, e a todos os seus successores até os nossos dias. Se se considera, depois disto, quantos conhecimentos, e quanto engenho devia ter Camões para crear a sua lingoa, dar-lhe as locuções, e forma de versificação propria a hum poema epico, tirar este de successos recentes, e muito grandes, ornando-os e realçando-os com ficções as mais engenhosas, e n'hum genero de composição, superior a todos, por-se igual aos grandes modelos da antiguidade, e ser o primeiro entre os modernos que ousou tenta-lo; e que até nas poesias Lyricas occupa hum lugar eminente, então, e só então se poderá bem avaliar Luis de Camões.

He was a man, take him for all in all,
I shall not look upon his like again. (SHAKESP.)

OS LUSIADAS.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda alem da Taprobana;
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andaram devastando:
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias que tiveram:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente;
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente;
Dai-me agora hum som alto, e sublimado;
Hum estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me huma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a cor ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo;
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança, K Sebastian
Maravilha fatal da nossa idade;
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande:

VII.

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro;
Ve-o tambem no meio do hemispherio;
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio
Que inda bebe o licor do sancto rio.

IX.

Inclinai por hum pouco a magestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno:
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi; vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi; que não vereis com vãas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fora verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande, e prospera victoria;
Outro Joanne invicto cavalleiro;
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo; e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte;
E outros em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pezo grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparelhado;
Que affeiçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada,
Dos dous Avós as almas cá famosas;
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas:
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteo são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde

XXII.

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano;
Com huma coroa, e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam:
Precedem os antiguos mais honrados;
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'hum tom de voz começa grave, e horrendo.

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente,
Do Luso, não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido, claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'hum poder tão singelo, e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tão temido,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim, com fama e gloria,
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vedes bem, que commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas, e ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos;
E tendo guarnecida a lassa frota,
Começarão a seguir sua longa rota.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia;
Quando os deoses por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria
De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vê que já teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agua de Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana;
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he a Latina.

XXXIV.

Estas causas moviam Cytherea;
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, hum pela infamia que arrecea,
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impeto, e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia;
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho, e irado.

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro:
E dando huma pancada penetrante,
Co'o conto do bastão, no solio puro:
O ceo tremeo; e Apollo de torvado,
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi: O' Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste;
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

XXXIX.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado:
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso;
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente;
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de Sáõ-Lourenço; e o Sol ardente
Queimava entáõ os deoses, que Typheo
Co' o temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Táõ brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitáõ,
Que a tamanhas emprezas se offerece;
De soberbo, e de altivo coraçáõ,
A quem fortuna sempre favorece;
Para se aqui deter naõ vê razáõ,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas naõ lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça; e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta, em si diziam,
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI.

As embarcações eram, na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas;
As velas com que vem eram de esteira,
D'humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos, e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Da cinta para cima vem despidos;
Por armas tem adagas, e terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX.

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro; e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham;
Quem eram; de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto;
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos ceos, e terras temos visto:
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle, o mar remoto navegamos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra he esta que habitais;
Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII.

Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei, e naçaõ;
Que os proprios, são aquelles que criou
A natura sem lei, e sem razão.
Nós temos a lei certa que ensinou
O claro descendente de Abrahão;
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV.

Esta ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habita-la:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV.

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco; e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitão, e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou,
Co' o carro de crystal, o claro dia;
Dando cargo á irmã que allumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada;
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII.

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou,
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas que partia.

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino,
O imperio tomaram a Costantino.

LXI.

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia;
Da-lhe conserva doce, e da-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe;
E muito mais contente come, e bebe.

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo, e a forte armada;
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinham de Turquia.

Constantin Paleologus -

LXIII.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co' os inimigos pelejavam.

LXIV.

Respondeo o valeroso Capitão,
Por hum que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa;
Busco as terras da India tão famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil;
Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil;
E que do ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao ceo.

LXVI.

Deste Deos-Homem, alto, e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porem aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas:
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto pode: e com razão;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitaõ,
Por quem podesse á India ser levado;
Diz-lhe, que o largo premio levaraõ,
Do trabalho que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro, com tençaõ
De peito venenoso, e taõ damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
Áquelles de quem foste tanto amigo!

LXXII.

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno; e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Já quizeram os deoses que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo sobmettesse
Debaixo de seu jugo o fero Marte.
Mas ha-se de soffrer que o fado desse
A tão poucos tamanho esforço, e arte,
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra; e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
A' sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras,
Estas que ora de novo são chegadas:
Que das naçoẽs na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruïdo
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua a terra, muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado,
Espera-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI.

E se inda não ficarem deste geito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro que por piloto á nao lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, e mares co'elle ande,
Que se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir onde nunca se alevante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando Gama co'os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pode suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario:
E foi-lhe respondido em som de guerra;
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia,
Em tres bateis somente que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia;
Outros muitos já postos em cilada;
E porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e poem por terra:

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilheria;
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta;
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC.

Não se contenta a gente Portugueza:
Mas seguindo a victoria estrue, e mata
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou compra-la mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando;
Da-lhe armas o furor desatinado:
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
A' terra firme foge amedrontado:
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII.

Huns vão nas almadias carregadas;
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornam victoriosos para a armada,
Co'o despojo da guerra, e rica presa;
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antiguo mais que nunca accesa:
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido,
O Regedor daquella iniqua terra;
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes que tratava.

XCV.

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto que lhe vinha,
(Foi delle alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, attento
A's velas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava,
Da India toda, e costas que passava.

XCVII.

Mas o Mouro instruïdo nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais co'o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antiguo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;
Que a ilha he possuïda da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano, e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A' Moçambique, esta ilha que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota:
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva, e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas a ilha demandava:
Mas não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia;
Huma cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria;
Regida por hum Rei de antigua idade,
Mombaça he o nome da ilha, e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baccho muito de antes o avisara,
Na forma d'outro Mouro que tomara.

CV.

O recado que trazem he de amigos;
Mas debaixo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminho de vida nunca certo!
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança.

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra tão pequeno.

OS LUSIADAS.

CANTO SEGUNDO.

I.

Ja' neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada, e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as fingidas gentes se chegaram
A's naos, que pouco havia que ancoraram.

II.

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via;
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

Some read insidious instead of fingidas

III.

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reforma-la,
Que a natureza obriga a deseja-la.

IV.

E se buscando vás mercadoria
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante;
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo;
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo:
Porem que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo, a frota não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte, do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII.

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder; e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das naos se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malicia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis; que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruïdo;
Estava n'huma casa da cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada;
Sobre a unica phenix Virgem pura;
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

this description is said by some to be a picture
worthy of Correggio

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso, e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento,
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV.

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo;
Que alli se agasalharam, e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'huma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam:
Que levemente hum animo se fia
De mostras que tão certas pareciam.
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam:
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente apparelhavam
Armas, e muniçoẽs, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta traïção determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As ancoras tenaces vão levando,
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como huma setta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma;
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa, em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dioné furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo, com carga tão formosa:
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa;
Repartem-se, e rodeam nesse instante
As naos ligeiras que hiam por diante.

XXII.

Poem-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII.

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas; ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da poppa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV.

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus bateis veloces que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua a nado se acolhiam:
De hum bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As raãs, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e chara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX.

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI.

Bem nos mostra a divina Providencia,
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança;
O' tu Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saüdosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV.

E como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lh'apresenta assi como ao Troiano,
Na selva Idea, já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

Sorry, shocked, surprised Lap.ª Burchiano Just as
LV the boy cannot bear that sense

XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII.

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo;
Porem nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante,
Co'o riso huma tristeza misturada;
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada:
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

Thin silk

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil, e amoroso,
Postoque a algum contrario lhe pezasse:
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei em fim que fui mofina.

XL.

Este povo que he meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois, porque o amo he mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
Callada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa;
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

XLII.

E destas brandas móstras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro;
Co'o vulto alegre, qual do ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro;
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que dalli, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII.

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os saluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe accrescenta;
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV.

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos móres cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

Fortalezas, cidades, e altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos, e duros,
Delles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India livres, e seguros,
Vereis ao Rei potente sobjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII.

Vereis a terra que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente,
Em que vão descançar da longa via,
As naos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e sobjugado:
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo.
Do Mouro alli verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

In a naval battle between Albuquerque & the Persians the latter were vanquished by their own arrows turned back by a favourable wind —

LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que cithara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e gloria.

LIII.

Nunca com Marte instructo, e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civís Actias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto;
Que dos povos de Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egyptia linda, e não pudica:

LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso,
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De naçoẽs differentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano;
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cylleneo voava;
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galero costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co'o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as naos estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no ceo, co'a luz alhea,
Tinham o largo mundo allumiado;
E só co'o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo; Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano;
Fuge, que o vento, e o ceo te favorece,
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava:
As aras de Busíris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas;
Fuge das gentes perfidas et feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade:
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sabia guia.

LXIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz, e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esprito ao mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento que assoprava.

LXV.

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas viram:
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não he o outro que fica tão manhoso;
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano:
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

LXX.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe succedeo como cuidava:
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
A que parte dos ceos a India estava:
Porem dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI.

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade,
Porque já lho dissera, deste geito,
O Cylleneo em sonhos; e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;
Quando hum e o outro corno lhe aquentava;
E Flora derramava o de Amalthea.
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito:

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores, e pandeiros;
E assi entravam ledos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
De gente que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Péga no fundo a ancora pezada:
Mandam fóra hum dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV.

O Rei que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que sahissem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

Sáo offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, náo dobradas,
As que o Rei manda aos nobres Cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitáo alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente;
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como he fóra dellas se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo, as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geraçaõ taõ dura ha hi de gente?
Que barbaro costume, e usança fea,
Que naõ vedem os portos tamsomente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tençaõ, que peito em nós se sente,
Que de taõ pouca gente se arrecea?
Que com laços armados taõ fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que es de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII.

E naõ cuides, ó Rei, que naõ sahisse
O nosso Capitaõ esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que naõ saia,
Deixando a frota, em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás', pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as merces, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus puderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando.
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande; e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e ledo aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Aindaque me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porem como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias:
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos
Piloto, muniçoẽs, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC.

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido;
E não menos a terra : e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

XCII.

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho;
E já a mãi de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Hiam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII.

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaïas,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira;
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores;
Na cabeça huma fota guarnecida,
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

XCV.

Cabaia de damasco rico, e dino,
Da Tyria cor, entre elles estimada;
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada;
C'hum resplandor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
N'huma alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro á solar quentura veda
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido;
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza:

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta, e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dá o murice excellente,
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o formoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres resonando:
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando.
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'humas mostras de espanto, e admiração,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava;
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse:
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a coroa
Do reino, onde as Hesperidas viveram.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram;
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

O' tu que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apollo
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jucundo.
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Vivirão teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja.
Mas para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII.

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto, e ancorado
N'agua o batel ligeiro que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes,
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora;
Agora pelos povos seus visinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente;
Co'os successos das guerras do começo,
Que sem sabe-las, sei que são de preço:

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado;
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta : que agora vem co'os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII.

Commetteram soberbos os Gigantes,
Com guerra vãa, o Olympo claro e puro;
Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno, e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão ha que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS.

CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama:
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clytie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Poem tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III.

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, e se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa; a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterrano.

VII.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha : mas o rio
Que dos montes Rhipheios vai correndo,
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide : e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Co'os que tinham então a Egyptia terra:
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

X.

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega;
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida;
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que sobmettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras!

XIV.

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, naçoẽs varias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes, por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
Pobre está já de antigua potestade;
Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana, e Rhodano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, e de prata então correram.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli de Europa toda;
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta por-lhe noda,
Que lha não tire o esforço, e ousadia,
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX.

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o Ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada;
A' qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi desta arte.

XXIII.

Hum Rei, por nome Afonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força, e manha,
A muitos fez perder a vida, e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares.
Despóis que em feitos altos, e subidos,
Se mostraram nas armas singulares;
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
Levassem premio digno, e dons iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado:
E para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Hum filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judea sobjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deo a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado;
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai, tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor, não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãi tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orpham deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX.

Mas o principe Afonso, que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda, e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome.
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimaraens o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era o maior.

XXXII.

O' Progne crua! ó magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea,
São as causas deste erro principais:
Scylla por huma matá o velho pai,
Esta por ambas, contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto, e da iniqua mãi levava;
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porem vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava:
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimaraens está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido,

XXXVI.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mando sobmettido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos, e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança;
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes;
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta; e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza,
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto, e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias que tomara.

XLII.

Mas já o Principe Afonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força, e gente tão pequeno.

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos que o ceo regia;
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para hum só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia,
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV.

A matutina luz serena, e fria,
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi que creio o que podeis!

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o ceo tocavam;
Dizendo em alta voz: « Real, Real,
Por Afonso alto Rei de Portugal. »

XLVII.

Qual co'os gritos, e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido,
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea:

L.

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

* A much disputed word, most probably means flow

LI.

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos, e forçosos;
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornando carmesi de branco, e verde.

LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica:
Desbaratado, e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco Escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido;
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido;
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas sobmettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço;
E nas serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto,
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos já passados
A' grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente;
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longo a terra, e a gente;
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente;
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Afonso, que não sabe socegar,
Por estender co'a fama a curta vida.
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade: mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas sobjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente,
(Sentio-o a villa, e vio-o a serra della!)
Que a soccorre-la vinha diligente;
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exercito procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
No mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece;
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãi que estava presa.

LXX.

Que estando na cidade que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
A' batalha onde foi vencido, e preso.

LXXI.

O' famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina:
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente;

LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos; e Colchos, cuja fama
O veo dourado estende; e os Cappadoces,
E Judea que hum Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto, e sancto monte;

LXXIII.

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Afonso verás soberbo, e ovante,
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do Sacro promontorio conhecido,
A' cidade Ulyssea foi trazido:

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo,
Com gente, e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,
Já não descansa o moço até que veja
Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

LXXVII.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o ceo:
Já vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveo,
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porem não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Da-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Afonso não perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego;
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co' a idade.

LXXXI.

E co'a famosa gente á guerra usada,
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio,
Dão louvores, e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente,
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
O velho Afonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos deste geito,
A' triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o choraram;
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão,
Afonso, Afonso, os eccos: mas em vão!

LXXXV.

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia;
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram:

LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade onde Christo padeceo;
Quando Guido, co'a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto marte:
Assi como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX.

E se tantos trophêos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte:
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Vio ter a muitas villas suas visinhas,
Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mauros foi tomado
Alcacere-do-Sal, por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

XCI.

Morto despois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado;
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão mao como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannizado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha como Phalaris achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o reino de altivo, e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este que Afonso o bravo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado,
Em dilata-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera có'o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania, com força, e bellica arte;
E acabou de opprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino prospero florece,
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar de Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excellente.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porem quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Afonso a soccorre-la.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela;
Rompe toda a tardança; acude cedo
A' miseranda gente de Castella:
Se esse gesto que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pai; que senão corres,
Pode ser que não aches quem soccorres.

CVI.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia,
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII.

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaezados.
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado:
E somente co'o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Afonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça, e claro veja,
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estão de Agar os netos, quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno;
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta, e nua,
A' nobre terra alheia chamam sua.

CXI.

Qual o membrudo, e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, e esforço apercebido;
Com palavras soberbas, e arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a fé, que a força humana:

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei commette, e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças, e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam, segundo as leis que alli seguiam,
Huns Mafamede, e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com grita o ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço.
De alcançar tal victoria, tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis; e inclinado,
Para o Ponente o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mauro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão, e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E despois de Jesu certificado.

CXVIII.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Afonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste, e digno da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que despois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Pri[illegible]te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co' o sangue só da morte indina,
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV.

Traziam-na os horrificos [redacted] *
Ante o Rei, já movido [redacted]dade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV.

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

* alegou ei a Spanish not Portuguese
[illegible]

CXXVI.

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento;
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram:

CXXVII.

O' tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vence-la,)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perde-la não fez erro.
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poem-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Poem-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade,
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos mostraïs, e cavalleiros?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

Daisy

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios:
Fazer nos maos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto!)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado,
N'hum falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e fraco; e bem parece,
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruïo
De Benjamin? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem Pœno prospero o sentiste,
Despois que hu'a moça vil na Apulia viste!

CXLII.

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte que tem preso,
Em pedra não; mas em desejo acceso?

CXLIII.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave, e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS.

CANTO QUARTO.

I.

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II.

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo, e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV.

Alteradas então do Reino as gentes,
Co'o odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes,
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos, e parentes,
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima, e corre:
Quem como Astyanax precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões, e varias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo,
Se foi, já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo,
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
O' sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
Aquelles cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha:
E não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria; e se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes;
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

XV.

Como da gente illustre Portugueza,
Ha de haver quem refuse o Patrio marte?
Como, desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito,
O proprio Reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

XVII.

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta,
A terra nunca de outrem sobjugada:
Em virtude do Rei, da Patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
A' fortuna das forças Africanas;
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI.

Dest'arte a gente força, e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões;
Vão correndo, e gritando a boca aberta:
« Viva o famoso Rei que nos liberta. »

XXII.

Das gentes populares, huns approvam
A guerra com que a patria se sostinha;
Huns as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com lettras e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos, sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o forte Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los, e rege-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande duvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto;
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso:
E as mãis, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX.

Quantos rostos alli se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes, o temor
He maior muitas vezes que o perigo:
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba, e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soam:
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quedas, co'as duras armas tudo atroam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
Caso feo e cruel! Mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a Patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes: caso estranho!
Quaes nas guerras civís de Julio Magno.

XXXIII.

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira, não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara:

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
O' fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança!

XXXVIII.

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do martio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL.

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sanct-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao profundo;
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse, e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

* Coraçoes

XLII.

Aqui a fera batalha se encruece,
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria cor mudadas:
Já as costas dão, e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas;
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo;
Que por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria:
Com offertas despois, e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo, e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
A's duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

L.

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino, e neste Rei,
Não usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curtio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fora por certo invicto cavalleiro,
Senão quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pode colher as maçãas de ouro,
Que somente o Tyrinthio colher pode:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI.

Porem ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
A's Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porem despois tocado de ambiçaõ,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragaõ,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidaõ
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Naõ quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que entaõ lhe foi ajuda naõ pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte naõ torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento:
Mas ficou duvidoso o vencimento.

LIX.

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

LX.

Porem despois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada;
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes sobjugada,
Pela illustrar no fim de tantos annos,
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E dalli ás ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras que se regam
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem nao passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV.

Viram gentes incognitas e estranhas,
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram;
Que â desejada patria não tornaram.

LXVI.

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, (como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara,
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado:) no tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que sahem,
A repouso convidam quando cahem;

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são;
Revolvendo contino no conceito,
De seu officio, e sangue, a obrigação;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Naçoẽs de muita gente estranha, e fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longinquos, e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias,
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores sylvestres, e hervas varias,
O passo, e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias,
De mais conversação, por si mostravam,
Que desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
Por elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A cor da pelle, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada,
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
Dest'arte para o Rei de longe brada:
O' tu, a cujos reinos, e coroa,
Grande parte do mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro:
Est'outro he o Indo Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV.

Não disse mais o rio illustre, e santo;
Mas ambos desparecem n'hum momento:
Acorda Manoel c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto,
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manhaã no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa, e roxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propoem-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mi se via,
Me poem o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande, e grave.

LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas,
Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas,
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se mènos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais, mas logo: O' Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava;
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava:
Descer em fim ás sombras vãas, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó Rei, o esprito, e carne he pronta.

LXXXI.

Com merces sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor, e d'amizade,
Não menos cobiçoso de honra, e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia, e de conselho,
D'experiencia em armas, e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'hum alvoroço nobre, e c'hum desejo,
(Onde o licor mistura, e branca area,
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo:)
As naos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados,
De varias cores vem, e varias artes;
E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea corte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia,
Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente, concorria,
Saudosos na vista, e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho, e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c'hum choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas, que o temeroso
Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC.

Qual vai dizendo: O' filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro;
Porque me deixas misera, e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo?
A fazer o funero enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI.

Qual em cabello: O' doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?

XCII.

Nestas e outras palavras que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço poem a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII.

Nós outros sem a vista alevantarmos,
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV.

Mas hum velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente;
A voz pezada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV.

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'huma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI.

Dura inquietaçaõ d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás taõ facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

XCVIII.

Mas ó tu geraçaõ daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia,
Naõ somente do reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia:
Mas inda d'outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou:

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza, e feridade,
Puzeste nome, esforço, e valentia;
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perde-la quem a dá:

C.

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras, e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, e de Ethiopia!

CII.

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome, e a gloria!

CIII.

Trouxe o filho de Japeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: grande engano!
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV.

Não commettera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector, co'o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro, fama ao rio:
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!

OS LUSIADAS.

CANTO QUINTO.

I.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo; Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeæo truculento;
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar, e ceo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes, e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuïo,
Deixando á mão esquerda, que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V.

Passamos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povoamos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI.

Deixamos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo emfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

Passamos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a cor do dia.
Aqui gentes estranhas lava, e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entramos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Alli tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

Aquella ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago;
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixamos
A terra, onde o refresco doce achamos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas naçoẽs a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

XI.

As Dorcadas passamos, povoadas
Das irmããs, que outro tempo alli viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d'hum só olho se serviam.
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fea,
De viboras encheste a ardente area!

XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfam nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo he limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d'estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro polo;
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganavá) levantar-se
No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima delle hu'a nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente:
Chupando mais e mais se engrossa, e cria;
Alli se enche, e se alarga grandemente;
Tal a grande columna, enchendo augmenta
A si, e a nuvem negra que sustenta.

XXII.

Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
A's ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes de natura.

XXIII.

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas;
Que grandes escripturas que deixaram!
Que influição de signos, e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente,
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

A' maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas já chegados amainamos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:

XXVI.

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra que outro povo não pizou:
Porem eu co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Gomeço-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem; ve-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nós como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, e rudo intento
Da gente bestial, bruta, e malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della;
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, senão torna, alli mata-lo:
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sahindo nós para toma-lo,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porem já cinco soes eram passados
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando huma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos coraçoẽs hum grande medo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
O' Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?

XXXIX.

Não acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida:
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo:
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvi-lo e ve-lo.

XLI.

E disse: O' gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho,
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes; fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui espero tomar, senão me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos;
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão merce lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado,
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos;
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a area ardente.

XLVIII.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado.
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L.

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Hum dia a vi, co' as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti, de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII.

Como fosse impossibil alcança-la
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de toma-la,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella c' hum formoso riso honesto,
Respondeo; qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d' hum gigante?

LIV.

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano;
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'hum penedo outro penedo.

LVII.

O' nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, e quasi insano
Da magoa, e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e esta figura,
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX.

Assi contava, e c'hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon, e Pyrois vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

LXII.

A gente que esta terra possuïa,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam.
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas,
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas,
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d'outras peças que levaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum signal do que buscamos,
As velas dando, as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio
A' costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo Antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixamos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo, e descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co'o mar hum tempo andamos em porfias,
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomamos,
E do rio fresca agua; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India achamos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andamos,
Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem signal,
Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, e por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por ceos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e mao ao fraco corpo humano,
E alem disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu que se este nosso ajuntamento
De soldados, não fora Lusitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII.

Crês tu que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada:
Porque ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina d'huma, e d'outra nao:
Quando indo o coração que espera e teme,
E que tanto fiou d'hum fraco pao,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'huma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se viam,
N'hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam, e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperamos
De achar novas algumas, como achamos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor communicavam;
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavam:
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por naos que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá donde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol; terra onde havia
Gente assi como nós da cor do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegramos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos signaes que neste rio achamos,
O nome lhe ficou dos Bons-Signais:
Hum padrão nesta terra alevantamos;
Que para assignalar lugares tais
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas e immundas.
Dos hospedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas não foi, da esperança grande e immensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura
Assi no Ceo sereno se dispensa;
Com esta condição pezada e dura
Nascemos; o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

E foi que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gingivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII.

Apodrecia c'hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Não tinhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza,
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento,
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e ves-aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês tu que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Esse que bebeo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo, e Salamina:
Ess'outro que esclarece toda a Ausonia,
A cuja voz altisona e divina
Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co'o som se ensoberbece:

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas que co'o canto os adormeçam:
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito que se affinem
Nestas fabulas vãas, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda grandiloqua escriptura.

XC.

Da boca do facundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'animo, e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampetia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços;
E elRei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Miltiades famosos,
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria, e fama,
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima, e ama
Com dons, merces, favores, e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos, e venustos.
Não dirá Fulvia certo que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI.

Vai Cesar sobjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe, e alcança,
He nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da Latia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso, e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama,
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope naõ tem por taõ amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o presupposto
Das Tagides gentis, e seu respeito:
Porem naõ deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Naõ perderá seu preço, e sua valia.

OS LUSIADAS.

CANTO SEXTO.

I.

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes:
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abrio o caminho.

II.

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra, e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III.

Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento;
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu reino e estado:
E que em quanto seu corpo o esprito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida, e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavam
A' gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no pode estorvar, que destinado
Está d'outro poder que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma;
Entra no humido reino, e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As areas alli de prata fina;
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a tão confusa face;
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII.

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
A's alimarias nella produzidas.
A clara forma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co'os gigantes;
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando;
A's portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando,
De ver que commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV.

O' Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos,
Ouçam todos o mal que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda;
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cobertos cento e cento:
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebo crescimento;
Ostras, e breguigões do musco sujos,
As costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses, para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos despois da Grega insania.

XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas que gerara;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Proteo deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo, e Vesta filha,
Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha;
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não he para esconder-se:

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse;
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão; igual partido;
Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV.

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feo engano
Que Circé tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal;
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhoreas
D'hum polo ao outro polo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreas
Que não passem o termo limitado:
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra, e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos?

XXIX.

Vistes que com grandissima ousadia
Foram já commetter o ceo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela, e remo:
Vistes; e ainda vemos cada dia,
Soberbas, e insolencias taes, que temo
Que do mar e do ceo, em poucos annos,
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX.

Vedes agora a fraca geraçaõ
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coraçaõ,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vedes, o vosso mar cortando vaõ,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vaõ quebrando.

XXXI.

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

XXXII.

E naõ consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do ceo desci,
Nem da magoa da injuria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres que nunca determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses, que a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quer dizer; e não passou daqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Proteo
Dizer neste negocio o que sentia;
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porem tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou;
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII.

Já lá o soberbo Hippotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

6 to 9 h m

XXXIX.

Vencidos vem do somno, e mal despertos
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam:
Os olhos contra seu querer abertos
Mas estregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, e robusta,
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

2 After these 5th ensuing strophes with speech of Velloso & amorous reply of Leonardo

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Despois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
E nobres cortezãos, acaso hum dia
Se levantou Discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

Should be rather the 12 of Portugal than with England!

XLV.

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas como fossem grandes, e possantes,
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militara
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra exprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas,
De vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos, e d'amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes;
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser, com fervida vontade;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal cidade donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia:

LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que he devido;
Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.

LVI.

Assi diz; e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte;
Navarra, co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande imperio foi parar de Frandes.

Emporio — Bruges [illegible] great Commerce in Horace's [illegible]

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos, e animados.

LVIII.

Chega-se o prazo, e dia assignalado,
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de cores, e de sedas
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro, nesta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na corte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX.

Já n'hum sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a corte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freos com feroz sembrante:
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze, que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algum dalli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres, já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e affamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e chara terra.

LXVIII.

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes:
E como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
C' hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento;
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordam despertando
Os marinheiros d'huma e d'outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI.

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela!
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, c'hum ruido
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que no romper da vela, a nao pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo;
Vão outros dar á bomba, não cessando:
« A' bomba, que nos imos alagando. »

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á nao, n'hum bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A manear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
Se aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV.

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Naõ menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nao de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra, e fea, se allumia
Co'os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX.

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceo fossem viradas;
Nem as fundas areas que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil pode, desta sorte:

LXXXI.

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar, e terra senhoreas;
Tu, que a todo Israel refugio déste,
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas feas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
D'outro Scylla, e Charybdis já passados,
Outras syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé, nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perde-la,
Doce fazendo a morte as honras della!

LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro, no horizonte
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar, com leda fronte:
A deosa que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar, e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse; mas não será que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve:
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda as nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias cores,
Sobre cabellos louros á porfia.
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi, porque tanto que chegaram
A' vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés, e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX.

Não creas, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura he de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante:
Se já não poens a tanta insania freio,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em ve-la se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores:
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII.

Já a manhãã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa;
Disse alegre o Piloto Melindano,
« Terra he de Calecut, » se não me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gama mais
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A merce grande a Deos agradeceo.

XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e graos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos.

XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que affeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII.

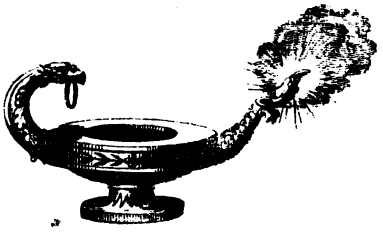
Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas;
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento:

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX.

Desta arte, se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.



OS LUSIADAS.

CANTO SEPTIMO.

I.

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo;
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo:
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia:

Upsnow!

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do ceo deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV.

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro, rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feas guerras occupado,
Que inda co'o cego error se não contenta;
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V.

Vede-lo duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tão longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

VII.

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Alli se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luis, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Comtigo Italia fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX.

O' miseros Christãos: pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vedes que tem por uso, e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os povos que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós, sois vossos inimigos.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areas?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veas:
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa santa.

XII.

Aquellas invençoẽs feras, e novas,
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria,
A Turca geraçaõ, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estaõ, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcoraõ: duro tributo!
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto;
E naõ queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Naõ faltaraõ Christaõs atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera, lá chegara.

XV.

E vejamos em tanto que acontece
Aquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuïa.

XVII.

Alem do Indo jaz, e aquem do Gange,
Hum terreno mui grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis; alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre;
As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre hum e o outro rio, em grande espaço,
Sahe da larga terra hu'a longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar, com Ceilão insula confronta:
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores.

XX.

Mas agora de nomes, e de usança,
Novos e varios são os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, e gente, são mais abundantes:
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI.

O reino de Cambaia bellicoso,
(Dizem que foi de Poro, Rei potente;)
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hu'a fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica, e bella:
Samorim se intitula o senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a ve-lo todo o povo.

XXIV.

Entre a gente que a ve-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na região da Barbaria,
Lá onde fora Anteo obedecido:
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est' outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava.
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fora já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina; e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice; tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: O' gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho;
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado,
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII.

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas d'hum só fora
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido, e inteiro.

XXXIII.

Porem como a esta terra entaõ viessem,
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes,
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal, de sabios, e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV.

Naos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte, porque naõ lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos,
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Gananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulaõ, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para este Calecut somente fica,
Cidade já por trato nobre, e rica.

XXXVI.

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe, e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e somente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são; e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII.

Porque os que usaram sempre hum mesmo officio
D'outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samaria:
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL.

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antiguo, e de grande preeminencia:
Observam os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro poz nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia:
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

XLI.

Geraes são as mulheres; mas somente
Para os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente
Que não são de ciumes offendidos!
Estes, e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro: mas vagando
Andava a fama já pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandara
O Capitão da armada que chegara.

XLIII.

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado:
Das cores a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV.

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hu'a rica cama
Lhe offerece em que vá, (costume usado)
Que nos hombros dos homens he levado.

XLV.

Desta arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infanteria segue, esquadra fera:
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama, e o Catual hiam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII.

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em pao, e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia:
Vem-se as abominaveis esculpturas;
Qual a Chimera em membros se varia:
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão:
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vem ver o estranho Capitão:
Estão pelos telhados, e janellas,
Velhos e moços, donas e donzellas.

L.

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo, e na cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a subtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava;
Tão proprio, que se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII.

Mais avante bebendo secca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a feminino senhorio,
De huma tão bella, como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira Monarchia, e sobjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas:
D'hum capitaõ mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já naõ de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitaõ:
Tempo cedo virá, que outras victorias,
Estas que agora olhais abateraõ:
Aqui se escreveraõ novas historias
Por gentes estrangeiras que viraõ;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Naõ valerá dos homens resistencia,
Que contra o Ceo naõ val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha,
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII.

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor:
No recostado gesto se assignala
Hum venerando e prospero senhor:
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto delle hum velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais affastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo, e geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda;
Ouvindo do rumor que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI.

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII.

E se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua, e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos, será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha, e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV.

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera.

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
A's humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova,
Dos estranhos quem são; que ouvido tinha
Que he gente de sua patria mui visinha.

LXVIII.

Que particularmente alli lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Somente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antiguos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

LXX.

Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis, e famosos:
E não contentes inda, e na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades, e altos muros.

LXXI.

Não menos tem mostrado esforço, e manha,
Em quaesquer outras guerras que aconteçam.
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns que do Pyrene deçam:
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informar-te, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende:
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII.

Já com desejos o Idolatra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
A' capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A seita Epicurea experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrara á gente:
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
Co'o fogo, o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte; e o Mauritano
Os olhos poem no bellico transunto
De hum velho branco, aspeito venerando;
Cujo nome não pode ser defunto
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita;
Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condena,
N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI.

E ainda, nymphas minhas, naõ bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senaõ que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em taõ duro estado me deitaram.

LXXXII.

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me naõ falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que naõ no empregue em quem o naõ mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de naõ ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, naõ, que fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei,
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nemhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum que use de seu poder bastante,
Para servir a seu desejo feio;
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E naõ acha que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razoẽs apprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com maõ rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios, que naõ passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

OS LUSIADAS.

CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
« Quem era, e porque causa lhe convinha
« A divisa que tem na mão tomada? »
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III.

Foi filho e companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que contino usou:
Do Douro, Guadiana, o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar, aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV.

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro, e filho amado.
Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica:

V.

Ulysses he o que faz a sancta casa
A' deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est' outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI.

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, affamado;
Naõ tem com elle, naõ, nem ter puderam
O primor que com Pyrrho já tiveram.

VII.

Com força naõ, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa
A's vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta:
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

VIII.

Vês, comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter valídas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Olha taõ subtis artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, taõ fingidas;
A fatidica Cerva que o avisa;
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX.

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porem nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter co'os Mouros superado
Gallegos, e Leonezes cavalleiros,
A' Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est'outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?

XI.

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem, no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma;
Para quem de seu reino abaixa os muros
Nada deixando já para os futuros.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

Este que vês olhar com gesto irado,
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV.

Ve-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera ao Castelhano:
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu povo injuriado,
Assi se entrega só, firme e constante;
Est' outro assi, e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI.

Vês este que sahindo da cilada
Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte;
Já o Rei tem preso, e a villa descercada:
Illustre feito, digno de Mavorte!
Ve-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co' o fogo que accendeo junto da serra
De Abyla, nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos, com justa palma.

XVIII.

Não vês hu'ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança;
He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira:

XX.

Ve-lo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra:
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra;
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI.

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadias.
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII.

Não vês hum Castelhano, que aggravado
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis que traz comsigo;
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:

XXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar pode a palma, e o louro.
Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o signal no ceo que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV.

Vês, vão os Reis de Cordova, e Sevilha,
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço;
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa.

XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella,
Portuguez de naçaõ, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço, e com benigna estrella,
Villas, castellos toma á escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores:

XXVI.

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente:
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres que em França, e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

Other two Badajoz & Jaen -

XXVII.

Ve-los, co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a lei Lethea.

XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX.

Olha por seu conselho, e ousadia
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só pode, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esforço, e valentia,
Outro estrago, e victoria clara e bella,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso, e o Guadiana ha

XXX.

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Ve-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse.

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea.
Ditosa patria que tal filho teve!
Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
O perjuro que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV.

Olha que dezasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porem logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antiguo, e no moderno!

XXXVI.

Sabe-se antiguamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos por ser poucos não temamos;
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes Pedro, e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria:
Vês outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças, e ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL.

Aquelles pais illustres que já deram
Principio á geração que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa que descende.
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama, e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço, e saber tenham:
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãas lhe não convenham;
E como a seu contrario natural,
A' pintura que falla querem mal.

XLII.

Não nego que ha com tudo descendentes
Do generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica:
E se a luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice alli pinta:
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas que alli via.

XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia;
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes, na noite mansa.

XLV.

Entretanto os haruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevem sempre os casos duvidosos,
Por signaes diabolicos, e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas que olhara.

XLVII.

A isto mais se ajunta, que hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede;
Em forma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti rudo, velo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o Sol sahe, facilmente
Se pode nelle pôr a aguda vista:
Porem despois que sobe claro e ardente
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI.

Isto dito, elle, e o somno se despede;
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres, e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traïções, enganos varios,
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis, e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tam pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde ambiçaõ a caso ande encoberta.
E quando hum bom em tudo he justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que naõ pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei hum signal certo
Do mundo, que deixava descoberto:

LVII.

Nisto trabalha só, quem bem sabia,
Que despois que levasse esta certeza,
Armas, e naos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei sobmetteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e atiça:
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça,
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres:
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava;
A quem chegado disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada;
Mas vagabundo vás passando a vida:
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com naos e frotas,
Tão incertas viagens, e remotas?

LXII.

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dons altos sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que signal nem penhor não he bastante,
As palavras d'hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte;
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava;
C'huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influïa,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV.

Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram que o vaso da iniquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicicia
Na geração de Adão, co'a falsidade;
O' poderoso Rei da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança,
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade; sem respeito
Das razões em contrario, que acharias
Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse,
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coraçaõ sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre, e graõ conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este, por sua industria, e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII.

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos á Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta he a verdade, Rei: que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual he, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juizo pode ver-se,
Que facil he a verdade d'entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda que direito
A's naos se vá, e seguro d'algum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda,
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcação que o leve ás naos lhe pede:
Mas o mao regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços;
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse;
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differisse:
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle atelli não entendera.

LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavam
Corruptos pela Ma'ometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente:
Delle somente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente:
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
« Porque razão lhe impede, e lhe differe
« A fazenda trazer de Portugal;
« Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
« Não pode ser por outrem derogado? »

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil, e astuto
Engano diabolico, e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo;
Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Ma'ometanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão,
Responde o Idololatra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estão,
Porque melhor dalli fosse, e tornasse:
Signal he de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flamma,
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama:
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo, aqui e alli, e dessocegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co'os bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava, dos feros Ma'ometanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e iguala-los:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos, e evita-los:
Com militar engenho, e subtil arte,
Entender os imigos, e engana-los;
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão que diga: Não cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em te-lo preso,
Se não manda chegar a terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armada, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio busca guerra.
Postoque os maos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil, o premio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV.

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido, e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse, e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threïcio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores, e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos.
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz, e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente:
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem cor, com tudo, de virtude.

OS LUSIADAS.

CANTO NONO.

I.

Tiveram longamente na cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores,
Que os infieis por manha, e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores:
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egyptio Ptolemeo,
Do nome da irmãã sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana,
Da religiosa agua Ma'ometana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande, e grato,
O Soldão, que esse reino possuïa.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

IV.

Por estas naos os Mouros esperavam,
Que como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide; que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as naos que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que pode ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII.

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Ma'ometanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás naos: e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

IX.

Porem não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse, com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns, que ás naos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

X.

Eram estes, antiguos mercadores
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra.

XI.

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres, e filhos, que se matam,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Ma'ometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente;
Desculpas manda o Rei de seus enganos:
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achara.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara:
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva,
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, temidos e ledos.

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios ceos, e gentes;
Vir a lograr o premio que ganhara
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum, tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII.

Porem a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX.

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No reino de crystal liquido, e manso:

XX.

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas, alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio:
Que muitas tem no reino que confina
Da primeïra co'o terreno seio,
Afora as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações,
Com danças, e choreas, porque nellas
Influïrá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII.

Tal manha buscou já, para que aquelle
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido:
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nest'outra a ajude, e siga.

XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella por onde passa, o ar, e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

XXV.

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana:
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII.

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si somente, e a quem Philaucia ensina:
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e saã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam somente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade.
Da fea tyrannia, e de aspereza,
Fazem direito, e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja:
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro, e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando;
Trabalhando cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas a[illegible]ntas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo he só que queima, e não consume.

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavam,
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam,
Dos que feridos vão da setta aguda:
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos;
Mas poem em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Formosas são algumas, e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeas,
Por palavras subtis de sabias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal de[illegible]s vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando:
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli, e Cinyrea;
Hum mancebo de Assyria; hum de Judea.

XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes:
Mas eu creio que deste amor indino,
He mais culpa a da mãi, que a do menino.

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
A recebe-la vem, ledo e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão;
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A soccorrer-me a tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso,
Puderam mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio, e doce gloria,
Do trabalho que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas
Que vem de descobrir o novo mundo;
Todas n'huma ilha juntas, e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano, terei apparelhada,
De dons de Flora, e Zephyro adornada:

XLI.

Alli com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos, e rosas,
Em crystallinos paços singulares,
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Em fim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as nymphas amorosas;
D'amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII.

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella,
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII.

Assi Venus propoz, e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Qué postoque mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa Gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV.

Vão a buscar, e mandam a diante,
Que celebrando vá com tuba clara,
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara:
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por mao zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas
Huma após outra; geme o mar co'os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros;
Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama;
Que tanto como a vista pode a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lua,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta alguma,
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

XLIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas, e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

L.

Já todo o bello coro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em choreas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus os guiava:
Alli a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas, com subita alegria,
Houveram vista da ilha namorada;
Rompendo pelo ceo a mãi formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.

LII.

De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegam a movia
A Acidalia, que tudo em fim podia.

LIII.

Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas vista, e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil arvores estão ao ceo subindo,
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co'os pezos amarellos;
Os formosos limões, alli cheirando
Estão virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos:
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraiso.

LVIII.

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romaã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu rubi teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'huns cachos roxos, e outros verdes:
E vós se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI.

Para julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
As violas, da cor dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LXII.

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII.

A longo da agua o niveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas;
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas arpas, e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV.

Assi lho aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vista dos Barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés de terra cobiçosos;
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidam que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos,
Tão suave, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII.

Alguns que em espingardas, e nas béstas,
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos, e florestas,
Determinadamente se lançavam:
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave, e queda,
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores;
Cores de quem a vista julga, e sente,
Que não eram das rosas, ou das flores;
Mas da lãã fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, he esta:
Se inda dura o Gentio antiguo rito,
A deosas he sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas, e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e da outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam:
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Humas fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato; aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
A' vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado, (que co'a mora
De se despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo que nelle arde.

LXXIV.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo ao rosto o ferreo cano erguido,
Para a garcenha, ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da presa não duvida,
Nadando vai, e latindo; assi o mancebo
Remette á que não era irmãa de Phebo.

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro, e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fora delle maltratado;
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal affortunado,
Porem não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança:

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deo para dar-se a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia:
O' formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O' não na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Não canses, que me cansas: e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura he tal, que inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo,
« Tra la spiga e la man qual muro è messo. »

LXXIX.

O' não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se atreve,
A quebrantar a furia da ventura?
Que em quanto desejei me vai seguindo;
O que tu só farás não me fugindo.

LXXX.

Poens-te da parte da desdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração, que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou despois de presa
Lhe mudaste a ventura, e menos peza?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo;
Que ou tu não soffrerás o pezo della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella;
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais que espere.

LXXXII.

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhãã, e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exprimenta-lo que julga-lo,
Mas julgue-o quem não pode exprimenta-lo.

LXXXIV.

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas, co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro, e de ouro, e flores abundantes;
As mãos alvas lhe davam como esposas:
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV.

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Cælo e Vesta filha,.
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI.

Que despois de lhe ter dito quem era,
C'hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influição do immobil fado;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar não navegado,
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva, e guia,
Para o cume d'hum monte alto e divino,
No qual hu'a rica fabrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estão passando,
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.

XC.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama;
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso:

XCI.

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambiçaõ tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente:
Porque essas honras vaãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor naõ daõ á gente:
Melhor he merece-los sem os ter,
Que possui-los sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes naõ dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos faraõ, como os vossos já passados:
Impossibilidades naõ façais,
Que quem quiz sempre pode: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS.

CANTO DECIMO.

I.

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera, inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea,
Co'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins que a calma aggrava.

II.

Quando as formosas nymphas co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes;
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares, excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante, e dama;
N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egyptia antigua fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno;
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.

V.

Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtis, e argutos ditos,
Que entre hum, e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus espritos
Fizeram descansar de eterna pena,
C'huma voz d'huma angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'hum globo vão, diaphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos: e despois no reino fundo
Vaticinando o disse; e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

VIII.

Materia he de cothurno, e não de socco,
A que a nympha apprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui minha Calliope te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX.

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas, tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha!

X.

Cantando a bella deosa, que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte:

XI.

Cantava d'hum, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós que dera d'amizade,
Soffrerá suas cidades, e lugares,
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente:
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII.

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O pezo sentirão, quando entraria
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturaes,
Nos braços do salgado e curvo rio;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Qne verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI.

Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas.
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem razas,
Fará que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem azas,
Por dous passos n'hum tempo: mas voando
D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime;
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava,
Mas com tudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava,
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que atelli vão lhe fora commette-las.

XIX.

Pela agua levará serras de fogo
Para abrazar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no Martio jogo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma:
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados;
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados;
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario estrue, e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende;
Nem ó mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco, e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
O' Belizario, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

XXIII.

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos,
A baixo estado vir, humilde, e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda que os contenta,
Daõ os premios de Aiace merecidos,
A' lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se naõ os daõ a sabios cavalleiros,
Daõ-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou taõ mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Se naõ es para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos daraõ com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII.

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu, queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e artificios,
Contra os Lusos, com velas e com remos,
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII.

Das grandes naos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela;
Despois, lançando arpeos ousadamente
Na capitaina imiga; dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada,
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia,
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se apprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com toda hu'a coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração que lhe ficara:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella solta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo

XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada affia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Co'os pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas, e alaridos.

XXXVII.

Mas ah, que desta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que triste, e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tiraram toda a India, e Egyto.

XXXVIII.

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam;
E rudos paos tostados sós farão
O que arcos, e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
As gentes vãas, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mao, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De Saõ-Lourenço, e em todo o Sul se affamam!

XL.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com que o Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando.
Alli veraõ as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI.

Alli de sal os montes naõ defendem
De corrupçaõ os corpos no combate,
Que mortos pela praia, e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate:
Até que á força só de braço apprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçaõ de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII.

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gentios, e de Mouros.
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros,
Na luz que sempre celebrada, e dina
Será da Egyptia Sancta Catharina.

XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazão, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas c'huma escrava vil, lasciva, e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma ira insana não refrea,
Poem na fama alva, noda negra e fea.

XLVIII.

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
Sentio Cyro que andava já abrazado
Araspas de Panthea, em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia
Que nenhum mao desejo o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por força, de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos pai della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

L.

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal de que o emporio Zeila geme.

LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana,
Pela cortiça calida, cheirosa;
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho,
Para ti grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico alli visinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

Virá despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem, tu Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres,
Virás mandar a terra que descobres.

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
He maior na prudencia que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

LV.

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cobiça triumpha, e incontinencia;
Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI.

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

No reino de Bintaõ, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás, co'o valor de illustres peitos:
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas, e sobmettas.

LVIII.

Mas na India cobiça e ambiçaõ,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te faraõ
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil, e semrazaõ,
Com forças e poder, em que está posto,
Naõ vence; que a victoria verdadeira,
He saber ter justiça nua e inteira.

LIX.

Mas com tudo naõ nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX.

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co' a vista só perdida e rota,
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme:
O forte Baçaïm se lhe dará,
Não sem sangue porem, que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros affugenta;
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do imperio; cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.

Turks -

LXIII.

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado.
Despois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

LXV.

Destruïrá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida:
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida;
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o martio jogo.

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala:
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita, e fea.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado;
Conforme successor ao succedido.
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII.

Persas feroces, Abassis, e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem;
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao ceo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

LXXI.

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Com restante da gente Lusitana;
E com força, e saber que mais importa,
Batalha dá felice, e soberana:
Huns paredes subindo escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII.

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrepido ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII.

Estes e outros barões, por varias partes,
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha;
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

LXXIV.

Assi cantava a nympha; e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
« Por mais que da fortuna andem as rodas, »
N'huma consona voz todas soavam,
« Não vos hão de faltar, gente famosa,
« Honra, valor, e fama gloriosa! »

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia, e doce suavidade,
Viram os altos feitos, que descobre
Tethys, de graça ornada, e gravidade;
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI.

Faz-te merce, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co'os olhos corporais
Veres o que não pode a vãa sciencia
Dos errados, e miseros mortais!
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu co'os mais.
Assi lhe diz: e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e hum centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa; e hum mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, em fim por divina arte:

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo,
Que he sem principio, e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI.

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea; onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Tamanho, que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão: porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensína-lo a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os maos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses já dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda;
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxerga; he o Mobile primeiro.

LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento,
Vão todos os que dentro tem no seio:
Por obra deste, o Sol andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento, e sobjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII.

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes:
Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estrellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo:
Vê de Cassiopea a formosura,
E do Orionte o gesto turbulento,
Olha o Cysne morrendo que suspira,
A Lebre, os Cães, a Nao, e a doce Lyra.

LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento
Vês o ceo de Saturno deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo;
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'huns grave, e n'outros leve:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve;
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exprimentam,
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.

XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza:
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda chea de bruteza;
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotapa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua;
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua:
Nasce por este incognito hemispherio
O metal porque mais a gente sua:
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

XCIV.

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real, e defensão,
E na fidelidade dos visinhos:
Olha delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos;
Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Meroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso e charo;
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII.

O cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa; e as melhores
Povoações, que parte Africa tem,
Maçuá são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antiguamente
Dizem que foi dos Heroas a cidade;
Outros dizem que Arsinoe; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Estrada o grão Mouses na antigua idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX.

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Sancta Catharina:
Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce, e crystallina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da secca Adem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros, e feroces, de alta raça.
Olha a costa que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartaque alli sabida.

CI.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas attenta já cá de est'outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

Olha o cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes;
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
A' cor da Aurora; e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a gloria teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força só de espada.

CV.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dons usados della:
Carmania teve já por appellido;
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

Vês corre a costa celebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras, e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII.

As provincias, que entre hum e o outro rio
Vês com varias naçoẽs, saõ infinitas;
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, varaõ sagrado,
Que a Jesu Christo teve a maõ no lado.

CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica:
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e naõ duvida
Poder tira-lo a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI.

Era tão grande o pezo do madeiro,
Que só para abalar-se, nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabia bem que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada,
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova.
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Brahmenes o tem por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

CXIII.

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV.

Hum filho proprio mata; logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu mais approvado.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam mata-lo em fim de tudo.

CXVII.

Hum dia que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente hum arruido:
Já Christo neste tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá já a tudo offerecido:
Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Choraram-te Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da sancta Fé que lhe ensinaste!
Mas os Anjos do ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhai que se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

CXXII.

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram;
Monstros filhos do feo ajuntamento
D'huma mulher e hum cão, que sós se acharam:
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam; o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII.

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veas d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos se estreita,
Daqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil naçoẽs nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente; usança crua.

CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta;
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio;
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapados;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais affamada que ditosa.

the poet personifies himself as the Song-(Poem

CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se affama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio, e o outro se edifica;
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica.
Estes, o Rei que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-se.
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore, e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue Portuguez inda compradas;
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca a terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia cor que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo:
Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto,
Das arvores, que camphora he chamado;
Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero, e cheiroso;
Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao que nelle cahe.

CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras, na Arabia onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São-Lourenço vê a ilha affamada,
Que Madagascar he d'alguns chamada.

CXXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vedes a grande terra que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o pao vermelho nota;
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis,
Descobri-la-ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaens, no feito com verdade
Portuguez, porem não na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D'huma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra alli visinha.
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes apprendido
Trabalhos, que vos façam ser acceitos
Ás eternas esposas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIII.

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada:
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXLIV.

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno;
E a sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
D'huma austera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI.

E não sei porque influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII.

Olhai que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas, e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes,
Commetterão comvosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade,
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vicios
Communs; toda ambiçaõ teraõ por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vaã naõ pretende, nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido, e fervente,
Estendem naõ somente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a taõ remoto clima
Vos vaõ servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos,
E, o que he mais, os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos, e Inglezes,
Possam dizer, que saõ para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'exprimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormião philosopho elegante
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se apprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV.

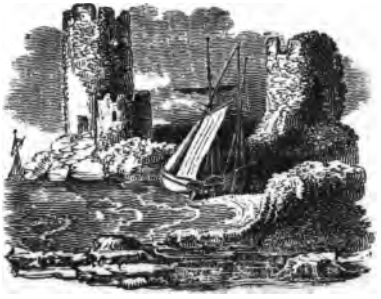
Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada:
Se me isto o ceo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI.

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os Mouros de Marrocos, e Trudante;
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.



NOTAS

DA ADVERTENCIA.

(NOTA I. PAG. IV.)

Certo de se terem publicado duas edições dos Lusiadas em 1572, ambas por Antonio Gonçalvez, fiz inutilmente as maiores diligencias para obter hum exemplar da que me faltava, por todo o tempo que empreguei na minha edição. Sabendo porém que a R. Bibliotheca de Lisboa possuia hum diverso dos dous que eu tinha, remetti aos meus amigos alli o *fac-simile* do frontispicio, e d'outras folhas afim de fazerem a confrontação, e pedi-lhes copias exactas dos lugares notaveis em que podia haver controversia. Por este meio alcançei as noticias bibliographicas que dei na minha edição, e pude verificar o modo porque as duas originaes davam as lições controvertidas. Sentia comtudo não ter podido eu mesmo collaciona-las, e publicar todas as variantes dellas. Ninguem conhecidamente o tinha ainda feito. O Senhor A. R. dos Santos, sabio indagador das nossas antiguidades, confessou « Não ter confrontado as duas edições, mas presumir « que os editores Manoel de Faria e o P. Thomás tinham tomado « por duas e diversas, o que foi realmente huma só, na qual « toda a differença se reduzia á mudança de algumas lettras, « ou causa levissima, effeitos de emendas e retoques nas folhas « de impressão, etc. » Hum dos sub-bibliothecarios disse sim ter feito este trabalho, mas já mais communicou senão a confrontação das primeiras 24 oitavas, a pezar de repetidas instancias.

Depois de ter publicado a minha ediçaõ, (gr. in-4° com estampas) a Bibliotheca Real de Paris fez (em Alemanha) a acquisiçaõ de hum exemplar de 1572, e com generosidade mo facultou immediatamente. O meu prazer foi extremo, vendo que esta ediçaõ era diversa das que possuo, e em tudo conforme á da Bibliotheca de Lisboa.

(Notei porem que nella se achavam as fol. 75, 76, 77, e 78 entresachadas, e pertencentes á precedente ediçaõ.)

Passando com escrupulosa attençaõ a confronta-las, posso hoje publicar pela primeira vez o resultado de hum trabalho, que fará distinguir exactamente as duas ediçoẽs, conhecer as suas diversidades, e decidir a sua prioridade.

Declaro que a confrontaçaõ foi feita entre o meu exemplar, e o da Bibliotheca de Paris. O meu, o da livraria do Sen. Antonio Ribeiro, e o de Lord Holland (á excepçaõ d'outras quatro folhas entresachadas) saõ conformes, e de huma ediçaõ: os das Bibliothecas de Lisboa, a Real, e a dos PP. Benedictinos (segundo noticias) e a de Paris saõ, em conformidade, da outra ediçaõ. Para melhor clareza designarei aquelles com o nome de *primeira*, e estes com o de *segunda* ediçaõ.

Na *primeira*, a *Tarja* he hum tanto mais larga, e quasi nada menos alta que a da *segunda:* o Pelicano que tem em cima ve-se na *primeira* com o collo voltado á nossa direita, em quanto na *segunda* he voltado á esquerda: os filetes das columnas descem na primeira da direita para a esquerda, e *vice versâ* na segunda: os typos deste frontispicio saõ naquella maiores do que nesta.

Na *primeira* o Alvará contem 34 regras, com a data impressa em lettra redonda, a vinte e quatro dias do mez de setembro. Na *segunda* tem 33 regras, e na 22 principia a mudar a partiçaõ, e acaba com a data assim a XXIIIJ de setembro. Naquella os caracteres italicos da censura saõ menores que nesta, e pelo contrario os da assignatura do Censor.

A *paginaçaõ* só no *recto;* o numero das oitavas, que em ambas naõ saõ numeradas, concorda assim como a justificaçaõ, em cada pagina.

A maior differença entre ellas consiste, 1° na orthographia, 2° nos erros typographicos, e 3° finalmente em hum muito pequeno numero de palavras mudadas no texto: de tudo o que proseguirei a dar exemplos e annotações.

1° Em quanto á *orthographia*, distingue-se a primeira edição mais geralmente, por dar as terminações em *am*, que a outra dá em *ão;* mas ambas ellas não seguem nisto mesmo regularidade, e variam entre si; e bem assim nos outros diversos modos de *orthographiar* outras palavras. Ajunto os sufficientes exemplos, sendo inutil dar todas as differenças, com as suas anomalias.

	PRIMEIRA.			SEGUNDA.
Canto I,	oit.	1, v. 7,	edificaram.	edificarão.
		v. 8,	sublimaram.	sublimarão.
	oit.	4, v. 8,	nam tenham... ás.	não tenhão... aas.
	oit.	8, v. 3,	meyo.	meio.
	oit.	21, v. 2,	foy.	foi.
	oit.	23, v. 4,	razam... concertavam.	razão... concertavão.
		v. 7,	assi.	assy.
	oit.	26, v. 1,	antiga.	antigua.
		v. 7,	capitam.	capitão.
	oit.	42, v. 8,	peixes.	pexes.
	oit.	52, v. 7,	habitais.	abitais.
	oit.	72, v. 8,	aposento.	apousento.
Canto II,	oit.	2, v. 5,	alvoroçado.	alvoraçado.
	oit.	22, v. 1,	direito.	dereito.
	oit.	76, v. 7,	entam.	antam.
	oit.	100, v. 2,	resonando.	resoando.
Canto III,	oit.	9, v. 4,	entam.	antão.
	oit.	80, v. 2,	sossego.	sosego.
	oit.	132, v. 8,	futuro.	foturo.
Canto IV,	oit.	7, v. 6,	succede.	sucede.
	oit.	14, v. 2,	Alvarez.	Alverez.
	oit.	24, v. 1,	Alvarez.	Alveres.
	oit.	68, v. 2,	imaginações.	ymaginações.
Canto V,	oit.	3, v. 6,	deixavam.	diyxavão.
	oit.	8, v. 1,	Canarias.	Canareas.
	oit.	45, v. 3,	sepultura.	sepoltura.
	oit.	53, v. 1,	cousa impossibil.	impossivel
	oit.	79, v. 5,	hospedes.	ospedes.
	oit.	90, v. 2,	embebidos.	embibidos.
Canto VI,	oit.	13, v. 6,	ignorantes:	ignorantes. (div. pontuaçaõ.)
	oit.	21, v. 7,	deixa.	dexa.
	oit.	39, v. 2,	miude.	miudo.

		PRIMEIRA.	SEGUNDA.	
	oit. 63, v. 4,	virtude.	vertude.	
	oit. 89, v. 5,	pões.	poẽs. (diversa d'accento.)	
	oit. 93, v. 8,	agradeceo.	agardeceo.	
Cantot VII.	oit. 5, v. 8,	Não.	Nam.	
	oit. 64, v. 1,	capitam.	capitão.	em rima.
		naçam.	nação.	
		tençam.	tençam.	
Canto VIII,	oit. 4, v. 7,	edifica.	edefica.	
	oit. 42, v. 1,	á.	á. (diversa d'accento.)	
Canto IX,	oit. 15, v. 1,	diligencia.	deligencia.	
	oit. 32, v. 7,	dà vida.	dà vida. (div. d'accento.)	
	v. 8,	poem.	poem. (outra anomalia.)	
	oit. 36, v. 4,	dicia.	decia.	
Canto X,	oit. 38, v. 1,	poderam.	poderão.	em rima.
		podèram.	podèrão.	
		faram.	farão.	
		fizeram.	fizerão.	
		sam.	sam.	
		entenderam.	entenderão.	
	oit. 87, v. 6,	estrellantes.	estellantes.	

Alem destas, e muitas outras, ver-se-há nellas, e sobretudo na segunda, outros notaveis modos de *orthographiar*, como: *impito* por *impeto*, *antre* por *entre*, *ey* por *hei*, *asse* por *há-se*, *pubrico* por *publico*, *orfindade* por *orfandade*, *contrairos* por *contrarios*, *sururgiam* por *cirurgião*, *cayo* por *cahio*, e alternativamente *supito* e *subito*, *variato* e *viriato*, *ande* e *hão-de*, *occeano* e *oceano*, etc., pois isto basta a mostrar que não tinhamos huma orthographia, e que algumas palavras são impressas por quem não sabia escreve-las. He de notar que no C. V, Est. 53, a segunda ediçaõ, corrigindo hum erro da primeira, muda *impossibil* em *impossivel*.

2° Em quanto aos erros typographicos das duas ediçoẽs, depois de as ter examinado miudamente tres vezes, verso por verso, e palavra por palavra, julgo poder numerar (sem contar todos os de pontuaçaõ) os erros da primeira a 160, e os da segunda a 133, dos quaes 80 são conservados da primeira, tendo corrigido os outros, e 53 novos e proprios della. Não se deve esperar que eu dê o indice de todos, mas apontarei em cada canto alguns exemplos, a fim de melhor poderem distinguir-se as duas ediçoẽs.

No Canto I,	Est. 29,	experimentados, *por* exprimentados.		
	Est. 71,	Os, *por* O.....	Erros de ambas.	
	Est. 38,	queiras, *por* queres.....	Erros da primeira.	
	Est. 89,	fogo, *por* o fogo.....		
	Est. 31,	fortissima, *por* fortissimo.....	Erros da segunda.	
	Est. 80,	acomponhado, *por* acompanhado...		

Nelle a Pr. tem 11 erros, a Seg. 10, dos quaes 5 lhe saõ proprios.

No Canto II,	Est. 7,	que Christãos, *por* Christãos.....	Erros de ambas.
	Est. 100,	bramando, *por* bramavam.....	
	Est. 55,	gantico, *por* gangetico.....	Erros da primeira.
	Est. 56,	Maria, *por* Maia.....	
	Est. 31,	confiança (sem pont.) *por* confiança.	Erros da segunda.
	Est. 76,	çevadas, *por* cevadas.....	

Nelle a Pr. tem 17 erros, a Seg. 11, dos quaes 4 lhe saõ proprios.

No Canto III.	Est. 60,	algum, *por* alguns.....	Erros de ambas.
	Est. 87,	guido, *por* Guido.....	
	Est. 96,	liberdade, *por* liberalidade.....	Erros da primeira.
	Est. 115,	incliado, *por* inclinado.....	
	Est. 65,	descuidodo, *por* descuidado,.....	Erros da segunda.
	Est. 84,	do, *por* dos.....	

Nelle a Pr. tem 27 erros, a Seg. 13, dos quaes 6 lhe saõ proprios.

No Canto IV,	Est. 20,	Camisio, *por* Canusio.....	Erros de ambas.
	Est. 75,	Emisperio, *por* Emispherio.....	
	Est. 38,	sopeando, *por* sopesando.....	Erros da primeira.
	Est. 76,	sonhores, *por* senhores.....	

Nelle a Pr. tem 10 erros, de que a Seg. conservòu 6.

No Canto V,	Est. 5,	Guido, *por* Gnido.....	Erros de ambas.
	Est. 85,	repousou, *por* repouso.....	
	Est. 9,	tornarmos, *por* tornamos.....	Erros da primeira.
	Est. 90,	gueroas, *por* guerras.....	
	Est. 13,	nuca, *por* nunca.....	Erros da segunda.
	Est. 17,	vendo mundo, *por* vem do mundo.	

Nelle a Pr. tem 15 erros, a Seg. 21, dos quaes, 13 lhe saõ proprios.

No Canto VI,	Pag. 97,	C. Quinto, *por* C. Sexto.....	Erros de ambas.
	Pag. 103,	C. Quinto, *por* C. Sexto.....	
	Est. 60,	cabe, *por* coubera.....	Erros da primeira.
		Brato, *por* Batro.....	
	Est. 16,	doutro, *por* doutra.....	Erros da segunda.
	Est. 52,	cimeras, *por* cimeiras.....	

Nelle a Pr. tem 18 erros, a Seg. 13, dos quaes 6 lhe saõ proprios.

No Canto VII,	Est. 84,	camum, *por* comum.....		Erro da primeira.
	Est. 86,	guardase, *por* guardarse.....		Erro de ambas.

Nelle a Pr. tem 2 erros, a Seg. 1.

No Canto VIII,	Est. 49,	parti, *por* por ti.....		Erros de ambas.
	Est. 56,	deixa, *por* deixava.....		
	Pag. 128,	octvo, *por* octavo.....		Erros da primeira.
	Est. 30,	que lhe, *por* que.....		
	Est. 18,	martyrrs, *por* martyres.....		Erros da segunda.
	Est. 76,	currutos, *por* corrutos.....		

Nelle a Pr. tem 15 erros, a Seg. 11, dos quaes 5 lhe saõ proprios.

No Canto IX,	Est. 17,	tom, *por* tão.....		Erros de ambas.
	Est. 23,	Achisęs, *por* Anchises.....		
	Est. 30,	ondas, *por* obras.....		Erros da primeira.
	Est. 91,	dividos, *por* divino.....		

Nelle a Pr. tem 27 erros, a Seg. emendou 6, e conservou 21.

No Canto X,	Est. 14,	Reis Bipur, *por* Reis de Bipur....		Erros de ambas.
	Est, 72,	pradrupedante, *por* quadrupedante.		
	Est. 108,	Qut, *por* Que.....		
	Est. 45,	Alembrote, *por* Alembrou lhe.....		Erros da primeira.
	Est. 126,	ventos, *por* montes.....		
	Est. 64,	saugue, *por* sangue.....		Erros da segunda.
	Est. 101,	destroutra, *por* destoutra.....		

Nelle a Pr. tem 18 erros, a Seg. 26 depois de corrigir 4 da Pr.

3º Pelo que diz respeito ás variantes, ou mudanças de algumas palavras, darei aqui a nota de todas as diversidades que observei.

CANTO PRIMEIRO.

Oit. 1, v. 7.	Pr. ed.	Entre gente remota edificaram.
	Seg. ed.	E entre gente remota edificarão.
Oit. 24, v. 4.	Pr. ed.	Do Luso, nam perdeis o pensamento.
	Seg. ed.	De Luso, não perdeis o pensamento.
Oit. 29, v. 8.	Pr. ed.	Começaram a seguir sua longa rota.
	Seg. ed.	Tornarão a seguir sua longa rata.
Oit. 64, v. 1.	Pr. ed.	Respondeo o valeroso capitão.
	Seg. ed.	Responde o valeroso capitão.
Oit. 75, v. 4.	Pr. ed.	Debaixo de seu jugo, o fero Marte.
	Seg. ed.	Debaixo do seu jugo, o fero Marte.
Oit. 83, v. 3.	Pr. ed.	Sagaz, astuto, e sabio em todo dano.
	Seg. ed.	Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano

CANTO SEGUNDO.

Oit. 24, v. 7.	Pr. ed.	O estava hum maritimo penedo.
	Seg. ed.	Os estava hum maritimo penedo.
Oit. 74, v. 2.	Pr. ed.	De gente que vem ver a leda armada.
	Seg. ed.	Da gente que vem ver a leda armada.
Oit. 100, v. 2.	Pr. ed.	Os animos alegres resonando.
	Seg. ed.	Os animos alegres resoando.
Oit. 103, v. 6.	Pr. ed.	O menos que de Luso mereceram.
	Seg. ed.	O menos que os de Luso merecerão.

CANTO TERCEIRO.

Oit. 3, v. 7.	Pr. ed.	Não me manda cantar estranha historia.
	Seg. ed.	Não me manda contar estranha historia.
Oit. 34, v. 5.	Pr. ed.	Em trabalho cruel o peito humano.
	Seg. ed.	Em batalha cruel o peito humano.
Oit. 52, v. 6.	Pr. ed.	Correm rios de sangue desparzido.
	Seg. ed.	Correm rios do sangue desparzido.
Oit. 52, v. 8.	Pr. ed.	Tornando carmesi de branco e verde.
	Seg. ed.	Tornado carmesi de branco e verde.
Oit. 93, v. 8.	Pr. ed.	Que nam for mais que tudo excellente.
	Seg. ed.	Que não for mais que todos excellente.
Oit. 111, v. 5.	Pr. ed.	Com palavras soberbas, e arrogante.
	Seg. ed.	Com palavras soberbas o arrogante.
Oit. 113, v. 5.	Pr. ed.	Os feridos com grita ao ceo feriam.
	Seg. ed.	Os feridos com grita o ceo ferião.
Oit. 117, v. 8.	Pr. ed.	E despois de Jesu certificado.
	Seg. ed.	E despois por Jesu certificado.
Oit. 130, v. 8.	Pr. ed.	Feros vos mostrais e cavalleiros.
	Seg. ed.	Feros vos amostrais e cavalleiros.
Oit. 133, v. 7.	Pr. ed.	O nome do seu Pedro que ouvistes.
	Seg. ed.	O nome do seu Pedro qne lhe ouvistes.

CANTO QUARTO.

Oit. 24, v. 3.	Pr. ed.	Como ja o forte Huno o foy primeiro.
	Seg. ed.	Como ja o fero Huno o foy primeiro.
Oit. 102, v. 2.	Pr. ed.	Nas ondas vellas pos em seco lenho.
	Seg. ed.	Nas ondas vella pos em seco lenho.

CANTO QUINTO.

Oit. 12, v. 5.	Pr. ed.	O grande rio, onde batendo soa.
	Seg. ed.	Co grande rio onde batendo soa.
Oit. 41, v. 7.	Pr. ed.	Que eu tanto tempo ha que guardo e tenho.
	Seg. ed.	Que eu tanto tempo ha ja que guardo e tenho.

CANTO SEXTO.

Oit. 18, v. 6.	Pr. ed.	Que recebem de Phebo crecimento.
	Seg. ed.	Que recebem de Phebe crecimento.

Oit. 34, v. 5.	Pr. ed.	Mais que dizer, e nam passou daqui.
	Seg. ed.	Mais quis dizer, e não passou daqui.
Oit. 41, v. 4.	Pr. ed.	Nam fosse amores, nem delicadeza.
	Seg. ed.	Não soffre amores, nem delicadeza.
Oit. 82, v. 2.	Pr. ed.	Doutro Scylla e Caribdis ja passados.
	Seg. ed.	Doutra Scylla e Caribdis ja passados.

CANTO SETIMO.

Oit. 20, v. 7.	Pr. ed.	Agoas do Gange, e a terra do Bengala.
	Seg. ed.	Agoas do Gange e a terra de Bengala.
Oit. 22, v. 3.	Pr. ed.	So estende hu'a fralda estreita, que combate.
	Seg. ed.	Se estende hu'a fralda estreita, que combate.
Oit. 70, v. 3.	Pr. ed.	Do rio Tejo, e fresca Goadiana.
	Seg. ed.	Do rico Tejo, e fresca Goadiana.

CANTO OITAVO.

Oit. 29, v. 8.	Pr. ed.	Que entre o Tarteso, e o Goadiana habita.
	Seg. ed.	Que entre o Tarteso, e Goadiana habita.
Oit. 32, v. 3.	Pr. ed.	Portugues Capitam chamar se deve.
	Seg. ed.	Portugues Cipião chamar se deve.
Oit. 34, v. 2.	Pr. ed.	O perjuro que fez e vil engano.
	Seg. ed.	O perjurio que fez e vil engano.
Oit. 90, v. 7.	Pr. ed.	Lhe andar armada, que por em ventura.
	Seg. ed.	Lhe andar armando, que por em ventura.

CANTO DECIMO.

Oit. 1, v. 1.	Pr. ed.	Mas ja o claro amador de Larissea.
	Seg. ed.	Mas ja o claro amador da Larissea.
Oit. 10, v. 1.	Pr. ed.	Cantando a bella Deosa, que viriam.
	Seg. ed.	Cantava a bella Deosa, que virião.
Oit. 40, v. 2.	Pr. ed.	Armas com que o Albuquerque yra amãsando.
	Seg. ed.	Armas com que Albuquerque yra amansando.
Oit. 71, v. 2.	Pr. ed.	Com restante da gente Lusitana.
	Seg. ed.	Co restante da gente Lusitana.
Oit. 83, v. 7.	Pr. ed.	Os que sam bõs, guiando favorecem.
	Seg. ed.	Os que sam bõs, quando favorecem.
Oit. 88, v. 8.	Pr. ed.	A Lebre, os Caẽs, a Nao, e a doce Lira.
	Seg. ed.	A Lebre, e os Caẽs, a Nao, e a doce Lira.
Oit. 97, v. 7.	Pr. ed.	Povoações, que parte Africa tem.
	Seg. ed.	Povoações, que a parte Africa tem.
Oit. 156, v. 4.	Pr. ed.	Os mouros de Marrocos, e Trudante.
	Seg. ed.	Os muros de Marrocos, e Trudante.

N. B. Quem examinar estas variantes nos seus proprios lugares, não poderá deixar de ver, que huma parte dellas deve

considerar-se como emendas typographicas, a outra parte não pode attribuir-se senão a hum revisor de provas falto de estudos e de intelligencia, e só huma muito pequena merecerá a approvação do Leitor sabio.

Tendo mostrado pois todas as diversidades, que se encontram nas duas edições, importa agora recordar que nenhum autor, até a obra posthuma de Manoel de Faria, fez menção de terem sido feitas duas impressões do Poema em 1572; que este editor foi o primeiro que deo noticia dellas no §. 27 da segunda vida, sem as caracterisar com exacção bibliographica; que depois delle ninguem mostrou te-las collacionado; nem houve quem publicasse as suas diversidades (pois as affirmações do Padre Thomás e do seu apologista são faltas de fundamento e de verdade); que ignoramos ainda hoje se Luis de Camões fez imprimir, ou vendeo o seu M. S., se corrigio elle mesmo as provas, ou se outrem foi encarregado deste trabalho. Naquella epoca os impressores não notavam as impressões e reimpressões feitas no mesmo anno, como primeiras e segundas edições. O titulo de primeiras que se acha manuscripto em todas, por isso mesmo nada significa.

São passados dous seculos e meio, e depois de tão grande lapso de tempo, e de huma tal incuria, não me foi possivel fazer mais do que dar estas noticias positivas sobre as duas edições, depois de as ter confrontado cuidadosamente. Julgo porem, se não me engano, que estes conhecimentos, publicados agora pela primeira vez, servirão a distinguir perfeitamente as duas edições, e a assentar-se, com a maior probabilidade, qual dellas deve chamar-se a primeira.

Manoel de Faria ainda que o não decidio explicitamente, com tudo na sua nota á Est. 21 do C. IX, aonde marca alguns erros typographicos da edição que tinha (que chama ali, e em diversos lugares *el original*) indica assaz que julgava aquella a *primeira*, e faz entender mais claramente no citado §. 27 da segunda vida que considerava a outra edição, que despois vira, como a *segunda*. Esta opinião de hum autor, que vivia entre os

annos de 1590 a 1649, fortifica as outras probabilidades, que o leitor intelligente poderá descobrir nas precedentes notas e indices, para concordar com ella e com a minha, como as designei de principio.

Se destas mesmas noticias não se pode concluir indubitavelmente que Luis de Camões vendeo o seu M. S. e privilegio a algum livreiro, como he natural suppôr, conhecida a sua indigencia, ao menos quem reparar na mudança de orthographia, e nas insignificantes, ou indiscretas correcções, que se encontram na segunda, e nos erros typographicos que deixou nella, poderá facilmente conjecturar que o mesmo Poeta, entregando para a primeira o seu manuscripto, não corrigio as suas provas, e sobretudo não teve parte nas mudanças orthographicas da segunda (pois não he provavel que elle quizesse patentear sua incerteza e ignorancia em orthographia), nem foi o que dictou as palavras mudadas na segunda edição.

Por todas estas razões confesso, dar maior credito, e preferir o texto da primeira (que julgo impressa sobre o M. S. de Camões) ao da segunda feita talvez por conveniencia do livreiro; porem conhecidas hoje as suas levissimas, ou muito pequenas differenças, concluo que ambas ellas são as unicas, que se podem estimar e seguir como originaes, e sobre tudo antepor a todas as outras, publicadas depois com os vicios atrevidos dos seus editores.

Parecia-me ter dado na advertencia as sufficientes clarezas, para que os homens doutos e curiosos, conferindo as duas edições originaes e a minha, ficassem satisfeitos de eu ter seguido a melhor e mais correcta lição, e de ter adoptado a orthographia mais conveniente a hum Poema classico e conhecido em toda a Europa.

Alguns reparos criticos porém, que me foram dirigidos, obrigam-me a ajuntar aqui algumas explicações mais amplas.

Estas criticas reduzem-se a dous pontos: 1° sobre a preferencia que dei, indevidamente na opinião de alguns, á primeira edição de 1572; 2° sobre a orthographia, que huns desejavam toda moderna, ao mesmo tempo que outros me arguiam de não

ter seguido sempre a mais antiga, e de commetter assim hum anachronismo, e mostrar falta de attençaõ á euphonia.

Pelo que diz respeito ao 1° julgo ter assaz fundamentado a minha opiniaõ, de que a ediçaõ primeira foi por certo feita sobre o manuscripto de Camões, o que deve faze-la preferivel á outra, cujas variantes naõ se sabe quem as ordenou. Tendo publicado estas, cada hum pode escolher a seu gosto as que mais lhe agradarem, porque julgaria improprio e offensivo dar as razões porque rejeitei algumas da segunda ediçaõ, convencido por ellas de naõ serem de Camões.

Em quanto ao 2° talvez fosse sufficiente deixar aos sectarios da moderna, ou da antiga orthographia, acordarem-se entre si, quando nem hoje temos, nem na antiguidade tivemos, huma orthographia, e que nos mesmos livros se acham diversas. Por utilidade publica, e de futuros editores, direi aqui alguma cousa sobre esta questaõ.

Naõ he materia de duvida entre as naçoẽs cultas que os classicos devem ser reimpressos com a moderna orthographia, pela razaõ justa que semelhantes livros andam sempre em maõs de todos, nacionaes e estrangeiros. Assim o praticam os Francezes, Italianos e Inglezes. Conformei-me pois com este uso e regra, quanto era possivel na incerteza e variedade da nossa orthographia moderna. Se me separei della nas palavras terminadas em *bil*, em lugar de *vel*, foi pela razaõ da etymologia, e por me parecer evidente Camões assim o determinar. As outras excepções como *antiguo*, e *despois*, etc., em pequeno numero, naõ podem fazer confusaõ pois se acham nos diccionarios, e em geral se pode observar que segui o da academia, e a etymologia.

Difficil seria comprehender o que pretendiam os apaixonados da velha orthographia, quando saõ innumeraveis as suas variedades entre as duas Ed. de 1572, e em cada huma per si, se a caso me naõ tivessem declarado, que « gostariam mais de ver *masto*, « *avorrecido*, *apousento*, *polo*, *pera*, *dões*, do que *mastro*, « *aborrecido*, *apozento*, *pelo*, *para*, *dons*, o que lhes parecia « hum anachronismo... e prefiririam mesmo escrever *Calicu*,

« *preminencia* e *sojugado*, por ser-lhes evidente que o Poeta « quiz principalmente attender á euphonia. » A mençaõ destes termos mostrou-me que os sectarios da antiga orthographia naõ a conheciam, e naõ tinham examinado as duas ediçoẽs, nem a das poesias de Caminha dada á luz pela nossa Academia, pois nellas se acham *orthographiadas* estas palavras como na minha ediçaõ; o que será patente a quem quizer consultar estes livros e outros. Refiro-os tambem ás judiciosas reflexoẽs do Senhor Joaquim de Foyos, pag. 525, da Lusit. Transformada, ed. de Lisboa, 1781. — *Calicut* já assim se escrevia antes de Camoẽs (como se pode ver em Castanheda, ed. de 1551, e de mais a medida do verso assim o requer no v. 4, Est. 16 do C. VII, e no v. 2, Est. 10, do C. IX.) E *preeminente* e *subjugado* achamse nos Lusiadas de 1572.

Naõ teria respondido a esta critica, se naõ fosse proveitoso, evitar a futuros editores o defeito de publicarem livros classicos com plebeas e mescladas orthographias, temendo serem accusados da culpa de anachronismo por fanaticos de semelhantes antigualhas.

Outra singularidade me deixou attonito qual a de saber, que entre alguns projectos de se dar huma nova ediçaõ do Poema se concebera a idea de ajuntar como licoẽs varias, as alteraçoẽs de todas as outras, isto he, as ignorancias e faltas de gosto com que temerarios editores enxovalharam, depois da morte de Camoẽs, a sua obra immortal.

(2.)

Para evitar a censura de naõ dar noticia de outras ediçoẽs do Poema, extrahi da Bibliotheca Lusitana de Barbosa, e do Summario della, impresso em Lisboa 1787, assim como do Catalogo da Bibliotheca Real, as notas daquellas de que naõ fiz mençaõ na Advertencia; sem responder pela sua pontualidade.

Bibl. Lusitana. Os Lusiadas, por Pedro de Crasbeeck, Lisboa, 1607, 4° — Segunda ediçaõ do mesmo P. Crasbeeck,

Lisboa, 1609, 4°. — Os Lusiadas, por Lourenço Crasbeeck, Lisboa, 1633, em 24. — Os Lusiadas, por Pedro Crasbeeck, Lisboa, 1651, em 24. — Os Lusiadas, por Antonio Crasbeeck de Mello, com os argumentos de J. F. Barreto, Lisboa, 1669, 4°. — Segunda ediçaõ pelo mesmo A. Crasbeeck de Mello, Lisboa, 1670, em 16. — Ediçaõ segunda do Poema, com os commentos de Manoel Correa, reimpressa por Ferreira, Lisboa, 1720, fol.

Summario da Bibl. Lus. Obras de L. de Camões, por Franc. Ambros. Didot, Paris, 1759, 3 vol. 12. — Obras de L. de Camões, ediçaõ de Luis Fr. Xavier Coelho, Lisboa, 1779, e 1780, 3 tom. (He a primeira dada á luz pelo Padre Thomás.)

Catalogo da Bibl. R. Segunda ediçaõ das obras de Camões, comm. por M. de Faria, Lisboa, por Theotonio Damaso de Mello, 1685 e 1689; 4 vol. fol. (Julgo que ajuntaram as Rimas á ediçaõ do Poema, de Madrid.)

Em nenhum destes Catalogos se acha a ediçaõ de Manoel de Lyra, de 1584, de que o Padre Thomás de Aquino, e o seu Apologista anonymo (Discurso critico em que se defende a ediçaõ de 1779, Lisboa, 1784) fazem mençaõ, pronunciando que a sobredita, assim como a de Crasbeeck de 1609, e a de Manoel de Faria saõ as unicas correctas, e todas as outras mendosas, e indignas. Esta irreflexa affirmaçaõ obriga-me a patentear a sua leveza, e o pouco respeito com que procuraram illudir o publico.

Era licito ao Padre Thomás preferir a ediçaõ de Faria mesmo ás originaes, e por maior facilidade reimprimi-la, quando especulou dar huma nova ediçaõ das obras de Camões, em lugar da difficil tarefa de confrontar as duas primeiras, e fazer hum trabalho digno dos Etiennes, e dos Heynes: mas naõ devia permittir-se de disfarçar, ou torcer a verdade para sustentar as suas opiniões, e fazer desculpavel a sua incuria.

Como esta accusaçaõ he grave, rogo a toda a pessoa curiosa, de examinar bem o que Faria escreveo na sua ediçaõ de Madrid;

para ficar certo que elle então só conhecia huma ediçaõ de 1572, e que só depois da sua morte nos legou o paragraphosinho, em que falla da reimpressaõ feita no mesmo anno, sem caracterisar as duas ediçoẽs.

Depois deste exame veja-se o que diz o Padre Thomás, pag. 69 do Disc. preliminar, aonde: « Entrando na conferencia « de huns com outros exemplares das referidas ediçoẽs, achamos « que em quanto á certeza do Poema *somente entre si concordam* « *duas*, que saõ: a que se fez em Lisboa 1609 por P. Crasbeeck, « e a outra que em Madrid fez Manoel de Faria, no anno 1639. « Naõ podemos saber hoje ao certo que originaes, ou exem- « plares seguisse P. Crasbeeck na sua ediçaõ: sabemos comtudo « que *naõ seguio as primeiras duas ediçoẽs do Poema feitas em* « 1572.» (Se a ediçaõ de Faria he concorde com a de Crasbeeck, entaõ Faria naõ seguio nenhuma das originaes de 1572.) Adiante pag. 74, *ibid.* « Preferimos os exemplares da ediçaõ de M. de « Faria como mais certos.... o que nos obriga a que naõ « nos separemos delle.» E pag. 77, Ficamos com a gloria, e com « huma total certeza de que para o futuro se naõ faraõ im- « pressoẽs mais certas.» Depois no tom. II, §. 11, diz pag. 308 e 309: « Todos sabem que a primeira impressaõ deste Poema se « fez em Lisboa, no anno de 1572, em 4°, e que logo no mesmo « anno se fez segunda mais correçta e emendada.» (Quem lho disse, e quaes saõ os seus fundamentos?) « Na impressaõ de « 1609... (continua o Padre) sem controversia a melhor; a mais « certa, e a mais completa (á excepçaõ da do mesmo Faria) que se « fez deste Poema.» (Agora a de Faria jà naõ concorda, mas he melhor que a de 1609, e preferivel á correcta de 1572, que P. Crasbeeck naõ seguio!) Prosegue, pag. 317: « Appareceo no « mundo Manoel de Faria.., para poder entender e commentar « o Poema... e deixou assaz provado e estabelecido» (isto he sobre a sua unica autoridade: *Yo no sè quien lo hizo, pero* (sè yo que) *està bien hecho.*) « Que o verso de que tratamos se « devia ler

Da maĩ primeira c'o o terreno seio,

« visto que assim se lia na segunda ediçaõ do Poema » (o que Faria naõ diz, e de mais he falso) « e visto ser esta mais esti-« mavel que a primeira, etc. » Que nome se deve dar a estas affirmaçoẽs? e que censura naõ merecem contradiçoẽs taõ evidentes, e taõ grande falta de exacçaõ!

O seu apologista, pag. 7, do Discurso critico acima citado, repete: « Que o Padre Thomás promettera somente seguir a edi-« çaõ de M. de Faria, e a de Crasbeeck de 1609 (que coincide « em tudo e por tudo com a de Faria) como as mais certas e « mais correctas. E disse por ventura o novo editor (pergunta o « Anonymo) nisto algumas mentiras? Em quanto a ser a ediçaõ « de Faria a mais certa, cousa he que ninguem com razaõ poderá « negar, por ser *feita sem discrepancia alguma sobre a segunda « que se fez no anno de* 1572, á qual o mesmo Poeta assistio, e « a qual o mesmo Poeta emendou, e (pag. 11) que Faria seguio « em tudo » (o que naõ he verdadeiro.) Mais adiante, pag. 12, assevera o mesmo, e accrescenta que « a ediçaõ de Manoel de « Lyra, feita em Lisboa no anno de 1584 concorda com as duas « ditas, a de Faria, e a de Crasbeeck. » Envergonhar-me-hia de apontar mais incoherencias e ainda mais leves proposiçoẽs, para provar que ambos naõ examinaram, como deviam, a materia, e ousaram atrevidamente enganar o publico.

(3.)

Seria necessario hum volume para notar todas as alteraçoẽs viciosas que os editores de Camoẽs introduziram no seu Poema: assim sou obrigado a limitar-me, e a apontar somente algumas. O numero he consideravel.

Quando pondero que os contemporaneos deste grande homem o deixaram acabar na extrema miseria, e que houve descendentes delles capazes de desfigurar, e afear a bel prazer o monumento, que elle tinha erigido para perpetuar a gloria da Patria, e a sua:

..... Vae! meum
Fervens difficili bile tumet jecur.

Persuadiram-se alguns dos editores até que sabiam melhor intitular o seu Poema, e mudaram o titulo que elle lhe tinha posto.

No Canto I, logo na estancia primeira principiaram as alterações. He provavel, e mais que provavel, que Camões fizesse, refizesse, corrigisse, e recitasse muitas vezes esta estancia. Não o he menos, que elle mesmo havia de ver a primeira prova da sua impressão, e ler com attenção esta oitava. Sem embargo disto não contentou aos editores. Na segunda edição de 1572, ou fosse hum erro do impressor, ou irreflexa correcção do revisor, acha-se hum E accrescentado no 7° verso, que me parece não somente ser superfluo, mas destruir a belleza daquella estancia. Os que deram as edições de 1613 e de 1631 pensaram differentemente e accrescentaram-no: Faria e os seus sequazes fizeram mais; substituiram-lhe a seu arbitrio hum *Que* no 5° verso. A proposito disto citarei o que disse Voltaire a huns que ousaram criticar (não alterar) Racine sobre estes versos da sua Iphigenia,

> Enfin, mes faibles yeux cherchèrent la clarté;
> Et, me voyant presser d'un bras ensanglanté,
> Je frémissais, Doris, et d'un vainqueur sauvage
> Craignais de rencontrer l'effroyable visage.

« Estes puristas pretenderam que era necessario, *Je craignais.* « Ignoravam as felizes liberdades da poesia; o que seria huma « negligencia em prosa he muitas vezes huma belleza em verso. »

O Garcez fez peior mudando *promettia* em *permettia:* e depois accusa o Poeta deste seu desproposito, e nota-o por paradoxo.

Canto II, est. 24.

O Leme a hum bordo e a outro atravessando.

Aqui tiram-lhe aquelle segundo artigo *a*, não reparando que este dá energia ao verso para mostrar o trabalho a manear o leme.

'Tis not enough no harshness gives offence,

The sound must seem an echo to the sense.
When Ajax strives some rock's vast weight to throw,
The line too labours, and the words move slow.

POPE.

Canto II, est. 34.

Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho.

Tiram-lhe huma conjuncção (não sei porque não tiraram todas?) sem repararem na graça que a repetição dellas dá a este verso. Em infinitos exemplos procuraram assim fazer prosaicos os versos de Camões.

Canto II, est. 36.

Da alva petrina flammas lhe sahiam.

Faria escreve em Hespanhol *Pretina;* e segue-o o Padre Thomás. Elles todos tomam-na por hum gibão ou facha. Em consequencia Faria diz que se deve entender o cesto das legitimas nupcias, a cintura da virgindade, o cingulo da alva, e outros destemperos; tudo por ignorar que *petrina*, he derivado de *peictrina*, na baixa latinidade, e de *pectus;* (vide Roquefort, Gloss. de la langue Romane) e que nos Proençaes se acha esta palavra repetida neste sentido muitas vezes. Eis aqui hum exemplo, que me deo M. Raynouard, tirado delles.

Em huma Poesia d'Arnaud de Marueil: *Dona genser*, acha-se

Mento e gola e *peitrina*
Blanca co neus ni flor d'espina.

O Tasso que traduzio quasi o 5 e 6 verso desta estancia entendeo bem esta palavra, dizendo:

Mostra il bel *petto* le sue nevi ignude,
Onde il foco d'amor si nutre e desta.

Canto II, est. 50.

Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

Faria muda *voz* em *luz :* e diz que luz extrema se deve entender a morte : assim a morte do Mouro blasphema : que disparate ! O Padre Thomás conheceo-o, e para emendar o seu oraculo poem *á luz extrema :* por não dizer mais, construcção forçada ; e tudo por se desviarem do original.

Canto III, est. 22.

Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve.

He claro o sentido aos menos intelligentes. O tempo ligeiro e leve veio por decreto do Ceo (de Deos) a fazer esta, etc. Não he assim que o entende Faria, e julga magistralmente explica-lo quando diz : « Esta, o tempo por decreto dos movimentos ce-« lestes veio a fazela, etc. » e accrescenta : « Este Ceo ligeiro e « leve he o decimo, isto he, o mobile primeiro de Ptolomeo : » de forma que o tempo por decreto deste circulo de Ptolomeo he que veio a fazer grande o Portugal !

Canto III, est. 65.

Sentio-o a villa, e vio-o a serra della.

Figura poetica á imitação da de Virgil. Georgic., liv. IV, *flerunt Rhodopeiæ arces*, e menos atrevida. O editor Manoel de Faria não entendendo o lugar, imaginou haver erro de impressão (difficil de *Serra* a *Senhor*) e substituio Senhor, o que faz hum sentido extravagante. Não se lembrou mesmo de outros lugares onde o Poeta se serve da mesma bellissima figura, como na est. 33, e na est. 118 do Canto X, e na est. 28 do Canto IV.

Canto III, est. 130.

Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos mostraïs, e cavalleiros.

Agora para que se conheça que Faria fazia as mudanças a seu bel prazer, e não pelo manuscripto, veja-se a nota nas lições varias pag. 654, tomo II, aonde poem *feros*, do M. S., e *feroces* do original de 1572. Ora como neste se acha *feros*, a mudança para *ferozes* he indubitavelmente delle Faria.

Canto III, est. 135.

Que lagrimas são a agoa, e o nome amores.

Para evitar (supponho) o hiatus tirou-lhe Faria, e seus sequazes o artigo *a*: mas o que souber bem pronunciar o Portuguez não fará sentir o encontro dos dous *a*; e lagrimas são agoa he huma simpleza.

Canto IV, est. 30.

Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la.

Aqui o Padre Thomás pretende corrigir Camões, e mesmo o seu mestre Manoel de Faria, por pensar que faltavam á Grammatica; e poem

Huns levam a defensão da propria terra,

de forma que volta os nominativos em accusativos, transtorna a significação do verbo *levar*, e aleija o verso, que faz de doze syllabas.

Canto IV, est. 49.

Abrindo as pandas azas vão ao vento.

Faria tinha explicado este bello termo poetico, *pandas azas*,

no seu commentario a este lugar: em qualquer Diccionario latino poderia Garcez ter apprendido que *pandus*, *a*, *um*, tem diversas significações; mas a sua ignorancia era tal que gritou; *eis aqui hum pleonasmo de Camões!*

Outro escriptor, admirando talvez o Garcez, teve a ousadia de dizer que esta expressão faz nojo. Não se podia esperar que houvesse hum homem de lettras Portuguez capaz de tratar com esta irreverencia o nosso grande Camões!

Canto IV, est. 67.

No tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que sahem
A repouso convidam quando cahem.

O Poeta queria dizer poeticamente que era noute; e este he o tempo em que está escondida, ou foge a luz clara do sol, e portanto em que sahem e apparecem as estrellas; e tendo na memoria a passagem de Virgilio Æneid. lib. II, traduzio no terceiro verso,

Suadentque cadentia sidera somnos.

Elle tinha muito juizo para lhe importar a ridicula opinião de que os sonhos á prima noute são infelizes, e os da madrugada felizes. Manoel de Faria perde nesta questão cinco boas paginas. Embora: mas não era licito a João Franco Barreto, e menos ao Padre Thomás ensinar que se devia pôr hum accento grave no *a*, e entender que o tempo que foge *á* luz clara, he o da madrugada: construcção barbara.

Canto VI, est. 34.

Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.

Tinha posto Camões, *se por dita*. Faria e sequazes mudaram

em, *Por ventura*. Quem julgará que foi erro d'impressão do original? Ninguem.

Todas as edições anteriores á de Faria seguem o original.

Canto VI, est. 73.

Se aproveitar dos homens força et arte,

Manoel Correa (que não sabia o que eram *talhas*) não entendeo o seguinte verso, e alongou-o a doze syllabas:

Sem aproveitar dos homens força et arte.

Canto VII, est. 85.

Quem com habito honesto, e grave veio,

Mudou o Padre Thomás o ultimo termo da maneira seguinte;

Quem com habito honesto e grave véo,

e assim fez a phrase deffeituosa, sem o verbo, e transtornou o sentido do Poeta.

Canto VIII, est. 9.

Despois de ter co'os Mouros superado
Gallegos e Leonezes cavalleiros,
A' Casa sancta passa o sancto Henrique.

João Franco principiou por alterar este lugar, e depois Manoel de Faria, no primeiro verso

Despois de ter os Mouros superado.

He de admirar que Faria se esquecesse do que dissera na Europa Portug. tomo II, part. I, cap. 2, aonde narra que o Conde D. Henrique só teve guerras com os Gallegos, e Leonezes, depois de ter vindo das cruzadas. Assim não comprehenderam o sentido

do Poeta, nem a significação alli do verbo *superar*, nem que era necessario subentender, antes de *co' os Mouros*, *nas guerras* ou *combattendo*, e juntamente tomar o verbo superar na accepção de avantajar-se em façanhas. He escusado dizer mais. Hum semelhante exemplo se acha no verso 8, da estancia 8, do Canto IV.

Canto IX, est. 9.

Faz represalia n'huns que ás naos vieram.

A expressão he conveniente, e a propria para explicar o que Vasco da Gama fez.

Manoel de Faria ou porque não a entendeo, ou pela extrema licença que julgava ser-lhe permittida para com o nosso Poeta, mudou-a, sem dar a menor explicação, em *Faz logo presa em huns*, etc.

Expressão baixa, rasteira, e trivial, quanto impropria e desusada em taes casos.

Canto IX, est. 21.

Da primeira co terreno seio.

As duas edicões originaes de 1572 dão o verso assim. Manoel de Lyra foi o primeiro que o mudou, pondo em seu lugar

Da may primeira co terreno seo.

Parece que logo outras edições adoptaram esta lição estranha.

Manoel Correa, amigo de Camões, e a seu rogo commentador do Poema, assevera naquelle lugar, dando a lição dos originaes: « Assi fez Luis de Camões este verso, e não como anda impresso:

Da mãy primeira co terreno seyo:

« que foy acrecentamento da syllaba mãy, por crerem que fal-
« tava ao verso, o que não he. Nem a palavra mãy naquelle lugar
« quer dizer cousa que satisfaça: quando as syllabas da palavra
« primeyra tem quatro, pois tem quatro vogaes. E inda que o,
« ei, seja diphtongo, e se tome por huma syllaba só, costumão
« os Poetas dividilos. E assi o ouvi a Luis de Camões. »

Não se pagou João Franco Barreto da affirmação de hum homem lettrado, e digno de credito, e mudou o verso assim:

Com a primeira do terreno seyo.

Manoel de Faria seguio a Lyra; e sobre a necessidade desta mudança deo-nos hum longo commento, em que nos declara magistralmente: « Es verdade que en la primera impression « deste Poema, a la qual yo llamo original, falta el *madre*. Diràn « agora los escrupulosos; com que autoridad se le anadiò des- « pues? Yo no sè quien lo hizo, però sè que està bien hecho: i « assi *presumo* que la segunda impression se bolviò à hazer por « el manuscrito del Poeta; o por alguno de los impressos en- « mendados por el... »

E por esta leve presumpção, provando-nos não ter visto o manuscripto de Camões, nenhum exemplar emendado por elle, nem mesmo a outra edição de 1572, arroja-se a decidir *ex cathedra*, e a tratar com huma equivoca chocarrice, e alto desprezo, a Manoel Correa, não temendo ser taxado de *grande atrevimiento* em mudar o texto original.

Mas a explicação da lição que adoptava he em proporção ainda mais ridicula. Fundando-se nas est. 16 e 51 deste Canto, determina que a ilha de Venus era sita nos mares de Oriente, e que nesta parte, ou em Ceilão, ou em Adem, suspeita-se que está o Paraiso terreal, pois hum dos rios que o rega, denominado Phison, he o Ganges; e portanto devendo entender-se por esta mãy primeira, nossa mãy Eva, e pelo terreno seio de Eva, o Paraiso terreal, que he a terra dos regalos, alli he que Venus quiz regalar os navegantes; e conclue esta nota (que resumi deixando de parte ainda mais despropositos) com a sua jactancia costumada: « De modo que dexamos llano lo que el Poeta quiso dezir « en este lugar, i que se le quitassen el *Madre* quedaria diziendo « nada. »

O Padre Thomás de Aquino não só approva e repete esta extravagancia, mas o bom homem *por compaixão da ignorancia e por ver se ella deixa de ser ignorancia*, affirma com hum tom

que faz rir, que o verso se devia ler como queria Manoel de Faria, « visto que o contexto não pedia outra cousa; visto ser este « modo de dizer proprio do estylo do Poeta; visto que assim se « lia na segunda ediçaõ do Poema (o que he falso); e visto ser « esta muito mais estimavel que a primeira (o que elle certo naõ « sabia). » Que Juizes! que Editores! que Commentadores!

Deviam ao menos naõ ignorar que nos melhores poetas dos Gregos, e Latinos, e bem assim dos Italianos, se acham muitos exemplos da *diæresis*, dos quaes ajuntarei algumas citaçoẽs:

No Grego, veja-se Odyss. lib. XI, vers. 242, Οὔρεϊ ἶσον.

No Latino, veja-se Æneid. lib. IX, vers. 26, *Pictaï vestis et auri.* Tibull. lib. I, eleg. XI, v. 62, *Ornatus dissoluisse comæ.*

No Italiano, Petrarca, Son. *Mille fïate, o dolce mia guerrera*

Canto X, est. 102.

De Arabia, e Persias terras abundantes.

Faria, e seus companheiros, esquecendo a Geographia e o deserto alli de Arabia, mudaram o verso de Camoẽs em

De Arabia, e Persia, terras abundantes.

Canto X, est. 124.

Alguns que fosse Ophir imaginaram.

Manoel de Faria julgou substituir-lhe, *outros*, em lugar de *alguns*, sem pensar que era necessario suppor no 7º verso, *lhe ajuntaram huns*, para continuar em dizer, *outros imaginaram.* Mas, o que he mais notavel, na traducçaõ em prosa castelhana poem, *algunos imaginaron;* e na nota a este lugar restitue o verso inteiro como na ediçaõ primeira.

Basta de exemplos para que se julgue o caso que deve fazer-se de editores que naõ souberam entender muitas vezes os

versos de Camões, nem as regras da versificação, nem as bellezas da poesia; e que com atrevimento proprio de huma vaidosa ignorancia mudaram e viciaram o texto do nosso primeiro Poeta, sem lhe importar jamais o consultar as edições originaes. Seria não acabar se quizesse dar mais provas para justificar a severidade, com que os trato.

Confesso que tenho pouca paciencia para fallar do Padre Ignacio Garcez. Este homem (que não creio Portuguez de nação) a quem a natureza tinha negado hum juizo mesmo mediocre, e até o menor gosto, e ouvidos para sentir o rhythmo, e harmonia dos versos, e aquelle sentido interno que nos dá a faculdade de sermos movidos e transportados por tudo quanto he bello na poesia, constituio-se Zoilo do nosso grande Poeta. Os seus fracos estudos, e pouco conhecimento mesmo das regras da metrificação, fazem com que julgue errados muitos versos de Camões, e com que pense que elle e os outros Arcades do seu tempo fallavam, e escreviam com mais gosto huma lingoagem mais pura; e ousa em estylo chocarreiro, ou vulgar, proferir outros destemperos carregados de huma facil erudição, que sem escolha assoalha impropria e fastidiosamente. Aquelle que puder ler o seu Apparato e Commentario não me accusará de injustiça e severidade.

Eis aqui hum exemplo do seu bom gosto.

Canto I, est. 39, nota 243. « *Vem de estamago dannado.* « Teria bebibo demasiadamente. » Que gosto e graça nesta chocarrice! Pode-se bem applicar-lhe os versos de Voltaire:

> Animaux malfaisants, semblables aux harpies,
> De leurs ongles crochus et de leur souffle affreux
> Gâtant un bon dîner qui n'était pas pour eux.

Apparato preliminar, pag. 72, diz que acha bastantes versos defeituosos neste Poema, e cita oito que todos são exactos na medida, e certos ao ouvido; o que vale mais que contar as syllabas pelos dedos, fazendo elisões aonde se não devem fazer: mas como elle tambem acha que Virgilio, e outros poetas Latinos

e Gregos assim o costumaram, e não obstante assenta que tal liberdade não pode jamais dar perfeição ao verso, não merece que nos demoremos, senão em apontar como elle emenda hum verso de Camões, Canto IV, est. 48, v. 2.

Não soffre o peito forte usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano.

O Arcade Garcez muda-o assim, alongando o verso:

Não ter imigo já a quem não faça dano.

Na nota 27 á est. 9 do Canto VIII, toma o substantivo pelo adjectivo; confunde os tempos da historia, e depois tem a ousadia de criticar Camões.

A nota 149 do mesmo Canto prova tal ignorancia da versificação, que enoja.

No Canto X acha-se a bellissima est. 118 que he huma imitação admiravel de Virgil. lib. VII, vers. 759:

Te nemus Anguitiæ, vitrea te Fucinus unda,
Te liquidi flevere lacus!

E na Ecloga I, v. 38:

Ipsæ te, Tityre, pinus,
Ipsi te fontes, ipsa hæc arbusta, vocabant!

Isto parece a Garcez « mais modo *de quem* adormenta huma Creança, *do que de quem* chora hum Morto. »

Se o Leitor quizer julgar como o mesmo commentador entende o Poeta, e applica os seus textos, leia a sua nota aos 5 e 6 versos da est. ult. do Canto IX, (e leia se puder todos os commentarios, aonde não lhe faltarão a cada passo exemplos) porque eu apresso-me por não me demorar com elle. Diz Luis de Camões, dirigindo-se aos que estimam illustrar seu nome:

Impossibilidades não façais
Que quem quiz sempre pode...

A sentença he clara, mesmo para os entendimentos mais ordinarios; agora leia-se a nota de Garcez, que mostra evidentemente que elle não a entendeo. « Deve fundar (diz, nota 280, « pag. 238 do tomo II), *o Poeta* este sentimento na sentença de « Cornelio Tacito. » *Potentia tutius habetur cautis quam acrioribus consiliis.* Quão apropositada para o lugar a applicação desta sentença! Mas deixemo-lo:

Que peut contre le roc une vague animée?
Hercule a-t-il péri sous l'effort du Pygmée?
L'Olympe voit en paix fumer le mont Ethna:
Zoïle contre Homère en vain se déchaîna;
Ta palme, ô Camoens! malgré la même audace,
Croît, et s'élève encore au sommet du Parnasse!

(4.)

Espero que os doutos, a quem as excellentes notas de Pope sobre a Iliada são familiares, queiram desculpar-me, se transcrevo no nosso idioma hum extracto da primeira nota, por conveniencia dos que não sabem o inglez; e por ser a melhor resposta aos cegos admiradores de Faria, que approvaram as suas correcções do original, e puderam imaginar, que por este attentado, e pelos seus indiscretos commentos, elle tinha feito hum grande serviço ás lettras, a ponto de o julgarem de huma autoridade superior.

« Deve causar alguma estranheza que os commentadores de « hum Epico, em lugar de occuparem-se em illustrar as suas « bellezas poeticas, só cuidassem na explicação das sciencias « com que elle auxiliara a sua poesia. Este defeito nasce de que « a maior parte delles tinham mais erudição do que gosto, e « menos conhecimento e intelligencia da arte que constituia o « caracter do autor, do que vaidade propria. As suas notas pois « são mais historicas, geographicas, grammaticas, etc., do que « poeticas e criticas. A grande ambição porém de huma classe de « Escolares he a de augmentar o numero de lições varias, no « que procederam com huma tão incansavel e escura diligencia,

« que (segundo a justa observação de Sir H. Savil) nos ensi-
« naram a estimar com preferencia as primeiras edições, como
« mais correctas, pela razão de serem menos corrigidas.

« A paixão maior de outra classe he a de descobrir alguma
« nova intelligencia no texto, fazendo passar o autor por myste-
« rioso e difficil, para vangloriar-se de serem os primeiros que
« o explicaram.

« Estes julgam que lhe ficaria mal seguir a opinião dos seus
« predecessores; e assim não querendo jamais dizer o que outros
« disseram, proferem o que certo não será repetido depois
« delles. A disposição de achar diversas significações em hum
« termo, ou locução, pode ser o effeito de muito, como de
« pouco juizo, pois as pessoas de hum entendimento claro com-
« prehendem á primeira vista o pensamento de hum autor. He
« grandissima a differença entre a sciencia de hum critico, e as
« questões abstrusas e escuras de hum grammatico. »

Deviam os editores do poema de Camões recordar, e seguir o que Surrupita muito sensatamente advertira no seu Prologo ás Rimas, aonde diz: « Os erros que houver nesta impressão,
« não passaram por alto a quem ajudou a copiar este livro; mas
« achou-se que era menos inconveniente irem assim como se
« acharam... que não violar as composições alheias, sem certeza
« evidente de ser a emenda verdadeira... E segue-se nisto o
« parecer de Augusto, que na commissão que deo a Vario, e a
« Tucca, para emendar a Eneida, lhe defendeo expressamente,
« que nenhuma cousa mudassem, nem accrescentassem; porque
« em effeito he confundir a substancia dos versos, e conceitos
« do autor, com as palavras e invenção de quem emenda, sem
« ficar ao diante certeza se o que se lê he proprio, se emendado. »

Setembro 1818.

NOTAS

DA VIDA DE CAMÕES.

(NOTA I. PAG. XLVIII.)

Desprezo as anecdotas evidentemente falsas, e contrarias ao caracter de Camões, que Manoel de Faria talvez nas sallas de espera, por serem só proprias dellas, recolheo e publicou pouco ajuizadamente, sem algum fundamento nem consideração. E aqui não posso deixar de reprehender com a maior severidade a insinuação calumniosa que elle procurou fazer contra os costumes de Camões, na nota sobre a est. 128 do Canto X, por huma supposição da sua phantasia, que faz tão pouca honra ao seu coração, como ao seu discernimento. Semelhantes calumnias não podem injuriar hum grande homem, e recahem sempre sobre o seu autor, com a mancha de as ter fabricado, ou espalhado. Não he menos culpavel na opinião, que procurou e infelizmente conseguio propagar, da propensão satyrica de Camões, sem dar prova de huma accusação tão odiosa, a qual he huma pura calumnia. Os seus affectados elogios delle não compensam, nem podem fazer esquecer culpas tão graves. Este atrevido Commentador já he reo de outra opinião antipatriotica, nas suas notas ao Canto IV, que todo o bom Portuguez deve muito estranhar, e censurar.

(2, PAG. XLIX.)

Deo-lhe ElRey D. Fernando as villas de Sardoal, Punhete, Marão, Amendoa, o Conselho de Gestaço, e as terras de Aviz e Estremoz que tinham sido da Infanta D. Beatriz: nomeou-o do

seu Conselho, e confiou-lhe as importantes Alcaidarias móres de Portalegre e Alenquer. O Brazão d'Armas que tomou, ou lhe foi dado em Portugal, he huma serpe de ouro entre dous penhascos em campo verde, segundo o livro dos Brazões, juntos por ElRey D. Manoel: não ha certeza sobre as armas de que usava quando vivia em Castella. Vasco Pires com seus filhos, nos tempos tumultuosos da Senhora D. Leonor, e do Senhor D. João I, seguio as partes da Rainha, e de Castella, e perdeo a maior parte das terras que lhe tinham sido doadas.

(3, PAG. XLIX.)

João Vaz de Camões, Vassallo (titulo honorifico naquelle tempo) d'ElRey D. Affonso V, Deputado ás Cortes, está sepultado em huma Capella da Sé de Coimbra, aonde tem hum tumulo de marmore lavrado, com a figura do mesmo João Vaz, armado, e hum epitaphio que denota os cargos que occupou. (Veja-se Manoel Severim de Faria.)

(4, PAG. XLIX.)

« No anno 1643 (refere Manoel de Faria) veio ás minhas « mãos o registro da Casa da India de Lisboa, de todas as pes- « soas mais principaes que passaram a servir áquelles Estados, « desde o anno de 1500, até estes nossos tempos, e na lista do « anno de 1550, achei este assento. — *Luis de Camões, filho de « Simão Vaz, e Anna de Sá, moradores em Lisboa á Mouraria, « Escudeiro de 25 annos, de barba ruiva, trouxe por fiador a « seu Pai: vai na Nao de S. Pedro dos Burgalezes.* Esta Nao era « a em que hia o Viso-Rey D. Affonso de Noronha, que então « passava á India. »

« Não embarcou Luis de Camões no anno de 1550, mas sim « no anno de 1553, em que foi por Capitão-mór de quatro náos « Fernando Alvares Cabral. No Registro da gente dellas, e no « titulo da gente de Guerra, achou o mesmo Manoel de Faria « este assento. — *Fernando Casado, filho de Manoel Casado, « e de Branca Queimada moradores em Lisboa, Escudeiro: foi em seu lugar Luis de Camões filho de Simão Vaz, e Anna de*

« *Sá, Escudeiro, e recebeo* 2,400 *reis como os de mais.* » — Destes dous assentos, que parecem indubitaveis, concluo que Luis de Camões nasceo em 1525; e tambem que em 1552 seu pai era ausente, ou morto. Não deve fazer duvida o appellido da mãi, porque o escrivão lhe poderia por brevidade pôr só o de Sá, e ommittir o de Macedo, assim como poz só Simão Vaz, e não mencionou o de Camões. Sei que Manoel Correa, e Manoel Severim de Faria seguindo-o, dizem nascera em 1517; mas acaso não seria hum erro de imprensa de ambos, pois Correa na nota aos versos

Vão os annos descendo, e já do Estio
Ha pouco que passar até o Outono,

Vem a acordar-se com a opinião de Manoel de Faria (na segunda Vida), e com a minha. Bem assim Manoel Severim (pag. 128, verso) diz que elle não passava de 55 annos quando morreo. Mas ainda posso allegar outras razões para dizer que elle pelo menos nasceo em 1525. Os citados Biographos dizem que elle assistira na Universidade ás lições dos homens celebres, que o Senhor D. João III para alli mandara vir dos paizes estrangeiros. Ora Bayle (art. Govea) diz que André de Gouvea, o sobrinho, passou a Coimbra como Reitor em 1547, e levou comsigo os dous Buchanans, Nic. Grouchy, Guilherme Guerente, Elias Vinet, Arnoul Fabrice, João La Coste, Diogo de Teive, e Antonio Mendes: assim seria necessario suppor que Camões para os ouvir se demorara até ter trinta annos, o que não he provavel. Proseguindo este exame direi, que em 1537 transferio o Senhor D. João III a Universidade para Coimbra, aonde professavam homens distinctos nas lettras, que já nesse tempo eram muito cultivadas em Portugal. O nosso Pedro Nunes tinha ensinado nella as Mathematicas, e depois na Corte continuou a educação dos principes, e da nobreza. André de Resende, Clenardo, e outros sabios eram Professores. Pelos vastos conhecimentos de Isaac Abarbanel, assim como pelos de Camões se pode julgar do estado da educação,

e estudos daquelle tempo no Reino. A sua decadencia começou em 1555, por causas que não pertence a este lugar explicar. Assim se Luis de Camões ouvio as lições dos Professores que vieram com André de Gouvea, foi por pouco tempo, e devia já nos annos precedentes ter seguido aquellas escolas. Lembremos-nos que entre 1548, e 1550, devia Camões vir á Corte, e dar motivo ao degredo que lhe infligiram, e em que passou bastante tempo, pelo que se collige das suas Obras. Attendendo a isto, he que fundo a minha conjectura, de que elle passou á Africa entre os annos de 1550, e 1553, pois seria muito estreito o tempo antes de 1550, para acabar a universidade, vir á Corte, e passar dalli a cumprir o seu degredo, e depois a servir em Africa, tendo nascido em 1525, senão julgarmos que findou os estudos de Coimbra em 1545. He digno de observar-se que Antonio Ferreira, nascido em 1528, que estudou e professou em Coimbra, não faça menção de Luis de Camões. Outra observação temos que fazer, e ella he relativa á amizade contrahida entre o nosso Camões e D. Antonio de Noronha, morto em Africa em 1553. Eis aqui a inscripção da sua sepultura na Capella mór do Mosteiro de Xabregas.

Sepultura de D. Antonio de Noronha primeiro filho do segundo Conde de Linhares D. Francisco, e da Condessa D. Violante, que os Mouros mataram em Ceuta em 18 *de Abril de* 1553 *annos, sendo elle de desasete. D. Joanna de Noronha sua irmãa, que nunca casou, e fez esta Capella á sua custa, quando a acabou, que foi no anno de* 1622, *trasladou seus ossos da Sé de Ceuta a esta sepultura; e não a deo aos mais irmãos seus, porque dous delles morreram em Africa com ElRei D. Sebastião, e os outros dous nas partes da India*, etc.

Ora note-se como servia a nobreza naquelles tempos! Para o nosso assumpto convem observar que, se D. Antonio de Noronha tinha em 1553 só dezasete annos, a sua amizade com Luis de Camões não podia ser anterior de mais de dous ou tres annos, para não haver entre ambos grande disproporção de idades, e assim devia datar alli pelos annos de 1550, em que

Camões tinha 25 annos, e se achava em Lisboa antes de partir para Africa, donde, ao que parece, lhe dirige a Elegia II:

Aquelle que de amor descomedido.

Todas estas reflexões mostram que, se Manoel de Faria e Manoel Severim de Faria tiveram a curiosidade de procurar noticias da vida de Camões, não as examinaram com a devida attenção, pois deixaram confusas e escuras varias particularidades della.

Alguns querem crer que o Poeta falla de si no soneto que principia:

No mundo poucos annos, e cansados.

Mas bem se vê que falla de hum soldado morto no mar Roxo. Tambem não he do soldado que Affonso de Albuquerque mandou justiçar em o rio de Goa, como pretende Faria inconsideradamente.

(5, PAG. L.)

Ora appellida-a Natercia (anagramma de seu nome) ora Violante, ora Dinamene: só depois da morte de Camões poude Manoel de Faria descobrir a melodiosa e saudosa Ecloga XV, dedicada ás manes de D. Catharina de Ataydé, e saber assim o verdadeiro nome da amante de Camões, o que ignorava quando deo a primeira edição dos Lusiadas. Procurei com cuidado na Historia Genealogica da Casa Real descobrir a familia e ramo de Ataydes donde procedia; mas achando muitas senhoras deste nome, nenhuma das que são alli nomeadas me pareceo indicar esta senhora. O meu trabalho foi infructuoso.

(6, PAG. L.)

Não posso resistir á tentação de dar aqui o lindissimo soneto em que elle descreve a sua amada:

Hum mover de olhos, brando, e piedoso
Sem ver de que; hum riso brando, e honesto,
Quasi forçado; hum doce e humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso.

Hum despejo quieto, e vergonhoso;
Hum repouso gravissimo, e modesto;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo, e gracioso:

Hum encolhido ousar; huma brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno;
Hum longo e obediente soffrimento;

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

(7, PAG. LI.)

Na Elegia III, se podem notar algumas passagens que se referem ao seu desterro no Ribatejo:

Aqui me representa esta lembrança
Quaõ pouca culpa tenho: e me entristece
Ver sem razaõ a pena que me alcança.

. . . . . .

Depois de farto já do meu tormento
Estendo estes meus olhos saudosos
A' parte donde tenho o pensamento.

Naõ vejo senaõ montes pedregosos;
E sem graça, e sem flor, os campos vejo,
Que já floridos vira, e graciosos.

Vejo o puro, suave, e rico Tejo
Com as concavas barcas que nadando
Vaõ pondo em doce effeito o seu desejo.

Da mesma maneira na Cançaõ XIII faz allusaõ a este desterro; e me prova que elle o passou junto ao Zezere, cuja embocadura no Tejo he em Punhete; no lugar aonde diz:

Oh Pomar venturoso,

. . . . . .

De teu formoso pezo
Se mostra o monte ledo,
E o caudaloso Zezere te estranha
Porque olhas com desprezo
Seu crystal puro e quedo,
Que com Pera os teus pés rodea e banha.

(8, PAG. LI.)

Da sua residencia em Ceuta faz mençaõ na Elegia II, naquelle lugar:

Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.

E mais abaixo falla dos seus trabalhos militares:

Mas nem com isto emfim que estou dizendo;
Nem com as armas taõ continuadas,
De amorosas lembranças me defendo.

E depois indica que fora obrigado, ainda que innocente, a passar á Africa, quando exclama:

Oh graves, e insoffriveis accidentes
De Fortuna, e de Amor! Que penitencia
Taõ grave dais aos peitos innocentes!
. . . . . .
Deo á roda a Fortuna, e deo comigo
Onde de novo choro o novo damno.

Já deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo
A quem já vio taõ aspero perigo.

(9, PAG. LIII.)

Deve notar-se que no segundo Registro naõ apparece presente o pai de Camões; portanto julgo que nesse tempo he que passou

á India como Capitão de huma náo (pois naquelles heroicos tempos todos os Portuguezes eram militares) e naufragando junto a Goa, alli falleceo. (Veja-se Pedro de Mariz, no Prologo.)

(10, PAG. LIII.)

Copiei aqui alguns extractos da sua primeira carta, escripta da India, que anda na collecção das suas obras. « Depois que « dessa terra (Lisboa) parti como quem o fazia para o outro « mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer « até então, com pregão publico, por falsificadoras de moeda. « E desenganei esses pensamentos, que por casa trazia, porque « em mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado « que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras « palavras que na náo disse, foram as de Scipião Africano: *In-* « *grata patria, non possidebis ossa mea!* Porque quando cuido, « que sem peccado que me obrigasse a tres dias de Purgatorio, « passei tres mil de más lingoas, peores tenções, damnadas « vontades, nascidas de pura inveja, de verem *su amada yedra* « *de si arrancada, y en otro muro asida*, da qual tambem « amizades mais brandas que cera, se accendiam em odios que « desesperavam, e lume que me deitava mais pingos na fama, « que nos couros de hum leitão. Então ajuntou-se a isto acha- « rem-me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia « ser cortado senão pelas solas dos pés, as quaes de m' as não « verem nunca, me fez ver as de muitos, e não engeitar conver- « sações da mesma impressão, a quem fracos punham máo « nome, vingando com a lingoa, o que não podiam com o braço. « Emfim, Senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem « fugir a quantos laços nessa terra me armavam os aconteci- « mentos, senão com me vir para esta (a India)... Da terra vos « sei dizer, que he mãi dos villões ruins, e madrasta de homens « honrados. Porque os que cá se lançam a buscar dinheiro, « sempre se sustentam sobre agoa como bexigas; mas os que « sua opinião deita á *las armas Mouriscote*, como marê, corpos « mortos á praia, sabei que antes que amadureçam, se seccam...

« Hum Manoel Serrão, que, *sicut et nos*, manqueja de hum « olho, se tem cá provado arrezoadamente. »

Estes extractos bastam para fazer ver que alguns ciumes maiores, excitados pelos seus amores, e pela inveja dos seus talentos, lhe occasionaram taes perseguições que o obrigaram a expatriar-se. Pode notar-se tambem o sentimento proprio do seu valor, e que passou a India, não com o projecto de enriquecer-se, mas de distinguir-se, militando; e finalmente que já nesse tempo tinha perdido hum olho, como dissemos, em hum combate naval. No restante da carta falla nas damas e costumes da Asia, motejando-os; e por ultimo na morte do seu amigo D. Antonio, em signal de cuja pena fez a Ecloga I, e o Soneto XII.

(11, PAG. LIV.)

Junto de hum secco, duro, esteril monte,
. . . . . .
Cujo nome do vulgo introduzido,
He feliz, por antiphrasi infelice,
. . . . . .
O Cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Aromata chamado:
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo, e teve
Minha fera ventura.
Aqui, nesta remota, aspera, e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço:
Porque fosse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

(12, PAG. LV.)

Com força desusada
Aquenta o fogo eterno

Huma Ilha nas partes do Oriente,
De estranhos habitada.
. . . . . .
A Lusitana gente
. . . . . .
Tem della o senhorio.
. . . . . .
Aqui minha ventura
Quiz que huma grande parte
Da vida, que eu não tinha, se passasse;
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte,
De sangue e de lembranças matizasse.

(13, PAG. LV.)

Em todas as suas poesias compostas no Oriente se vê quanto Camões conservava sempre viva a paixão por D. Catharina. Assim na Canção VI, escripta em Ternate:

Se amor determinasse
Que a troco desta vida,
De mim qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que de huns formosos olhos fosse lida,
A vida e a alegria
Por tão doce memoria trocaria.

E na Canção X:

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum' hora
Lembrava a huns claros olhos que já vi;
E se esta triste voz rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
De aquella em cuja vista já vivi;
A qual tornando hum pouco sobre si,

Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados:
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados;
E (posto que já tarde) piedosa,
Hum pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse:
Isto só que soubesse me seria
Descanço para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.

(14, PAG. LVII.)

Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde e rudo,
Dirão, que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.
. . . . . .
Esta (*a verdade*) me obriga a que em humilde canto,
Vos faça claro a quem vos não alcança;
E não de premio algum vil esperança.
. . . . . .
Não he muito, Senhor, se o moderado
Governo se blasphema, e se desama
Porque o povo a larguezas costumado,
A lei serena e justa, dura chama.

Destas citações se pode conhecer a injustiça com que alguns accusaram Camões de prodigo, e de pedinte, quando sempre he conspicua a nobreza do seu coração. Assim o prova até na maneira por que falla do seu injusto degredo, calando sempre o nome do autor delle. (Diogo do Couto, governo de D. Constantino.)

Digo que huma só vez implorou para si o Conde de Redondo, pois indevidamente alguns Biographos, por imperdoavel des-

cuido, julgaram os versos que escreveo em favor de Orta, e de Heitor da Silveira, como feitos para implorar soccorros ao seu autor.

(15, PAG. LVIII.)

Lembra-te tu, que só de ti esperava
Remedio aos males meus, e então verás
Qual ficou quem em ti só confiava.

(16, PAG. LIX.)

« Em Moçambique achamos aquelle Principe dos Poetas de « seu tempo, meu matalote, e amigo Luis de Camões, tão pobre « que comia de amigos, e para se embarcar para o Reino lhe « ajuntamos os amigos toda a roupa que ouve mister, e não « faltou quem lhe desse de comer, e aquelle inverno que esteve « em Moçambique acabou de aperfeiçoar as suas Lusiadas para « as imprimir, e foi escrevendo muito em hum livro que hia « fazendo, que intitulava Parnaso de Luis de Camões, livro de « muita erudição, doutrina, e philosophia, o qual lhe furtarão, « e nunca pude saber no Reino delle por muito que o inquiri, e « foi furto notavel, e em Portugal morreo este excellente poeta « em pura pobreza. »

Os nomes dos Fidalgos que o resgataram são, Heitor da Sylveira, Antonio Cabral, Luis da Veyga, Duarte de Abreu, Antonio Sarrão, Diogo do Couto e outros, que merecem ser eternisados. (Couto, Dec. 8, cap. 28, pag. 119, Lisboa, 1673; e M. Sev. de Faria.)

(17, PAG. LIX.)

Os homens sensiveis que experimentaram as injustiças dos outros homens, e a extrema adversidade, não me desagradecerão o copiar aqui hum dos sonetos que Camões escreveo durante o seu captiveiro em Moçambique.

SONETO 48.

Oh como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cançada minha!

Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve, e vão discurso humano!

Mingoando a idade vai, crescendo o dano;
Perdeo-se-me hum remedio, que inda tinha:
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança he grande engano.

Corro após este bem que não se alcança;
No meio do caminho me fallece;
Mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando elle foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo a ver se inda apparece,
Da vista se me perde, e da esperança.

(18, PAG. LXI.)

Este Fidalgo que a fortuna tinha carregado de riquezas e dignidades, sem saciar a sua atrevida e altiva ambição (com que até pretendeo, que ElRei tirasse a seu Tio os cargos que occupava para lhos dar), foi o que arbitrou a mesquinha tença de quinze mil reis ao grande Camões, e imprimio sobre a nossa nação o desdouro da sua miseria, e morte em hum hospital.

Imaginou porém fazer esquecer esta grave culpa (quando vio que a fama do autor dos Lusiadas se estendia por toda a Europa), dando commissão a hum Jesuita de compor hum epitaphio latino a Camões, que com licença de Gonçalo Coutinho fez abrir sobre a pedra da sua sepultura. Immediatamente, e depois mesmo não faltaram lisongeiros escriptores, assaz baixos para repetirem e imprimirem este epitaphio, elevando aos ceos a grandeza deste Senhor, e a honra que fizera ao nosso Poeta. Insensatos! não sentiram que hum grande homem só recebe honra quando he louvado por outro seu igual, como o foi Camões pelo Tasso, e não reflectiram que a Posteridade deve castigar ao menos com a sua severa censura os grandes reos, impunes durante a sua vida. *Veja-se* Chronica e Memorias

d'ElRei D. Sebastiaõ; Faria, Europa Portug.; La Clede, na minoridade do mesmo Senhor Rei; Deducçaõ Chronologica, etc. Alli se acharaõ os nomes de Martim Gonçalves da Camara, Escrivaõ da Puridade, de seu irmaõ o Padre Luis Gonçalves, confessor d'ElRei, e dos dous outros Jesuitas, o Padre Torres e o Padre Leaõ, todos unidos entre si. Na Deducçaõ chronologica, obra feita pelo Procurador da coroa, por ordem do Senhor D. Joze, de gloriosa memoria, pode ver-se o quanto a Naçaõ deve queixar-se destes indignos validos, e conselheiros do joven Rei, que infelizmente seguiram e consummaram o que tinham principiado os do Senhor D. Joaõ III.

(19, PAG. LXV.)

Camões dá as provas de que o amor da Patria era o primeiro sentimento do seu coraçaõ, e de que mui cedo concebeo a idea de erigir á gloria nacional o mais bello monumento, que jamais foi elevado á gloria de naçaõ alguma.

Os seus primeiros versos disto mesmo fazem fé; como na Ecloga IV:

Podeis fazer que cresça de hora em hora
O nome Lusitano, e faça inveja
A Esmyrna, que de Homero se engrandece.

E na Ecloga V:

Em quanto eu apparelho hum novo esprito,
E voz de Cysne tal que o mundo espante.

E na Ode VII:

O rudo canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos.

E na Elegia X:

A vida por a Patria, e por o Estado

Pondo vossos avós, a nós deixaram
Em terra, e mar, exemplo sublimado.

E na Ecloga I:

Em quanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no mundo taõ assinalados;
Naõ temas tu, Frondelio companheiro,
Que em algum tempo sejam sobjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offreça.
E posto que a soberba se levante
De inimigos a torto, e a direito,
Naõ creas tu que a força repugnante
Do fero, e nunca já vencido peito,
. . . . . .
O possa nunca ser de força alhea,
Em quanto o Sol a terra e o ceo rodea.

Que sentimentos proprios de huma naçaõ livre e generosa! Que principios, e exemplo a dar a futuras naçoẽs! Isto praticamos em 1808.

(20, PAG. LXVIII.)

Os Lusiadas foram traduzidos em todas as lingoas cultas da Europa, mas nenhuma das traducçoẽs que eu conheço dá huma idea do original, e particularmente do estylo de Camoẽs.

A de Tapia que he a primeira e mais estimada na lingoa castelhana, supposto versificada, pode dizer-se que he huma prosaica, e litteral traducçaõ: assim como a de Carlos Paggi em Italiano. A de Mickle he huma paraphrase do Poema, e posto que lhe dou a preferencia sobre todas, comtudo está longe de conservar ou dar idea do original. A de Nervi em Italiano ainda se affasta mais delle. Em alemaõ confessa M. Boutterwek naõ

existir huma só boa versaõ, e portanto aconselha judiciosamente o modo por que deve Camoẽs ser traduzido, e caracterisa propriamente o seu estylo. A de Fanshaw em verso inglez, e a de Duperron de Castera em prosa franceza, saõ ridiculas; a de M. La Harpe aindaque bem escripta he infiel; e deve estranharse que, depois de confessar que naõ sabia o portuguez, decida sobre o estylo e merecimento de Camoẽs.

(21, PAG. CVII.)

As razoẽs que allega Manoel de Faria para attribuir as sete Eclogas, impressas nas obras de Bernardes, a Luis de Camoẽs, naõ me convencem. A' excepçaõ da Piscatoria, intitulada *Lilia*, cuja poesia mais se approxima da maneira de Camoẽs, as outras parecem-me de Bernardes, que naõ merece ser tratado com tanto desprezo por Manoel de Faria, o qual supposto ter feito milhares de versos, naõ deixou hum só que se conserve na memoria, em quanto o poeta do Lima nos deixou muitos que retem os amantes da poesia. Camoẽs era assaz rico para escusar, ou deixar este pequeno despojo a Diogo Bernardes.

N. B. O annuncio de hum manuscripto do Poema de Camoẽs, com muitas variantes, que pretende o seu autor ter descuberto em Pariz, e dar ao Publico, obriga-me a preveni-lo contra a fraude litteraria de hum *segundo Montenegro*, esperando que este aviso (fundado no meu conhecimento ha muitos annos daquelle fingido M. S.) seja sufficiente para evitar o escandalo que occasionaria a sua publicaçaõ, com tanto desdouro do grande Poeta, como da naçaõ Portugueza. O manuscripto de que este se diz copia jamais existio; as suppostas variantes saõ indignas de Camoẽs; de tudo o que tenho exuberantes provas. Leio, e apenas acho estancia que as sacrilegas maõs naõ profanassem. A Naçaõ deve pôr debaixo da sua *salvaguarda* este monumento nacional, para defende-lo de semelhantes attentados.